

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



LUGARES DA MEMÓRIA

O TRABALHO DRAMATÚRGICO E DE CRIAÇÃO EM TEATRO
E COMUNIDADE PARTINDO DA NARRATIVA DE MEMÓRIAS
COMO INDUTOR CRIATIVO

TRABALHO DE PROJETO

MESTRADO EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM TEATRO E
COMUNIDADE

Ana Sofia Paulo de Almeida

Amadora, Março de 2017

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

LUGARES DA MEMÓRIA

O TRABALHO DRAMATÚRGICO E DE CRIAÇÃO EM TEATRO
E COMUNIDADE PARTINDO DA NARRATIVA DE MEMÓRIAS
COMO INDUTOR CRIATIVO

PROJETO

Ana Sofia Paulo de Almeida

Trabalho de Projeto submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro - especialização em Teatro e Comunidade, realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Rui Pina, Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. E coorientação do Doutor Ramon Santana de Aguiar. Professor na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Brasil. Doutor em Artes Cênicas (UNIRIO 2011).

Amadora, Março de 2017

RESUMO

O presente relatório de projeto tem como objetivo descrever o processo e as metodologias aplicadas no trabalho dramaturgico e na criação em teatro, com o grupo de teatro do Académico de Torres Vedras, a partir da narrativa de memórias dos intérpretes como indutor criativo.

O projeto realizou-se entre Dezembro de 2012 e Junho de 2014. *Lugares da Memória* desenvolveu-se em quatro fases: teve início com um laboratório de Teatro intitulado *OIKOS - Universos Habitados*; seguiu-se a segunda fase com o processo criativo e a apresentação do espetáculo de teatro *Lugares da Memória*; a terceira fase com a criação de *Lugares da Memória Revisitado*; e, por último, a quarta fase com a reposição de *Lugares da Memória Revisitado*.

O trabalho foi desenvolvido tendo como base o processo colaborativo, no qual os intérpretes propuseram materiais em sessão (textos, fotografias, cenas a partir de improvisações...) e acompanharam todas as etapas do projeto (criação de cenografia, figurinos, adereços, produção e pós-produção).

Estiveram envolvidos um total de dezassete jovens intérpretes dos 14 aos 24 anos.

Lugares da Memória realizou um total de cinco apresentações públicas: três apresentações no Teatro Cine de Torres Vedras, a 7 e 8 de Junho e 13 de Dezembro de 2013; uma apresentação no Grande Auditório da Escola Superior de Teatro e Cinema, a 20 de Maio de 2014; e uma apresentação no Cine Teatro de Sobral de Monte Agraço, a 7 de Junho de 2014. Foi visto por um total de seiscentas e dezoito pessoas.

O presente relatório para além de descrever o processo, é apresentado como uma possível proposta de abordagem no trabalho em Teatro e Comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro, Comunidade, Processo Colaborativo, Dramaturgia, Memórias.

ABSTRACT

The following project report has the aim describe the dramaturgy and methodology used in for the creation of a performance with the theatre group from Académico de Torres Vedras. This work departs from the narrative of memoires from the participants involved in the project.

The performance was staged between December 2012 and June 2014. *Lugares da Memória (Memory Places)* was then developed in four stages: it started with a Theatre Lab named *OIKOS - Universos Habitados (OIKOS - Inhabited Universes)* and it was followed by the second stage with the creative process and the presentation of the theater piece *Lugares da Memória*; the third stage was the creation of *Lugares da Memória Revisitado (Memory Places Revisited)* and finally, the fourth and last stage consisted on the return of the latter piece to the theatre.

The project was developed having as a starting point the collaborative process, in which each of the participants showcased and proposed materials in session (texts, photographs, scenes drawn from improvisations...) and were involved in all stages of the project (by designing the scenography, costumes, props and by participating in the production and post production of the work).

In total, there were seventeen young performers involved in the project, from the ages between 14 to 24.

Lugares da Memória was performed to the public five times in total: three of these at Teatro Cine de Torres Vedras, on the 7th, 8th and 13th of December 2013; one performance at the Grande Auditório da Escola Superior de Teatro e Cinema on the 20th of May 2014 and finally, a last performance at the Cine Teatro de Sobral de Monte Agraço on the 7th of June, 2014. In total, *Lugares da Memória*, was seen by six hundred and eighteen people.

This report, besides describing the process of this project, is also meant to be seen as a possible proposal for approaching work developed in Theatre and Community.

KEY-WORDS: Theatre, Community, Collaborative Process, Dramaturgy, Memoirs.

AGRADECIMENTOS

Ao David Silva por ter-me convencido que era capaz.

Aos dezassete jovens corajosos e generosos, por abrirem as portas dos seus universos interiores, por acreditarem e juntos cocriarmos o nosso *Lugares da Memória*: Ana Ferreira, Bárbara Ferreira, Bruna Gigante, Cláudia Santos, Cristiana Pinto, Eda Garcês, Filipa Santos, Gabriel Ferreira, Gonçalo Alves, Inês Carmo, Inês Miguel, Laura Vargès, Lisa Mara, Mariana Pinheiro, Matilde Cabrita, Pedro Gomes e Vanessa Matias.

Ao Orientador Professor Doutor Rui Pina Coelho.

Ao Coorientador Doutor Ramon Santana de Aguiar.

Aos professores da ESTC: Armando Nascimento Rosa, David Antunes, Elsa Braga, Eugénia Vasques, Maria Repas, Rita Maria Wengorovius, José Espadas José Pedro Caiado e Miguel Cruz.

Ao Pedro Azevedo, à Rute Reis e à Laura que nos apoiaram na produção do nosso *Lugares* na Escola Superior de Teatro e Cinema.

À Ana Paula Loureiro, Ana Paula Raposo e Luísa Marques.

Ao Júri.

Ao Académico de Torres Vedras, às várias direções do ATV e coordenadores: Andreia Engenheiro, Brígida Lucas, Cristiana Santos, Gonçalo de Oliveira, Marisa Miranda, Matilde Rebelo, Sandra Lourenço e Valter Lucas.

Aos meus queridos “primos” *Meia dúzia de Oito*: Ana Sofia Santos, José Luís Costa, Marco Ferreira, Rafael Moraes, Ricardo Rodrigues, Sílvia Ferreira e Sylvie Rocha.

À equipa do Teatro Cine de Torres Vedras: ao diretor João Garcia Miguel, Cristiana Vaza, Glória Alves, José Manuel Arsénio, Luís Ferreira e Tiago Gomes.

Ao Mário Rosado por todo o apoio ao longo dos últimos anos, pela disponibilidade e profissionalismo.

À equipa do Cine Teatro de Sobral de Monte Agraço: Dora Martins, Fátima Ferreira, Hélder Mateus e Rita Ventura.

À Junta de Freguesia de Santa Maria, S. Pedro e Matacães pela cedência da carrinha que nos permitiu ir à Escola Superior de Teatro e Cinema.

À minha família pelo apoio, paciência e ajuda constante: José Cláudio Oliveira; Esmeralda e Carlos Almeida.

À Joana Almeida por ser “a minha pessoa”, pelo apoio constante, por acreditar, por estar comigo nos momentos mais importante, por me acompanhar desde sempre nas minhas aventuras teatrais e por saber que posso contar com ela.

Aos amigos que foram aparecendo e registaram os momentos: Ana Rita Rosa, Bruna Gigante, Carolina Cabrita, Pedro Carregal, Rafael Moraes, Ricardo Rodrigues e Rui Ribeiro.

Ao Gonçalo Oliveira pela captação de imagem, edição dos vídeos promocionais e operação de vídeo.

Às Mães Cláudia de Carvalho, Dulce Silvério e Esmeralda Almeida que nos acompanharam nas cinco apresentações ao longo de ano e meio.

À Ana Rita Rosa pelo constante apoio, presença e entrega.

Ao Francisco Chora pelo amor, pelo permanente apoio, por acreditar em mim, por toda a paciência que teve para acompanhar as minhas dúvidas, inseguranças e inquietações.

A todos aqueles que contribuíram na construção e realização do nosso *Lugares da Memória*.

Ao público que esteve connosco em cada apresentação.

Texto conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa vigente a partir de Janeiro de 2009, exceto nas citações diretas, onde é respeitada a grafia original.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. ENQUADRAMENTO DO PROJECTO	3
1.1. Torres Vedras	3
1.2. Académico de Torres Vedras	4
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
2.1. Teatro e Comunidade	5
2.2. Processo Colaborativo	9
2.3. Dramaturgia e <i>Lugares da Memória</i>	15
3. DESCRIÇÃO DO PROCESSO	19
3.1. <i>De OIKOS – Universos Habitados a Lugares da Memória Revisitado</i> ...	19
3.2. Os trilhos de Lugares da Memória	20
4. METODOLOGIA	28
5. REFLEXÕES FINAIS	37
6. BIBLIOGRAFIA	44
7. WEBGRAFIA	46
8. ANEXOS	47
ANEXO A [Planeamento/Mapa das Sessões]	I
ANEXO B [Guião de Lugares da Memória]	XI
ANEXO C [Materiais Promocionais]	XXXIV
ANEXO D [Registos Fotográficos]	LXX
ANEXO E [Conversas com o público]	XCIII
ANEXO F [Registo videográfico de Lugares da Memória]	CXI

INTRODUÇÃO

Lugares da Memória foi o projeto realizado como trabalho final, para a conclusão do Mestrado em Teatro e Comunidade na Escola Superior de Teatro e Cinema. Propus-me a questionar, pesquisar e colocar em prática algumas metodologias que investiguei e outras que experienciei ao longo do meu percurso de trabalho em teatro com as comunidades. O trabalho dramaturgico e criação em Teatro e Comunidade partindo da narrativa de memórias como indutor criativo foi a questão que me propus a desenvolver. Até então o trabalho que desenvolvera tinha como ponto de partida um texto clássico, adaptado ao grupo, potenciando as características e perfil do grupo de trabalho.

A vontade de criar um objeto artístico com repertório próprio em cocriação com a comunidade, fazia parte dos meus objetivos e foi em 2013, em pleno Mestrado que senti não só a motivação, mas a enorme vontade de colocar em prática metodologias que pesquisei e experimentei. Trabalhar a partir das memórias dos intérpretes é uma inspiração e tem um grande potencial dramaturgico, colocar em cena memórias pessoais foi o desafio.

No decorrer do projeto *Lugares da Memória* surgiram-me muitas questões. Entre elas: - Como vou conseguir aceder às histórias de cada intérprete? Que histórias/memórias são material dramaturgico para se colocar em cena? Qual a estrutura? Será necessário a criação de personagens e um enredo? Que metodologia vou aplicar? Que indutores criativos aplicar para recolher material dramaturgico?

E numa fase posterior, após a recolha de fragmentos de memórias: - Como trabalhar dramaturgicamente as memórias tendo como objetivo a criação de um objeto artístico com apresentação pública.

Lugares da Memória foi um projeto que decorreu durante ano e meio, teve início com o laboratório de Teatro *OIKOS – Universos Habitados*, seguiu-se o processo criativo e a construção do objeto artístico com apresentação pública a 7 e 8 de Junho de 2013 e reposição de *Lugares da Memória Revisitado* (uma segunda versão) a 13 de Dezembro de 2013 também no Teatro Cine de Torres Vedras. Foi apresentado a 20 de Maio de 2014 no Grande Auditório da Escola Superior de Teatro e Cinema e

teve uma última apresentação a 7 de Junho de 2014 no Cine Teatro de Sobral de Monte Agraço.

Neste relatório de projeto proponho-me a partilhar o meu processo de trabalho, assim como as questões que foram surgindo, dificuldades e possíveis respostas a essas mesmas questões. Trata-se de um trabalho prático, difícil de descrever ou transcrever a sua essência, mas ficam as inquietações e a vontade de procurar um caminho possível no trabalho junto da comunidade.

1. ENQUADRAMENTO DO PROJECTO

A cidade, a entidade e os Lugares da Memória

1.1. Torres Vedras

Torres Vedras a nível cultural não tem uma produção teatral contínua própria, sendo que as oportunidades de desfrutar de um espetáculo de teatro são geralmente criadas por elementos externos à cidade. A oferta teatral com produção própria, é desenvolvida pontualmente por associações locais.

Existem alguns focos culturais que desenvolvem atividades: Biblioteca Municipal; Fábrica das Histórias; Galeria Municipal; Teatro Cine de Torres Vedras. Mas são as Associações Culturais que promovem atividades e formação contínua em diferentes vertentes (cinema; teatro; dança; fotografia...).

Torres Vedras é uma cidade com 24.630 habitantes, que pertence ao distrito de Lisboa, situa-se a cerca de 41 km da capital. É um dos maiores municípios de Lisboa, com cerca de 79.465 habitantes, subdividido em 13 freguesias. A economia local é em grande parte gerada pelo Comércio e Serviços, no entanto a atividade agrícola (vinha e horticultura), a indústria agroalimentar e metalúrgica e o comércio a retalho assumem um papel preponderante¹.

¹ Fontes: INE, Censos 2011 - XV Recenseamento Geral da População e V Recenseamento Geral da Habitação (Dados Definitivos), 2012.

1.2. Académico de Torres Vedras

O Académico de Torres Vedras (ATV) é uma associação de utilidade pública sem fins lucrativos, fundada em 1995. Atualmente, tem cerca de 500 sócios e constitui-se como uma referência nacional no contributo para o reforço da cidadania participativa. Um dos objetivos principais é proporcionar a todas as faixas etárias, mas, especialmente, à camada mais jovem, momentos de lazer e de prazer, contribuindo para a preservação do gosto pelas atividades desportivas, científicas e culturais.

O ATV é uma associação com a qual desenvolvi projetos durante seis anos de forma contínua (2010 a 2015). Iniciei a minha atividade na associação como coordenadora e professora do Projeto *Ser a Brincar* – Aulas de Expressão Dramática (Atividade de Enriquecimento Curricular no Concelho de Torres Vedras) e coordenadora do *À Descoberta do Teatro* integrado no projeto educativo e em parceria com o Teatro Cine de Torres Vedras, que se propunha a fazer uma visita guiada ao espaço físico do Teatro Municipal, terminando com uma pequena Oficina de Teatro.

A minha primeira experiência como dinamizadora de um grupo de teatro, foi com a adaptação e encenação de *Sonho de uma noite de Verão*, de William Shakespeare (2011) com um elenco de dezoito pessoas (com idades compreendidas entre os 13 e os 35 anos, provenientes de vários locais do concelho). A segunda encenação acontece com *O Tio Vânia*, de Anton Tchekhov (2012) com dois elencos de 11 jovens mulheres.

Pessoalmente fazia todo o sentido desenvolver a minha pesquisa para o Trabalho Final de Projeto de Mestrado no Académico de Torres Vedras, que me tinha proporcionado condições para desenvolver os meus projetos anteriores.

Quando iniciei a terceira produção, já frequentava o Mestrado de Teatro – Especialização em Teatro e Comunidade na Escola Superior de Teatro e Cinema, e desde cedo defini que a minha pesquisa seria a criação de um objeto artístico partindo da narrativa de histórias e memórias dos intérpretes. O projeto iniciou-se em Janeiro de 2013 com o Laboratório de Teatro intitulado *OIKOS – Universos Habitados*, neste laboratório pretendia-se conhecer e reconhecer o universo pessoal de cada participante. As suas histórias e memórias serviam como matéria base para a criação das propostas, assim como a exploração de algumas técnicas teatrais.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. Teatro e Comunidade

A prática de Teatro e Comunidade é um fenómeno mundial, que se manifesta sob diferentes formas. Potenciei muita matéria para conversas, discussões, divagações durante todo o Mestrado, em aulas e conversas de café entre colegas. Pessoalmente senti a necessidade de compreender que Teatro é este, que características o distinguem de outro tipo de prática.

A minha atividade profissional, há cerca de seis anos, tem sido a criação de objetos artísticos com atores amadores, que prefiro definir como intérpretes. Os projetos que realizei partiam em alguns casos de textos clássicos, como William Shakespeare e Anton Tchekhov. No caso de *Sonho de uma noite de Verão*, houve uma apropriação do texto, uma adaptação realizada a partir de improvisações feitas pelos intérpretes em sessão, incluindo algumas expressões e assuntos da atualidade. Seria já um pequeno passo a caminho do Teatro e Comunidade?

Tentei esclarecer esta questão do Teatro e Comunidade com base nas leituras de autores como: Augusto Boal, Paulo Freire, Anthony Cohen, Baz Kershaw, Eugene Van Erven e Márcia Pompeu Nogueira. Proponho-me a apresentar aquilo em que acredito que seja o Teatro e Comunidade. Pretendo limitar de alguma forma as fronteiras deste Teatro e Comunidade que se diferencia de outra tipologia teatral e acima de tudo em que medida se distânciam do Teatro Amador que andam muito próximos na sua prática.

Teatro e Comunidade é realizado em múltiplos contextos e adquire diferentes formatos, assim como as suas abordagens e objetivos. Baz Kershaw (1992) distingue dois tipos de comunidade: A comunidade local, que se refere a um grupo de pessoas pertencentes ou que residem num determinado local, numa área geográfica e comunidade de interesse, em que um grupo de pessoas que se reúne e se une por um determinado interesse ou ideologia.

“we can identify a distinction between communities of location and communities of interest. ‘Communities of interest’, as the phrase suggest, are formed through networks of association that are predominantly characterised by their commitment to a common interest. It follows that such

communities may not necessarily be limited to a particular heographical área. It also follows that communies of interest tend to be idiologically explicit, so that even if the members os a particular community come from diferente geographical áreas they can relatively easily recognise their comon identity. 'Communities of location' are created through networks of relationships formed by face-to-face interation within a geographically bounded área.”

(Kershaw, 1992:30-31)

A comunidade com que tenho desenvolvido os meus projetos é um pouco das duas comunidades de referência referida por Kershaw. É uma comunidade local, pois o coletivo é criado por pessoas que residem no Concelho de Torres Vedras e uma comunidade de interesse, trata-se de um grupo em que o que promove o encontro e o gosto pelo fazer Teatro. O coletivo que se criou para a realização do Projeto *Lugares da Memória* foi composto no total por 17 indivíduos residentes no concelho de Torres Vedras, com idades compreendidas entre os 14 e os 24 anos. O ponto comum foi o gosto pelo Teatro, alguns eram estudantes, outros já trabalhavam e encontravam nas sessões um espaço de partilha e liberdade de criação artística.

Segundo Eugene van Erven:

“(...) Community theatre is a worldwide phenomenon that manifests itself is many diferente guises, yielding a broad range of performance styles. It is united, I think, by its emphasis on local and/or personal stories (rather than pre-written scripts) that are first processed through improvisation and then collectively shaped into theatre under the guidance either of outsider professional artists – who may or may not be active in other kinds of professional theatre –or of local amateur (...)”

(Eugene van Erven, 2001:1)

Existem diferentes estilos de Teatro e Comunidade, no entanto algo que os une na sua essência é a criação de objetos artísticos que têm como base histórias pessoais e locais, partindo de improvisações que ganham a forma teatral através de um trabalho coletivo. Partindo desta afirmação, poderei assegurar que o *Lugares da Memória* teve como base esse princípio, partiu dos universos pessoais de cada intérprete, através da partilha de suas histórias e inquietações, sempre com uma perspetiva artística e dramatúrgica. Posteriormente houve um aumento da escala

dessas memórias, passando pelos locais que caracterizam: a cidade, a praia mais próxima que faz parte do universo coletivo e passou ainda pela festa mais conhecida, o Carnaval de Torres Vedras. Tivemos a percepção que o impacto do espetáculo no público de Torres Vedras foi diferente do público do Sobral de Monte Agraço e da Escola Superior de Teatro e Cinema. Os torrienses reviram-se nas ruas, no jardim público, no curso de Carnaval, vivenciaram o espetáculo de uma forma intensa por se identificarem mais com os temas abordados. As memórias pessoais representadas permitiram ao público rebuscar memórias semelhantes, tratando-se de memórias universais, de infância, medos, assuntos da atualidade.

Márcia Pompeo Nogueira (2007) no seu artigo *Tentando definir o Teatro na Comunidade*² distingue ainda três modelos de Teatro e Comunidade, que se diferenciam pelo grau de participação, objetivos e métodos empregues:

- a) Teatro *para* comunidades, teatro feito por artistas para as comunidades, desconhecendo a sua realidade;
- b) Teatro *com* comunidades, em que a criação do espetáculo é feita com base na investigação da comunidade, tendo em conta as suas características;
- c) Teatro *por* comunidades, aqui o grau de participação da comunidade é maior, pois são os elementos da própria comunidade que integram o processo criativo, vivenciam e experimentam as técnicas teatrais, criam a proposta, o tipo de linguagem, apuram o sentido crítico dos assuntos e temas que selecionaram e que se refletem no espetáculo final.

Para que a prática teatral seja considerada Teatro e Comunidade pressupõe ações que tenham a comunidade como foco de trabalho, elegendo assuntos e questões em que se identifiquem, envolvendo a comunidade no processo de construção de um espetáculo seja como intérpretes seja como público.

Eu acredito no Teatro e Comunidade, enquanto manifestação cultural de um coletivo, que possibilita um espaço de encontro e reflexão sobre o que nos rodeia, partindo de universos individuais, e que se alarga à escala do universo local: da rua, da aldeia, da cidade, do país, do mundo... O Teatro e Comunidade para mim é em

² Marcia Pompeo Nogueira. (2007). "Tentando definir o Teatro na Comunidade" CEATR/ UDESC – Projeto de pesquisa Banco de Dados em Teatro para o desenvolvimento de Comunidades.

primeiro lugar um encontro que permite a escuta do outro, o que sente, o que exterioriza, o que lhe é urgente dizer e depois utilizando as ferramentas teatrais, criar um objeto artístico, que tem como base a arte como forma de comunicação. Pode ser uma música, um movimento, uma fotografia, um vídeo, um texto, o importante é que comunique aquilo a que se propõe. O Teatro e Comunidade permite a valorização do indivíduo, do grupo e da comunidade (intérpretes/público).

Numa sociedade em que impera o individualismo, criar em coletivo torna-se um desafio, reativar pessoas que estão habituadas a ser passivas no seu quotidiano, a ter um papel ativo e crítico na construção de algo é provocar um impulso que depois levam para o seu dia-a-dia.

O Teatro e Comunidade tem também como objetivo a transformação, a mudança, tendo como meio o teatro, estas podem atuar em cada elemento pertencente ao grupo de trabalho, no coletivo ou passando para o público em última instância pelo facto de promover a troca de ideias, a reflexão, a crítica de algo que é comum e que de certa forma estão implicados. É a partir da linguagem teatral que se estabelece o diálogo, a partilha de ideias, de histórias, de memórias individuais e coletivas, valoriza-se o indivíduo, o coletivo e a comunidade, evidenciando a identidade própria, aquilo que nos distingue, o que nos torna únicos e acima de tudo aquilo o que nos une.

Penso no Teatro e Comunidade como um gerador de consciência de si, do outro e do mundo que nos rodeia, utilizando a linguagem artística como meio, que estimula o pensamento coletivo, que promove a participação, a partilha. Projeto o Teatro e Comunidade como um ativador de alteridade, que me permite sentir e colocar no papel do outro, identificar-me e expressar-me através da arte num processo criativo conjunto.

Acredito no Teatro e Comunidade como meio de aproximação dos indivíduos numa sociedade individualista e que está a tornar-se insensível e passiva. Penso o Teatro e Comunidade como agitador de ideias, de reflexões de encontro e transformação.

2.2. Processo Colaborativo

O processo colaborativo é uma metodologia de criação teatral contemporânea. Ganhou destaque no século XX, nos anos 70, havia uma necessidade de ruptura com os processos de criação com base num texto dramático para a estrutura do espetáculo.

No processo colaborativo todos contribuem para a criação, na tentativa de abolir as hierarquias existentes. Há um acumular de funções de acordo com as características de cada indivíduo. Todos trazem e fazem propostas de cena, de texto, de figurinos, de luz, de som, etc... Existe um pensamento coletivo por trás da criação. Esta metodologia tem um cariz experimental, dado a sua estrutura, possibilitando a intervenção de todos os elementos. O texto dramático não existe como ponto de partida, vai sendo construído ao longo do processo, com muitos avanços e retrocessos. Dado não existir uma estrutura baseada numa narrativa ou texto dramático, o sentido vai sendo encontrado à medida que o processo criativo se desenvolve. Como todos os elementos podem contribuir é natural que hajam retrocessos e avanços significativos, pois tudo pode ser questionado, transformado e tomar novos rumos, novas regras, novos códigos à medida que se vai criando o objeto artístico.

Na minha pesquisa encontrei algumas companhias de teatro brasileiras que utilizaram e utilizam ainda hoje esta metodologia de criação como é o caso do Teatro da Vertigem de São Paulo - Teatro de Pesquisa e o Grupo de Teatro Galpão, cuja origem está ligada à tradição do teatro popular e de rua, que ainda hoje são uma referência no panorama teatral brasileiro.

No processo colaborativo a construção do espetáculo é partilhada pelos vários elementos do grupo. Cada componente do espetáculo tem igual importância, sendo que o objetivo é chegar um resultado final como a soma de cada fragmento que o compõe. Transcrevo parte de um texto do Diretor António Araújo do Teatro da Vertigem, com o qual me identifiquei profundamente, quer no conceito, quer nos problemas que o Processo Colaborativo levanta e os quais experienciei.

“ (...) Essa maneira de trabalhar – ainda que realizada de maneira pouco consciente pelo grupo em O Paraíso Perdido – perpassará todas as peças do Teatro da Vertigem, e só mais tarde será denominada processo

colaborativo. Tal dinâmica, se fôssemos defini-la sucintamente, constitui-se numa metodologia de criação em que todos os integrantes, a partir de suas funções artísticas específicas, têm igual espaço propositivo, trabalhando sem hierarquias – ou com hierarquias móveis, a depender do momento do processo – e produzindo uma obra cuja autoria é compartilhada por todos.

No que ela se diferenciaria, pois, da criação coletiva das décadas de sessenta e setenta? Se pensarmos num modelo geral dessa prática – o que nem sempre é apropriado e verdadeiro, na medida em que houve diferentes tipos de criação coletiva, várias delas com traços muito peculiares – existia nela um desejo de diluição das funções artísticas ou, no mínimo, de sua relativização. Ou seja, havia um acúmulo de atributos ou uma transitoriedade mais fluida entre eles. Portanto, no limite, não tínhamos mais um único dramaturgo, mas uma dramaturgia coletiva, nem apenas um encenador, mas uma encenação coletiva, e nem mesmo um figurinista ou cenógrafo ou iluminador, mas uma criação de cenário, luz e figurinos realizada conjuntamente por todos os integrantes do grupo. Se, enquanto projeto utópico, a criação coletiva era extremamente inspiradora e arrojada, a sua prática revelava uma série de contradições. Talvez a mais grave fosse a de que nem todos os participantes possuíam habilidades, interesse ou desejo de assumir vários papéis dentro da criação. (...)

(...)

“Quantas companhias não se dissolveram, traumáticamente, pelas crescentes rugas e incompatibilidades entre seus colaboradores, devido ao desgastante exercício de um pretense “coletivismo”?”

(...)

“Contudo, o processo colaborativo garante a existência de alguém (ou de uma equipe) especialista ou interessado em determinado aspecto da criação, que se responsabilizará pela coordenação das diferentes propostas, procurando sínteses artísticas, articulando seu discurso cênico ou concepção, e descartando elementos que não julgar convenientes ou orgânicos à construção da obra naquele momento.”

(...)

“Posto isso, gostaria de apontar as etapas constituintes de um processo colaborativo, pelo menos da maneira como nós o praticamos. Poderíamos destacar três grandes momentos, a saber:

1. Etapa de livre exploração e investigação: em que as questões centrais do projeto são estudadas, improvisadas e experimentadas, com o objetivo de mapear o campo da pesquisa, levando à identificação de parâmetros e possibilidades. Aqui é onde se dá, fundamentalmente, o levantamento do material cênico;

2. Etapa de estruturação dramaturgica: em que ocorre a seleção do que foi levantado, visando à criação de partituras de ação, esboços de cena e, em seguida, à roteirização propriamente dita. Essa etapa pressupõe o estabelecimento de, pelo menos, uma primeira versão do texto;

3. Etapa de estruturação do espetáculo e de aprofundamento interpretativo: em que a escrita da cena passa a ocupar o centro das preocupações, tanto no que diz respeito às marcações, ao espaço cênico, ao tratamento visual e sonoro, quanto ao aprimoramento do trabalho do ator. O aspecto dramaturgico continua a ser desenvolvido aqui, enquanto lapidação e acabamento, porém como um foco secundário.

Talvez, antes de finalizarmos, possamos ainda discorrer sobre alguns dos problemas ou contradições do processo colaborativo. Por exemplo, como nesse tipo de processo todos são autores e, portanto, propositores de material teatral, há a produção de uma enorme quantidade de cenas. Via de regra, tais cenas passam a ser muito preciosas para quem as produziu. Especialmente se pensarmos que esse material vem de experiências pessoais ou da história de vida de cada ator. Por isso, o valor sentimental agregado a cada proposição se intensifica, e é raro nos depararmos com uma postura de desprendimento quando se discute ou se seleciona cenas do conjunto produzido. Daí a necessidade de uma negociação firme, muitas vezes conflituosa e exaustiva, especialmente por parte do dramaturgo.”

(Diretor ³Antônio Araújo do Teatro da Vertigem)

Existe uma característica do processo colaborativo quase transversal que é a questão da fragmentação, dado a criação ser feita de forma igualmente segmentada. Outra característica é o carácter intuitivo da criação, o resultado final é o acumular de experiências e propostas realizadas ao longo do processo.

Não existe um modelo de processo colaborativo, este vai sendo desenhado à medida das necessidades e vai ao encontro das necessidades do coletivo que o integra.

³ Antônio Araújo é Diretor do Teatro da Vertigem, Professor do Departamento de Artes Cênicas da ECA-USP e Doutorando do PPG em Artes Cênicas da ECA-USP. O artigo citado contém excertos da Dissertação de Mestrado de Antônio Araújo, A gênese da Vertigem – o processo de criação de ‘O Paraíso Perdido’. São Paulo, USP, 2002

O processo colaborativo tem um carácter fortemente pedagógico, pela forma como opera, cada elemento explora em si as competências com que mais se familiariza ou que opta por desafiar-se a pesquisar e desenvolver.

No caso concreto de *Lugares da Memória*, o processo criativo foi realizado de forma colaborativa. Esta opção surgiu não só por necessidade, pois infelizmente não existe uma estrutura que possa assegurar cada componente do espetáculo, o projeto foi proposto e desenvolvido por mim, sendo que figurinos, adereços, cenografia, sonoplastia, banda sonora, desenho de luz, comunicação tinham de ser assegurados de forma autónoma pelo coletivo.

Os temas abordados foram selecionados pelo grupo, assim como os materiais criados, mas coube-me a mim como coordenadora do projeto assumir a maioria das decisões finais, bem como assegurar a dramaturgia e a encenação.

Em todas as etapas do processo de trabalho, as várias propostas e opções foram sendo discutidas no coletivo, analisadas e havia sempre espaço para novas propostas, ou possíveis alterações. À medida que os dias das apresentações iam aproximando-se acabei por ser eu a coordenar e orientar os vários grupos de trabalho na urgência de cumprirmos os prazos e assegurarmos a produção nas instalações do Teatro. Como disse anteriormente os vários elementos do grupo estudam ou trabalham, a sua disponibilidade nem sempre é compatível com os prazos que temos de cumprir.

É muito difícil suspender a fase de experimentação, porque há sempre uma enorme vontade de continuar a pesquisar, a procurar novas abordagens e possibilidades, mas existe uma agenda a cumprir e torna-se urgente concretizar. Neste tipo de criação coletiva, costumo afirmar que o espetáculo já existe, nós só temos de o descobrir. A particularidade do *Lugares da Memória* é ser o resultado do encontro entre os vários elementos do grupo. Se fossem outras pessoas o resultado seria obrigatoriamente diferente, pois a identidade e o contributo pessoal de cada um é que sustenta as propostas.

Cada proposta de cena resulta da sugestão de um ou vários intérpretes, posteriormente da minha reinterpretação do que pode vir a ser a cena e numa fase final o compromisso de chegar a um acordo entre as várias visões. O processo

colaborativo tem um enorme potencial no sentido em que permite explorar o universo de cada um, as referências que cada um traz consigo.

Após uma fase de procura e pesquisa é necessário direcionar o trabalho para algo mais objetivo e concreto, como é o caso da criação de um objeto final com apresentação pública. Posso cair no cliché ao afirmar que o processo é sempre mais enriquecedor do que a apresentação final, mas de facto há momentos em sessão difíceis de se replicar, momentos mágicos, de conquistas alcançadas e que depois numa situação de apresentação passam a banais, é o risco da repetição. Após a fase de procura e experimentação foi traçado por mim um plano base e o grupo apropriou-se da proposta e criou sobre ela. Existe um movimento circular, uma espécie de pulsar criativo que faz avançar e retroceder o processo, até à altura em que é urgente estagnar a proposta, porque ela permanece aberta até ao fim. Existe uma necessidade constante de diálogo e compromisso entre aquilo em que acredito poder ser o espetáculo e aquilo que os intérpretes gostariam que fosse. O diálogo nasce na diferença de visões, o que torna o processo para além de desgastante muito enriquecedor. O intérprete assume um papel crítico e de criação, não é uma mera marioneta manipulável, o que possibilita a exploração daquilo que é autêntico nele e que faz com que o que suba a cena tenha como base essa autenticidade. Eu assumo o papel de mediadora e condutora do processo de criação teatral, tentando sempre que possível levar comigo os intérpretes pela crença daquilo que acho que pode vir a ser o objeto artístico final. Neste tipo de processo não há muito espaço para “a minha cena”, ou “a minha proposta”, ou “a minha ideia”, tudo é passível de ser alterado, transformado e apropriado por qualquer um dos elementos, passa a ser propriedade do coletivo. Este tipo de postura é um desafio constante, a questão autoral é muito importante, “fui eu”, “a ideia foi minha” é algo recorrente no discurso das pessoas. Esta ideia de criar um repositório, em que todos contribuem, apesar de contribuírem de formas diferentes, é complexa e por vezes difícil de gerir, devido à estrutura da personalidade de cada elemento e a competição que está intrínseca no ser humano.

Nessa procura do que pode vir a ser o objeto artístico final, existe um período exploratório, no caso de *Lugares da Memória*, foi partilhado com outros momentos de formação dos intérpretes. Foi necessário trabalhar as competências que considere necessárias para a criação de uma gramática teatral comum tais como: a presença

do ator, o corpo, a voz, o foco da cena... Esta fase de formação foi partilhada com o processo criativo, muitas das vezes os intérpretes exploravam e vivenciavam as técnicas teatrais e em simultâneo criavam as suas propostas. Nessa fase exploratória foi criado um plano de ação, concebi uma estrutura, de forma que a criação acontecesse com um foco ou uma direção. O intérprete partia das indicações ou regras propostas e transformava-as conforme desejasse. Para criar é necessário fronteiras. Depois de uma fase de procura, de criação de propostas foi necessário traçar uma estrutura para plano de trabalho, a criação de um *Canovaccio* foi fundamental. O grupo rapidamente apropriou-se dele e adaptou às suas necessidades. Para a criação do *Canovaccio* foi necessário proceder ao trabalho de “costura” das diversas propostas, criar um estudo prévio do objeto artístico a apresentar. Depois foi seguir em velocidade cruzeiro, trabalhar cena a cena, enriquecendo, tornando as propostas mais sólidas e estruturadas. Foram necessários realizar vários ensaios corridos para agilizar as ligações entre os diversos quadros propostos.

O processo colaborativo possibilita a valorização individual potenciada pelo trabalho do coletivo, fomenta o impulso criativo e ativo dos intérpretes, proporciona a constante negociação daquilo que o coletivo pretende e só é possível tendo como base a confiança, a entrega, a generosidade e a partilha.

O Processo Colaborativo é extremamente eficaz na criação de um objeto artístico que reflita o pensamento do coletivo, ideias e ideais dos elementos que constituem o mesmo. Permite o crescimento artístico, potencia a capacidade de reflexão, desenvolve o sentido crítico, impulsiona o coletivo para a criação de uma obra representativa das ideias e desejos de todos os que o constroem. Acredito que é uma metodologia muito útil na criação teatral.

2.3. Dramaturgia e *Lugares da Memória*

Entendo a dramaturgia como um conjunto de regras estabelecidas, com a finalidade de transmitir determinada sensação, emoção, contexto, informação ou universo.

Comecei a fazer dramaturgia muito antes de saber o que era. Iniciei a minha atividade como encenadora de uma forma tão ingénuo, que não sabia o que significava a palavra dramaturgia. Foi ao longo da minha prática que percebi que uma parte do trabalho que realizava podia atribuir uma nomenclatura. Se o método é o caminho necessário para chegar a algo, poderei afirmar que a dramaturgia é uma espécie de código estabelecido para nos conduzir nesse caminho, potenciando e fazendo subir a palco um espetáculo de teatro, dando sentido ao mesmo.

O conceito e prática da dramaturgia foi-se alterando ao longo da história. Cada projeto acaba por redefinir a *praxis* da dramaturgia, pois cada processo é singular. A dramaturgia está muito ligada ao lado invisível do espetáculo, é a soma de todas as escolhas que estruturam ou organizam o discurso. Não existe espetáculo teatral sem dramaturgia. Hoje ao assistir a um espetáculo de teatro é-me difícil dissociar a dramaturgia em cada uma das formas em que atua, seja dramaturgia de cena, cenografia, figurino, adereço, banda sonora, sonoplastia, audiovisual... O meu olhar está contaminado pela visão dramaturgic, dificilmente consigo ver um espetáculo sem estar a analisá-lo, seja de forma consciente ou inconsciente, uma possível leitura dramaturgic do mesmo. A dramaturgia é aplicada nas diversas áreas do espetáculo desde o texto, à criação de personagens, interpretação, ao movimento, à cenografia, ao figurino, adereços, à luz, sonoplastia e banda sonora. Todas estas áreas constituem uma espécie de teia, em que se vão cruzando os vários “fios” e estruturando o espetáculo. Apesar das múltiplas hipóteses, quando tomamos determinada opção dramaturgic, é apenas uma entre infinitas combinações possíveis. São essas escolhas que podem conduzir o público a várias leituras. O ser humano inevitavelmente interpreta o que vê de acordo com a sua experiência, por isso, cada pessoa sentada no público vê um espetáculo diferente, privilegia uma cena em detrimento de outra, cria empatia com um ou outro intérprete e a soma de todas as suas emoções, interpretações auxilia-o na leitura do espetáculo.

Podemos afirmar que se a dramaturgia fundamenta determinadas escolhas, a encenação revela e torna real. A dramaturgia é o lado invisível do espetáculo. Neste caso concreto do projeto *Lugares da Memória*, a dramaturgia partiu de vários olhares, e cada escolha realizada é fruto desses olhares, sendo sempre um olhar artístico. A dramaturgia e a encenação caminham de mãos dadas, se dramaturgicamente são tomadas determinadas opções é na encenação que se revelam. A encenação intensifica e torna real através dos vários materiais que constituem o espetáculo. No caso de *Lugares da Memória* a dramaturgia teve como ponto de partida diferentes materiais, desde textos, fotografias, músicas, ambientes, emoções ou fragmentos de vídeo. O público é transportado ao longo do espetáculo numa viagem às memórias dos intérpretes, criando empatia com os mesmos, identificando-se com algumas das memórias retratadas.

O trabalho dramaturgicamente nunca está terminado, mesmo quando fechamos o espetáculo há sempre acertos a fazer e tudo poderia ser outra coisa, basta que se mudem os códigos.

A dramaturgia cria o sentido do espetáculo, é sempre um modo entre muitos de dar a ver. A seleção dos diversos materiais dramaturgicamente afetam-se entre si, seguem um determinado sentido, relacionam-se, implicam-se. Por exemplo a dramaturgia na construção de personagem, no caso concreto de *Lugares da Memória*, cada intérprete foi desafiado a criar uma personagem para cada cena: como serei eu nesta situação; como equilíbrio a cena; em que medida o meu contributo enriquece o que queremos transmitir? Estas eram algumas questões colocadas sobretudo nas cenas coletivas, em que cada um era convidado a criar uma situação, personagem ou contributo nem que seja sob a forma de coralidade. - O que podes acrescentar à cena? Umás vezes eram eles próprios, outras emprestavam o corpo, a voz, a sua presença a uma personagem. Onde terminava o ator e começava a personagem? O real e a ficção confundem-se e essa foi uma premissa assumida desde o início. Tudo o que se passou em cima do palco, só mesmo o grupo sabia o que era “verdade” e o que era ficção, e mesmo essa verdade deixou de o ser a partir do momento que sofreu o olhar dramaturgicamente... a memória é sempre algo que muda com a passagem do tempo, e a própria dramaturgia quis acentuar a questão da passagem do tempo e como afeta as nossas memórias.

A dramaturgia cria universos, universos esses que foram partilhados inicialmente sob a forma de pequenos textos que contavam memórias e que passaram a ser matéria dramática, sob o olhar artístico sofreu alterações, interpretações e contributos de cada elemento do grupo passando a ser uma outra memória e o público fez a leitura dessa mesma memória, passando a ser uma memória comum. Cada cena é sujeita a inúmeras interpretações. Quanto mais abstrata for a cena, mais espaço para as diferentes leituras existe. Eu fiz uma leitura da cena, o intérprete fez outra e o público fará uma leitura diferente. São diferentes olhares sobre o mesmo objeto. Foram criados alguns códigos em conjunto com os intérpretes, apropriaram-se desses mesmos códigos e interpretaram-nos, o público vê o somatório das escolhas dramáticas (o ambiente, o som, luz, figurino, personagem, movimento, gesto, palavra) vive a cena cruzando as suas próprias memórias.

O espetáculo teatral é sempre uma obra que para além de ser vista é vivida. A apresentação final do *Lugares da Memória* foi um espaço privilegiado de partilha de memórias, em que todos os materiais seguindo determinada leitura, foram reunidos e construíram uma realidade que termina quando a apresentação termina. Acredito que o público fez a sua própria leitura dramática do espetáculo e a prova disso, é que no final de cada espetáculo, elementos do público colocaram questões sobre algumas cenas, ambientes, personagens, temas ou situações apresentadas. Os elementos do público perguntaram se a sua leitura estava correta ou qual a razão de determinada escolha. As conversas finais, após o espetáculo, foram igualmente enriquecedoras, assim como todo o percurso realizado até à apresentação final. O público viajou connosco durante oitenta minutos. O carácter imprevisível e fracionado do espetáculo levaram a uma constante procura e interpretação dos códigos. O público riu, chorou, comoveu-se com a generosidade e entrega dos intérpretes, cada cena levou-nos a um lugar, a uma memória muito próxima de outra memória que possuímos. A dramaturgia apoiou nessa construção de realidades e universos. O público projeta-se e identifica-se com determinada cena de acordo com o seu próprio universo. O trabalho dramático assentou numa recolha sintética do quotidiano. Devido à diversidade de cenas e ambientes criados, foi necessário criar códigos fáceis de ler, construir, e desconstruir para que as cenas sucedessem de forma fluida, construindo novas realidades. Essa lógica funciona mais a nível interno, na estrutura do

espetáculo, aquilo a que o intérprete necessita registar para depois quando estiver em palco saber o que quer comunicar, na realidade essa estrutura lógica funciona mais para nós intérpretes, encenadores, porque o público fará a sua própria leitura, construindo a sua lógica. Cada cena comunica por si, criando uma coerência e relação com o todo.

A passagem do tempo foi a linha condutora de todo o espetáculo. Apresentámos uma narrativa fragmentada com múltiplas histórias e que certamente proporcionaram ao público recordar algumas das suas memórias. Inclusivamente a última cena é aberta, integra o público, é o cruzamento de olhares e corpos que atravessam a sala, tornando ainda mais real o encontro. Os intérpretes estiveram em palco a partilhar as suas memórias e terminam cruzando-se com o público, intensificando ainda mais esse encontro, quebrando a quarta parede, cumprimentando, olhando, trocando palavras de agradecimento e reconhecimento. Foi uma das cenas mais fortes referenciadas pelo público. *Lugares da Memória* propôs-se a fazer uma viagem à memória, em primeiro lugar uma viagem realizada pelos intérpretes. Acreditávamos que o público ao ser confrontado com as “nossas” memórias iria visitar algumas das suas. Tentámos retirar o público do seu estado passivo, em que apenas observa. A dado momento o público é convidado a subir a cena e vivenciar um pouco o que são os festejos do Carnaval de Torres Vedras, a folia nas ruas. Tínhamos receio que o público não participasse, a realidade é que durante o espetáculo tivemos dificuldade em retirar o público do palco, para prosseguir com o espetáculo tal foi a alegria de reviver o Carnaval mais português de Portugal mesmo que por breves momentos. O impacto que esta cena teve quando realizámos o espetáculo noutras locais foi notoriamente diferente. Aqui está a prova que a identificação intensifica a emoção e vivência do espetáculo. A dramaturgia cria sentidos, cria contextos, mundos e universos, parte de um olhar artístico sobre os diversos materiais, potenciando a sua expressividade.

A dramaturgia bebe da forma como lemos o mundo, da forma como lemos os sentidos, a forma como vemos o mundo é uma construção e nós (re)construímo-nos nesses mundos.

3. DESCRIÇÃO DO PROCESSO

3.1. De *Oikos - Universos Habitados a Lugares da Memória Revisitado*

O projeto foi desenvolvido durante um período de ano e meio (Janeiro 2013 a 7 Junho de 2014), com três elencos, grande parte dos elementos permaneceram nas quatro fases, houve entradas e saídas de pessoas, como é normal em trabalhos desta natureza. Estruturei o projeto em quatro fases:

Fase 1 – Laboratório de Teatro | *Oikos – Universos Habitados*

Fase 2 – Processo Criativo de *Lugares da Memória*

Fase 3 – *Lugares da Memória Revisitado*

Fase 4 – Reposição de *Lugares da Memória Revisitado*

O projeto teve início em Janeiro de 2013, com um laboratório de teatro intitulado *OIKOS – Universos Habitados* que tinha como ponto de partida o universo de cada intérprete na criação de um objeto artístico com apresentação pública.

O projeto nasceu da minha enorme vontade de colocar em prática algumas metodologias experienciadas nas aulas de Laboratório de Teatro e Comunidade pela professora Rita Maria Wengorovius. Dessas aulas resultou *Marcos Poéticos* (2013) (espetáculo baseado em memórias de infância), que me marcou enquanto intérprete e acima de tudo considerei que seria um processo com grande potencial e que deveria ser partilhado. Este objeto artístico foi criado tendo como base as memórias pessoais dos intérpretes, na sua maioria, procuram envolver o público, desafiando-o a resgatar nas suas memórias situações semelhantes, estabelecendo uma forte ligação entre o intérprete e o público durante essa partilha de testemunho.

Há anos que pretendia criar um objeto artístico com repertório próprio, com a experiência de *Marcos Poéticos* encontrei a motivação e confiança para iniciar a minha pesquisa. A questão que coloquei desde início foi: Como levar a palco a narrativa de memórias de um grupo de pessoas? Que trabalho dramaturgico é possível realizar de forma a criar um objeto artístico merecedor de ser partilhado com o público? Como se opera essa transformação?

3.2. Os trilhos do *Lugares da Memória*

Numa fase inicial (fase 1 – A Origem), o *Laboratório Oikos - Universos Habitados*, pretendia conhecer as pessoas que constituíam o grupo, a partir de desafios lançados em sessão, utilizando as ferramentas do teatro e da expressão como veículo. Foram realizados exercícios e dinâmicas de grupo, sempre com o objetivo de criar confiança, coesão e espírito de grupo, para podermos avançar para o processo criativo coletivamente. Nesta fase foram desenvolvidas algumas competências como: a presença em cena, a direccionalidade do olhar, capacidade de improvisação, foco de ação, projeção de voz, articulação, subtexto, escuta e coralidade...

Desde cedo (logo na terceira sessão) foram discutidos os temas que o grupo gostaria de trabalhar, coloquei a seguinte questão “Dia sete e oito de Junho de 2013 teremos o palco do Teatro Cine de Torres Vedras ao nosso dispor, o que querem dizer enquanto estiverem em cena?” As respostas que fomos encontrando foram o resultado de encontros e desencontros permanentes, com uma enorme vontade de criar e partilhar.

Todo o trabalho desenvolvido de Janeiro de 2013 a Junho de 2014, foi um trabalho coletivo, com muita conversa, discussão de pontos de vista e partilha. A maioria das decisões foram tomadas em grupo, em conversas, votações e em última análise fui eu quem decidi, eu era o único elemento que apesar de estar dentro do projeto tinha o olhar exterior. Grande parte do meu trabalho foi de coordenação e observação, passar horas a olhar para as propostas que faziam, quer em sessão, quer a ler os materiais escritos que me enviavam por correio eletrónico ou entregavam em papel e pensar o que podia fazer com eles, como os poderia transformar em matéria dramática e cénica. Os registos fotográficos, vídeo e áudio recolhidos em todo o processo foram preciosos e importantíssimos para não perder pormenores das propostas apresentadas.

As sessões eram realizadas uma vez por semana, com a duração de 2h30m. Após sete sessões, de um trabalho mais livre e divergente, em que nos conhecemos e experienciámos através de exercícios, algumas ferramentas teatrais e possíveis linguagens a desenvolver, foi tempo de criar um plano de trabalho convergente, de

voltar a reunir e tornar o nosso trabalho mais focado para o objeto final a apresentar daí a dois meses.

O início do processo criativo foi direcionado tendo sempre a noção que seria necessário criar um objeto artístico com apresentação final.

As possibilidades eram infinitas. Como escolher um material em detrimento de outro? Nesta fase já tinha reunido os registos escritos que o grupo partilhou de forma muito generosa, assim como os das sessões.

Existiam muitas questões com as quais me debatia: que rumo tomar? Que materiais seleccionar? Havia uma imensidão de possibilidades, de combinações possíveis que proporcionavam a criação de uma infinidade de objetos artísticos. Tive que criar uma metodologia, uma lógica que estruturasse as decisões. Ao ter dez elementos no grupo, tinha que criar uma proposta em que cada um tivesse o seu momento, que houvesse um equilíbrio a nível de participação. Existiam elementos que tinham mais facilidade em escrever que outros, deste modo as contribuições eram desequilibradas. A grande dificuldade foi conseguir motivar os elementos do grupo a partilhar as suas histórias, mesmo aquelas que achavam que não tinham importância nenhuma.

Foi nesta fase que me apercebi do peso e do significado que a palavra Teatro tinha e para os vários elementos do grupo. O conceito de Teatro estava ainda preso a uma versão texto-dependente, com a necessidade de um enredo, de personagens, não haviam referências de teatro contemporâneo. Um teatro com outras características, como a eliminação da quarta parede, com a cocriação e escrita de textos coletivamente, em que o intérprete é mais valorizado que o autor. Em que há uma forte componente experimental, indo um pouco ao encontro da referência do “Teatro Pobre” de Jerzy Grotowski, em que o teatro é realizado com uma grande economia de meios. Neste caso a falta de orçamento foi um dos desafios e a resposta encontrada foi manter um palco vazio que era ocupado de forma fragmentada. Os diferentes ambientes eram criados recorrendo ao desenho de luz, à música, adereços e códigos teatrais distintos. A maior dificuldade encontrada foi conseguir desmitificar que teatro não é só texto, não são só personagens, que a narrativa de nossas memórias pessoais é um material muito digno e rico para ser trabalhado dramaturgicamente. Alguns elementos com quem trabalhava há vários anos, foram os

que criaram mais resistência, trabalhámos clássicos como o *Sonho de uma noite de verão* e *O Tio Vânia*, como é que agora iriam subir a cena interpretando memórias tão triviais e quotidianas?

Este processo de conquista da confiança dos dez elementos foi contínuo, talvez menos nas duas últimas fases (*Lugares da Memória Revisitado* e *Reposição de Lugares da Memória Revisitado*) por já termos comprovado na estreia que o trabalho tinha valor e por termos recebido *feedback* positivo da parte do público e familiares. O grupo estava mais confiante, aprendeu a confiar com base na experiência e apesar de estarem fora da sua zona de conforto e das suas referências teatrais acreditavam no potencial do trabalho apresentado.

Numa fase inicial tive que responder à necessidade do grupo de criar “personagens”, pois os intérpretes recusavam-se a ser eles mesmos, apesar de o fazerem constantemente nas sessões, a responsabilidade de subir ao palco e fazer de si mesmo era muita e a pressão e a falta de confiança no trabalho ainda era grande. Deste modo criámos “personagens” a que eu chamo “personagens fantasma”, pois atuavam como desbloqueio psicológico, mas que foram necessárias para o grupo sentir-se motivado e acreditar.

Criámos um jogo em que a realidade e o teatro coabitavam, decidi que as “personagens” teriam exatamente os mesmos nomes que os elementos do grupo, o que gerou um caos em cena, que apesar de tudo proporcionou momentos de enorme divertimento. O Gonçalo era o Gabriel, mas não era o Gabriel, apenas partilhavam os mesmos nomes. O Gabriel era o Gonçalo. A Eda era a Bá. A Bá era a Bruna. A Bruna era a Eda. A Matilde era a Cristiana. A Cristiana era a Ana. A Ana era a Matilde. A Lisa era a Laura e a Laura era a Lisa. O caos estava instalado, numa altura em que alguns elementos do grupo ainda nem sabiam ainda os nomes de cada um. As personagens foram criadas, quem são? De onde vêm? Como se encontraram? O “onde” era o único elemento comum. Tinham que se encontrar no interior de um teatro abandonado, em que tiraríamos partido das instalações do Teatro Cine de Torres Vedras para a cena. Iniciámos improvisações com base nas personagens construídas que possuíam algumas das histórias que cada elemento tinha partilhado.

Na improvisação era necessário dar a conhecer a sua personagem e as histórias do próprio intérprete. Depois de criar essas improvisações, foi tempo de

apresentar propostas mais próximas da linguagem que pretendia e que acreditava ser o nosso caminho, uma linguagem mais contemporânea, utilizando uma narrativa fragmentada e não linear.

Depois de um momento de muita experimentação, foi necessário tornar-me objetiva, criei mapas de ideias, coloquei na parede os registos dos 10 intérpretes que representavam as 10 personagens e as histórias que tinham partilhado. Estava em pleno labirinto criativo, era urgente apresentar propostas e direccionar o grupo para aquilo em que acreditava. A música selecionada, os objetos que fui aplicando a cada proposta de cena foram essenciais para criar o ambiente e estruturar a base em que o texto se instalava. Um dos meus objetivos era provar ao grupo que teatro não era só texto, cenários e personagens. Como tal ambicionava apontar para vários tipos de códigos de linguagem, que acabavam por combinar com a variedade de fragmentos de narrativas de memórias. Algumas cenas propostas partiram de: imagens, vídeos, fotografias, músicas, textos, o que acabou por gerar cenas que sobrevivam só por si como pequenas performances isoladas mas que unidas pelo fator “passagem do tempo” criaram o seu fio condutor e um objeto único.

Chegámos à conclusão que o tempo cronológico seria o nosso fio condutor. O efeito que o tempo tem na memória, como a busca de memórias se opera e que ao lembrar-nos de uma memória inevitavelmente liga-nos a outra e outra. Como cada narrativa de memória levava-nos a um lugar. Numa das sessões, com a necessidade de dar um título ao nosso espetáculo (por questões de divulgação) fizemos mais um *brainstorming* que resultou o nosso *Lugares da Memória*.

Todo o processo foi partilhado com o grupo. Mesmo quando já trazia para sessão a estrutura de uma cena, havia sempre espaços em branco por preencher, com movimento, texto que lhes pedia para criar, proposta de ambiente, objetos... Eu levava uma estrutura, mas era o grupo que se apropriava dela, transformava e criava como a sua nova realidade. O meu trabalho parte muito daquilo que é natural e orgânico no intérprete, crio sempre uma espécie de *briefing*, algo que crie algumas fronteiras para que possam criar livremente, mas havendo sempre um sentido que é comum, um objetivo qualquer, que por vezes chega a ser abstrato.

A liberdade de criação sem qualquer orientação é aterradora e por vezes bloqueamos com o facto de se poder fazer tudo. Daí ser necessário colocar alguma

questão ou problema que necessita de resposta ou resolução. Como sou eu nesta situação não sendo eu? Mas não sabendo bem quem sou, ou com o pretexto de ser outra coisa qualquer? Pois se é de teatro que estamos a falar, a fronteira entre o real e a ficção são ténues. Decidimos assumir esse jogo. O que é real? O que é teatro? Estas duas questões faziam parte dos nossos materiais de comunicação.

Para o espetáculo fizemos uma espécie de pacto, não revelaríamos que histórias eram verdadeiras, quem representa a sua história ou a de outro elemento. Esse tipo de descoberta deixámos a cargo do público, para nós não era importante. Foi a forma que criei para proteger algumas memórias delicadas de alguns intérpretes, como foi o caso de uma cena sobre maus tratos e violência doméstica. Era importante que o grupo se protegesse, que estivesse em cena a suportar a cena um dos outros, a criar os ambientes, a fazer contracena, a simplesmente estar ali naquela partilha de memória. Para conseguir atingir esse estado de “escuta” permanente foi necessário trabalhar profundamente através de exercícios em que os resultados por vezes eram muito frustrantes, mas a partir do momento que atingiam o objetivo, esse estado de presença, de coralidade, de contracena, de ação reação acabava por tornar tudo mais vivo em cena. Era importante a cooperação e colaboração constante pois a nossa proposta assim o exigia.

Lugares da Memória tinha como base a narrativa de fragmentos de memórias de uma forma não linear, oscilava entre cenas divertidas e cenas mais sérias e com maior densidade emocional, o fio condutor era a passagem do tempo, que era afirmado com o virar de uma ampulheta à boca de cena sempre que mudávamos de memória.

Para reforçar a ideia de memórias foi criado uma espécie de “sótão/ ilha das memórias” junto da ampulheta, no final de cada narrativa era deixado um objeto que representava ou fazia referência à cena apresentada, a viragem da ampulheta indicava a mudança da memória. Por último terminávamos a apresentação com a composição dessa “ilha” de objetos referência a cada memória e os dez/catorze (dependendo da fase) intérpretes à boca de cena.

A narrativa de memórias também sofre um aumento de escala, passamos de memórias individuais, que apesar de algumas delas serem universais, para a escala da cidade de Torres Vedras. O que caracteriza a cidade de Torres Vedras? A história?

A gastronomia? As personagens míticas? Os rituais, neste caso o Carnaval. Na cena do Carnaval é quebrada a quarta parede e o público é convidado a fazer parte da cena, dando uns passos de dança em profunda euforia numa réplica do ambiente do tão conhecido Carnaval de Torres Vedras. Obviamente que o impacto que esta cena teve no público torriense foi completamente diferente do público que não conhece ou vivenciou o carnaval de Torres Vedras.

As imagens de Torres Vedras são memórias coletivas, as pessoas passam por aquelas ruas, veem os monumentos e claro têm uma ligação emocional com o Carnaval. No fim voltamos a quebrar a quarta parede, os intérpretes que tiveram mais de uma hora a partilhar as suas histórias, as suas memórias, vão até à plateia, iluminando o público com as suas lanternas e atravessam as filas, apresentando-se e agradecendo a presença do público. Este encontro entre público e intérpretes foi destacado como um dos momentos mais marcantes do espetáculo, esse encontro reforçou aquele momento de partilha daquele Lugar que passou a ser de todos.

Após a estreia de *Lugares da Memória*, depois do elenco ter recebido o *feedback* positivo do público, os receios dissiparam-se e a vontade de fazer mais e melhor manifestou-se. Assim o grupo pediu para continuar o projeto, mas desta vez fazer “aquele tipo de teatro” e abandonar a necessidade de ter uma personagem, um enredo instalado num cenário. Um dos elementos do grupo que entrevistei após a estreia revelou que não fazia ideia que “teatro podia ser tanta coisa”. Finalmente tinha conquistado a confiança do grupo, no final da apresentação pública estávamos prontos para começar.

Deixámos passar o verão, em setembro abrimos as portas para a entrada de novos elementos, novos universos e decidimos criar o *Lugares da Memória Revisitado*, uma espécie de visita a um local que não era bem o mesmo, um pouco como acontece às nossas memórias. Vimos os registos do espetáculo em vídeo, parámos cena a cena, discutimos o que funcionou, o que precisava de ser melhorado.

Após uma forte crítica e reflexão do que tínhamos apresentado, traçámos um plano, muito semelhante ao que se faz em arquitetura nas remodelações, que paredes íamos deixar e que paredes partíamos, a base, a estrutura que acreditávamos funcionar mantínhamos, era importante criar um novo lugar, mas que ficassem

registos do que tinha sido. Ainda assim abrimos espaço para reestruturar mais de metade do espetáculo, mas deixámos as paredes-mestras.

Saíram dois elementos e entraram seis, curiosamente os mais novos do elenco, seis elementos de catorze anos. Seis novos universos a serem partilhados, desta vez tinha os oito elementos do grupo inicial a apoiar e a fazer o reforço daquilo que eu propunha. Reiniciámos o processo criativo, novos temas, novas cenas, o trabalho de criação de grupo teve que ser refeito, assim como o aprofundar das técnicas básicas de representação. Dos seis elementos, apenas três tinham alguma experiência em teatro e vinham com um universo muito infantil, mas rapidamente se identificaram com as temáticas e com a linguagem. Os adolescentes têm essa vantagem, têm uma enorme vontade de crescer e experimentar.

Tenho como metodologia trabalhar por camadas e equilibrar cenas que funcionam, com cenas que precisam de ser trabalhadas, é uma forma de manter o grupo motivado, assim fui integrando gradualmente os novos elementos e as novas propostas. Foram necessárias cerca de dezanove sessões, com ensaios corridos incluídos, para levarmos novamente a cena a nossa proposta a nossa revisita ao *Lugares da Memória*.

Voltamos a estar em cena no Teatro Cine de Torres Vedras, na noite de 13 de Dezembro de 2013 estiveram presentes 280 pessoas no público, algo raro, pela falta de adesão do público às ofertas culturais. Após oitenta minutos de espetáculo, convidámos o público a ficar à conversa connosco. A troca de ideias, a partilha de sensações e questões relativas ao espetáculo durou quase uma hora. O público aplaudiu e voltou a sentar-se para ouvir e questionar-nos.

A relação tinha sido criada, a vontade de estar ali connosco a falar do que se tinha passado era pertinente. Foi aí que tive a noção que o Teatro e Comunidade continuava após os aplausos, naquela troca de ideias, de sugestões, de necessidade de resposta a dúvidas. O grupo esteve fantástico e à altura da ocasião, gerou-se um clima de cumplicidade. Mais uma vez o *feedback* do público foi muito positivo e a vontade de continuar mais uma vez imperou. Desta vez para a última fase a Reposição do *Lugares da Memória Revisitado*.

A experiência tinha sido boa de mais para terminar apenas com a apresentação de um espetáculo, queriam mais.

Em Fevereiro de 2014 voltámos a abrir as portas à entrada de novos elementos, saíram algumas pessoas por questões profissionais, e recomeçámos o processo criativo em alguns fragmentos do espetáculo. Com a saída de três elementos, foi necessário refazer o guião, adaptando o espetáculo ao atual número de intérpretes, mais uma vez recomeçámos. Criação do grupo, análise cena a cena do espetáculo, o que podemos mudar, o que podemos melhorar, o que cortamos, o que falta? Apesar de grande parte da estrutura se manter, o facto de haver uma rotatividade de pessoas a fazer cenas de novo, levou a uma re-encenação e dramaturgia de cada cena. Se o trabalho depende do intérprete, o que sempre transmiti é que ninguém estava a substituir ninguém, que cada um tinha que se apropriar da cena, tendo em conta as “regras” ou sentido, em suma a dramaturgia da cena.

Após alguns meses de trabalho e permanente pesquisa e descoberta, apresentámos o *Lugares da Memória Revisitado* na Escola Superior de Teatro e Cinema e por último para encerrar o projeto no Cine Teatro de Sobral de Monte Agraço. No final de cada apresentação houve uma conversa com o público e de todas as vezes que conversámos, foi sempre uma conversa enriquecedora e tocante, na medida em que o trabalho era valorizado e que tínhamos estabelecido uma relação de cumplicidade com o público, que inevitavelmente ao ser confrontado com as nossas memórias lembrava-se de algumas das suas. Essa partilha foi extraordinária.

O facto de o projeto ter tido a duração de ano e meio, permitiu aos intérpretes um enorme crescimento. Evoluíram não só como intérpretes, mas como pessoas, hoje dizem que são melhores a escutar e que levaram grande parte da disciplina e responsabilidade necessária na realização do espetáculo para o seu quotidiano. As propostas dos intérpretes cresceram de temporada para temporada, tornaram-se mais sólidas e inteligentes, tiraram partido de recursos e ferramentas que inicialmente não tinham noção ou conhecimento. Finalmente agora podemos recomeçar uma nova aventura teatral!

4. METODOLOGIA

Após a realização do projeto Lugares da Memória, não foi fácil conseguir distanciar-me do objeto em si, ter consciência e sistematizar a metodologia que tinha aplicado. Tenho a plena noção que não criei nada de novo ou original, a minha metodologia é o resultado da soma das experiências que tive como intérprete, das formações que realizei, das pessoas com quem trabalhei e claro o meu olhar sobre o grupo.

A metodologia que apliquei serve de referência e sofre alterações à medida que vou abraçando novos desafios, está em permanente mutação, tentando adaptar-se ao grupo e projeto em questão. Talvez seja esse um ponto forte do meu trabalho, a capacidade de adaptação da metodologia de acordo com a natureza, a vontade e pulsação de cada grupo com que trabalho. O grupo de *Lugares da Memória* não foi exceção, aliás foi certamente o ponto de viragem e a afirmação da minha metodologia, porque até então havia trabalhado por intuição, respeitando um alinhamento sem e consciência da mesma.

Tento criar um ambiente confortável, familiar, relaxado, trabalhamos descalços e no inverno com meias grossas. Proponho aos grupos que tragam roupas confortáveis, que não prendam os movimentos e que permitam que estejam disponíveis. Cada vez que abraço um novo projeto, ou um novo grupo, tenho o cuidado de ler as pessoas que tenho comigo, as suas motivações e expectativas. Essa leitura vai sendo realizada ao longo das sessões, pela forma como cada um se expressa verbalmente ou linguagem corporal. Como entra em cada exercício, se está disponível para o fazer, se faz resistência, se bloqueia, se está confortável ou não. Início sempre a sessão com pequenos exercícios de aquecimento corporal, que passam com o simples andar pelo espaço, com ritmos diferentes e indicações que quebram e ativam a atenção, numa tentativa de deixar os problemas e o quotidiano do lado de fora da porta. É extremamente importante que cada um explore o espaço fazendo uma composição equilibrada, tendo a noção do seu espaço, do espaço do outro e da composição do movimento realizado pelo coletivo. Este exercício só por si exige que o grupo esteja unido e disponível, que trabalhe em conjunto, se apoie. Preenchendo os espaços vazios, prevendo o movimento dos colegas e reagindo de acordo com os estímulos e mudanças de forma equilibrada.

Emprego dinâmicas de libertação, em que cada um é convidado a dançar ou criar movimentos ou uma história que o colega pode seguir ou quebrar. Neste exercício é possível apreciar quem entra no jogo e quem o corta porque sente necessidade de criar algo seu.

Após o aquecimento corporal, faço por norma alongamentos. Segue-se o aquecimento de voz e exercícios de articulação e projeção. Quando as sessões contemplam no planeamento ou quando o grupo demonstra sinais de cansaço ou stress, realizo exercícios de relaxamento, recorrendo a exercícios de meditação ou *Mindfulness*.

Quando sinto que o grupo já está comigo começo a sessão, quando o sinto disperso efetuo exercícios ou jogos de concentração que exigem trabalho de grupo, de escuta e ação reação ativando a presença e atenção.

Em pleno processo criativo faço jogos teatrais que fui reunindo nas formações que realizei, socorro-me de exercícios que selecionei do livro “O Jogo Teatral no Livro do Diretor” ou “Improvisação para o Teatro” ambos de Viola Spolin. Recorro também a exercícios de expressão dramática que fui recolhendo quando fui professora de Expressão Dramática, recriando e adaptando ao grupo e ao projeto. Dos exercícios nascem novos exercícios e por vezes é fácil confundir a autoria. O próprio grupo de trabalho cria novas regras e variantes dos jogos e exercícios originais. Como INDUTORES CRIATIVOS houve sessões em que as propostas foram criadas a partir de temas, palavras, frases, excertos de textos, imagens, músicas, fotografias, objetos ou vídeos. Houve necessidade de deixar o grupo à vontade para escrever sobre os temas que juntos seleccionámos ou criar textos livremente, tendo como base o conceito de memórias ou partindo de histórias pessoais ou de pessoas conhecidas. Também houve espaço para a ficção e misturar realidade com ficção. Os intérpretes durante uma fase de pesquisa tiveram toda a liberdade de criação. Depois com a urgência da construção do objeto artístico foi necessário fixar materiais e trabalhar sobre eles. Todas as sessões foram planeadas, no entanto o planeamento em algumas ocasiões sofreu alterações ou porque o grupo foi numa determinada direção e tornou-se mais interessante a pesquisa ir nessa direção, ou porque o grupo não estava a reagir ao planeamento inicial. Quando se trabalha com a comunidade é fundamental ter sensibilidade para adaptar ao estado em que o grupo se encontra e por vezes apenas

conversar sobre temas que aparentemente não têm nada a ver com o trabalho que está a ser feito, produzem um impacto positivo no grupo e até de uma simples brincadeira descontraída pode surgir uma proposta de cena. É importante perceber a pulsação do grupo e respeitá-la.

Tento criar momentos descontraídos com sessões mais alargadas que permitem um maior convívio, almoços, lanches ou jantares partilhados. Por vezes vamos juntos ver espetáculos e realizamos pequenas discussões sobre os mesmos, de forma a enriquecer a nossa prática com reflexões sobre estética, poética, dramaturgia e pensando em alternativas a algo que não apreciamos.

Na fase final, de apresentação pública, já no Teatro, tento manter o “ritual” normal da sessão, adaptando ao espaço, de forma a que o grupo se familiarize, o corpo tem memória e associamos a realização de determinados exercícios a uma sensação de bem estar. Antes de entrarmos em cena, já com o aquecimento corporal e de voz é tempo para o “discurso motivador”, rever algumas questões técnicas que possam não ter corrido bem no ensaio geral, mas acima de tudo reforçar o valor do nosso trabalho, a confiança e orgulho que tenho no grupo. Lembrar que caso alguma coisa corra menos bem, se houver algum problema é necessário solucionar com inteligência, transformar o erro em nova realidade e justifica-lo de alguma forma e que estão preparados para o fazer, basta estarem atentos. Reforçar que devem ser autênticos, para estarem uns com e para os outros e claro divertirem-se, pois só assim vale a pena.

Complementando e reforçando a descrição da Metodologia empregue e recorrendo um pouco ao humor, posso quase arriscar que marcou uma nova era a ERA ANTES do LUGARES e DEPOIS DO LUGARES.

Começarei por enumerar algumas palavras que acredito que caracterizam a metodologia que utilizo na criação com os diversos grupos de trabalho:

ENCONTRO/ RELAÇÃO

DIÁLOGO

OBSERVAÇÃO e ESCUTA

CONFIANÇA e PARTILHA

EXPOSIÇÃO, CONSCIÊNCIA DA PRESENÇA, COMUNICAÇÃO

DAR VOZ - QUEM SOU E O QUE QUERO DIZER?

VALORIZAÇÃO PESSOAL E COLECTIVA

ACREDITAR

LIBERDADE DE CRIAÇÃO

FERRAMENTAS TEATRAIS

CORALIDADE

ERRAR/EXPERIMENTAR

DESAFIO

EQUILIBRIO de PROTAGONISMO

FORÇA DO COLECTIVO

DISCIPLINA, SINTONIA, COMPROMISSO, HUMILDADE E RESILIÊNCIA

PRAZER e ORGULHO

REVIVER e FESTEJAR

Tudo começa com o ENCONTRO/RELAÇÃO, o encontro entre mim e aquelas pessoas, somos nós que criamos o grupo e o caracterizamos com as nossas personalidades, formas de estar, visão do mundo, valores em que acreditamos e necessidade de comunicar algo. A relação que se cria ao longo das várias sessões vai refletir-se inevitavelmente quando o grupo estiver em palco.

O DIÁLOGO é transversal a todo o processo, desde o primeiro encontro, processo criativo, criação do objeto artístico, produção, apresentação pública e à conversa final com o público. A troca de ideias, de soluções, ansiedades, de leitura do espetáculo é uma constante nas várias fases do projeto.

Em todo o processo são desenvolvidos mecanismos de OBSERVAÇÃO e ESCUTA, eu aprendo quando observo o outro, analiso, contribuo para o trabalho do outro. Partilho o que sinto, uma espécie de filtro, o primeiro público é o próprio grupo quando assiste às propostas dos colegas. Desenvolver a capacidade de ESCUTA é sempre um desafio, sinto que hoje em dia escutamos pouco e quando se trata de criação artística a premência do fazer, improvisar, a adrenalina torna por vezes caóticas as propostas, pois todos têm urgência em comunicar algo. É um processo gradual e no caso do *Lugares da Memória* foi notória a evolução, a capacidade de escuta, de estar, de dar contracena sob a forma de coralidade. A presença de todos era importante, o contributo de cada um potenciava, contextualizava a cena.

Todo o trabalho tem como base a CONFIANÇA e capacidade de PARTILHA, confiança em si mesmo, em mim como coordenadora, facilitadora ou orientadora do trabalho, confiança no coletivo e nas propostas que levamos a cena. A PARTILHA porque é importante o contributo de cada um. Durante todo o processo de *Lugares da Memória*, foi notória a capacidade de entrega e partilha, levou algum tempo ao grupo perceber que uma simples história de infância tinha um enorme potencial dramático, mesmo aquela história que os nossos pais contam à família e amigos, histórias banais, iguais ou parecidas a tantas outras. A partilha é levada a outros campos como uma simples refeição partilhada em que cada um contribui com algo e em torno de uma mesa, ou toalha de piquenique onde se conversa descontraidamente. Ou idas ao Teatro em grupo, em que no final conversamos sobre o que se viu, interpretações, pontos altos e baixos do espetáculo, coisas que gostaram e não gostaram, como fariam, há todo um exercício crítico compartilhado.

EXPOSIÇÃO, CONSCIÊNCIA DA PRESENÇA, COMUNICAÇÃO Com o passar das sessões, foi-se tornando mais fácil e menos tenso a exposição de cada elemento. Foram adquirindo confiança em si e nos outros elementos do grupo. As propostas eram apresentadas e a consciência da presença em cena, aquilo que comunicamos e que por vezes não temos noção foi-se tornando mais forte e perceptível, permitindo ao grupo evoluir a sua prestação como intérpretes. A consciência que mesmo não fazendo nada em cena estamos a ser observados e que comunicamos algo, foi-se tornando clara e os intérpretes foram tirando partido dessa comunicação e utilizando nas suas interpretações de forma consciente.

Outra questão explorada na minha metodologia e que por vezes pode levar a um beco sem saída, são estas duas questões existências - QUEM SOU E O QUE QUERO DIZER? Não são fáceis de responder, ou de criar propostas cénicas que consigam espelhar um mecanismo de reflexão e tentativa de chegar a alguma conclusão. Mas é uma forma extraordinária para ativar pessoas, perguntar quem és tu? Porque estás aqui? O que queres dizer? O facto é que cada um a seu tempo vai encontrando as suas respostas. Costumo dizer “não penses muito, diz a primeira coisa que te vier à cabeça”, para alguns elementos funcionou, para os mais perfeccionistas levou o seu tempo e alguma angústia também. Mas à medida que iam surgindo propostas e que iam vendo, que qualquer coisa, por muito simples que pareça, é uma

possibilidade a ser explorada, as suas propostas foram surgindo de forma tímida e posteriormente foram trabalhadas dramaturgicamente tornando-se em cenas de enorme beleza.

VALORIZAÇÃO PESSOAL E COLECTIVA é um fator determinante em todo o processo de trabalho, é necessária uma constante leitura de cada elemento do grupo, do seu estado de espírito, motivação, assim como do grupo. Estimular esta valorização faz elevar a capacidade de entrega e confiança no trabalho. ACREDITAR que se consegue é meio caminho para se conseguir.

Criar um espaço onde se pode potenciar a LIBERDADE DE CRIAÇÃO é um desafio, pois o quotidiano e a rotina deixam pouca margem para o mais comum dos mortais poder criar, inovar, desafiar-se e criar outro tipo de códigos comunicacionais. Na metodologia que aplico é necessário um espaço, onde cada um se possa libertar de regras, lógicas, conceitos, preconceitos, podendo fazer associações simbólicas, plásticas e criar novos códigos de comunicação artística através das FERRAMENTAS TEATRAIS trabalhadas ao longo das sessões. Um espaço onde se possa ERRAR é necessário, eu prefiro substituir a palavra errar por EXPERIMENTAR, pois como costume afirmar “não há erro”, pode estar fora do contexto, porque no contexto certo faria todo o sentido. “Não penses, faz! Deixa-te levar! Faz-nos sentir. Pensa no que estás a dizer/fazer, o que queres transmitir, deixa fluir! Não tenhas medo de errar, não há erro.”

CORALIDADE tenho como referência o trabalho de coralidade que realizei numa residência com o Teatro Bando durante o Mestrado. Trata-se de uma abordagem criativa e um bom recurso no trabalho em Teatro e Comunidade, por ter uma visão do coro enquanto massa, território de corpo e voz e lugar de denúncia política e social. Em projetos anteriores já trabalhava o conceito, mas sem ter a noção da sua potencialidade, trabalhava a coralidade como reforço do foco na cena.

Cada projeto vem acompanhado de enormes DESAFIOS, o desafio de nos conhecermos, de conseguir trabalhar em grupo, em respeitarmos as diferenças, potenciando-as pois são nelas que enriquecemos o nosso trabalho, pela diversidade de formas de estar, pensar e fazer. Desafios pessoais, bloqueios e desbloqueios necessários para que o processo avance de uma forma mais fluída e produtiva. Sair da nossa zona de conforto é o que nos faz crescer, e esse também é um ponto que

tento desenvolver no meu trabalho. Cada intérprete tem maior ou menor dificuldade num determinado registo, o exercício que faço, é que possa divertir-se, fazendo aquilo que lhe é genuíno mas ao mesmo tempo, desafiando-o a fazer algo que aparentemente está fora da sua zona de conforto, evoluindo e experimentando abordagens diferentes.

EQUILIBRIO de PROTAGONISMO, esta é uma preocupação comum em todos os projetos, que faz parte da minha metodologia. Como criar objetos artísticos em que cada intérprete tenha a mesma possibilidade de “brilhar” em palco? Sempre me causou alguma confusão quando assistia a apresentações em que é notório o protagonismo daquele que “tem jeitinho” e “aquele que não tem jeitinho nenhum” é colocado a fazer de candeeiro, banco de jardim ou calhau. Não vou negar que cada um tem potenciais diferentes e que há pessoas que se destacam com mais qualidade que outras, a questão aqui é tentar equilibrar as prestações. Em quase todos os projetos fui abordada por um ou outro elemento que me puxando à parte mostra a sua preocupação que este ou outro elementos está com dificuldades, que não está bem, que a apresentação é para breve, se não era melhor cortar esta ou aquela cena, se acho que essa pessoa vai conseguir. A minha resposta é sempre a mesma “confia, ele/ela vai conseguir, dá-lhe tempo...” Eu acredito no potencial de toda a gente. Acredito que se aquela pessoa está no grupo é porque faz sentido, se tem dificuldade é um desafio para mim conseguir motivar e preparar aquela pessoa para que em determinado dia suba a cena e sinta orgulho naquilo que fez. Se essa pessoa está com dificuldade, não atribuo a “culpa” à falta de talento, mas sim ao meu trabalho/método que não foi eficaz com aquela pessoa. Onde estou a falhar? O desafio é esse, trabalhar com a dificuldade e conseguir procurar novos recursos. A pessoa é tímida? Tem vergonha? Não percebe o que é para fazer? A verdade é que até hoje, as falhas que existiram, muitas delas atribuo à falta de tempo e trabalho com esse elemento, que precisava de outro tipo de acompanhamento. Também é verdade que de todas as vezes que subimos a cena, com maior ou menor dificuldade essa pessoa desafiou-se, superou-se e fez sempre melhor do que naquele dia em que o colega demonstrou preocupação se conseguiria ou não fazer. O fator tempo é decisivo para o apuro do trabalho e em trabalhos desta natureza, sempre com muitos elementos, o tempo de sessão nunca é o suficiente para podermos trabalhar com

todos conforme gostaria. Acredito que cada pessoa tem o seu tempo para desbloquear, ganhar confiança, estar confortável e é aí que tenho de trabalhar mais a minha metodologia. Ter a perspicácia de conseguir potenciar o trabalho de cada um adequando às suas dificuldades e exigências.

Potenciar e valorizar a FORÇA DO COLECTIVO. Na minha metodologia utilizo constantemente o discurso que juntos somos fortes, que com o contributo de cada um o trabalho comove. Realizo dinâmicas que exploraram a espontaneidade, a confiança, a necessidade de estar e encontrar o outro. Existem jogos dramáticos que terminam apenas quando cada um consegue encontrar o seu espaço no grupo, esperando, escutando e respeitando o mesmo. Brincamos como quando eramos crianças, jogamos, dançamos, cantamos, fazemos uma pequena viagem à infância, numa altura em que tínhamos menos filtros, em que tudo era mais simples. Exercícios sem recorrer à palavra acabam por nos aproximar porque nos obrigam a explorar outras formas de comunicação. Olhamos uns para os outros, conhecemo-nos e reconhecemo-nos uns nos outros. Há uma frase que Miguel Seabra do Teatro Meridional disse uma vez que ficou comigo “Eu sou mais eu em contacto com o outro” e é isso que tento explorar, o EU em contacto com o OUTRO, porque é nesse encontro que nos revelamos.

DISCIPLINA, SINTONIA, COMPROMISSO, HUMILDADE E RESILIÊNCIA, estes quatro valores são essências em todo o trabalho, a metodologia que emprego tenta explorar cada um deles, sendo mais intenso na fase final do processo. Quando é necessário fazer ensaios corridos. O compromisso é fundamental, porque se falha um, falhamos todos. Todos têm de estar presentes, todos têm de estar uns para os outros. Se todos estiverem atentos, se houver uma falha, seja ela qual for, se conhecermos o trabalho de todos, podemos fazer daquela falha/erro uma nova realidade, de forma que não transpareça para o público. De todas as apresentações que fizemos houve sempre uma ou outra falha que foi resolvida “com inteligência” como costume dizer. Os grupos normalmente são trabalhados para reagir, para assumir o erro como nova realidade, não denunciando-o. DISCIPLINA, porque há horários e prazos a cumprir, porque há rotinas, porque cada um é responsável por si e pelos outros. SINTONIA porque têm de estar juntos, em comunicação, o que apresentamos é um fragmento de tudo o que se passa em palco. Nos bastidores há todo um espetáculo invisível a acontecer em simultâneo e a interajuda é fundamental.

HUMILDADE para reconhecer os seus erros e defeitos e trabalhar sobre eles, colocando de parte o ego e determinadas características da sua personalidade que se anulam por vezes para bem do grupo. RESILIÊNCIA porque há momentos complicados, em que as coisas correm menos bem, porque precisamos de ensaiar mais tempo do que pensámos, porque é preciso repetir até ficar como queremos. Porque os desafios nem sempre são superados à primeira e é preciso trabalhar trabalhar trabalhar... Fazer mais e melhor... Porque quando chegamos a uma sala de Teatro a parte técnica ocupa muito tempo e muitas vezes quando chegamos à hora do ensaio já estamos cansados.

No final temos de sentir um enorme PRAZER e ORGULHO, tem de fazer sentido estar ali, seja em sessão a trabalhar, a contribuir, a ensaiar, a procurar soluções. Seja no final de uma apresentação pública com a adrenalina a disparar. Tem de valer a pena todo o processo, que termina com os aplausos, da família, de amigos e de estranhos.

REVIVER e FESTEJAR, no final de cada processo, faz parte da minha metodologia, o grupo reunir e vermos os registos de vídeo da apresentação pública, REVIVER a experiência, analisar a prestação de cada um e a do grupo. O que pode ser melhorado, o que correu bem, o que podemos fazer de forma diferente. Depois é tempo para festejar em torno de uma mesa com comida, de forma descontraída e sonhar com o próximo projeto. O fim é sempre o início de uma outra coisa...

5. REFLEXÕES FINAIS

Lugares da Memória foi um projeto de Teatro e Comunidade que teve como ponto de partida as memórias dos intérpretes. Foi um projeto em que as histórias, as memórias pessoais e os locais ganharam forma teatral, valorizaram o indivíduo, o grupo e a própria cidade. O Teatro foi a ferramenta utilizada para a reflexão sobre questões de identidade pessoal e local. Será que o universo que transporto é original, ou de facto, há histórias e vivências transversais a todos? A resposta que encontramos é que aquilo que transportamos em nós, as nossas histórias e memórias são muito semelhantes a outras histórias e memórias da maioria das pessoas, são transversais a todos nós. As circunstâncias e personagens mudam, mas a sua essência mantém-se. Ao apresentarmos as nossas memórias possibilitou ao público resgatar algumas das suas.

O projeto serviu para dar voz e sentido crítico aos dezassete intérpretes e a mim, juntos como cocriadores questionámos, pesquisámos, experimentámos, escutámos, dialogámos e realizámos um objeto artístico.

Ao fim de ano e meio de projeto, o grupo assumiu que se tinha tornado melhor ouvinte, que levava para fora da sala de trabalho a sua capacidade de escuta, reflexão crítica, a disciplina e o respeito pelo outro.

O processo colaborativo potenciou a geração de consciência do poder do diálogo e da criação coletiva, permitiu que o grupo refletisse sobre si, sobre o outro, sobre a sua cidade, sobre a sociedade. Muitas foram as sessões de discussão e partilha de diferentes pontos de vista. Tornámo-nos pessoas mais comunicativas, participativas, críticas, criativas e ativas, essa foi uma das transformações mais evidentes em cada um. Os intérpretes passaram a expressar-se com maior facilidade e as conversas com o público após os espetáculos, tornaram-se numa oportunidade para colocar em prática essas competências desenvolvidas.

Este Teatro criado coletivamente, promove a participação, a expressão artística e a criatividade. Foi notória a evolução das propostas e interpretação ao longo de todo o processo. Inicialmente propunham material de forma tímida e com muita insegurança. Após a estreia, quando o projeto foi retomado com o objetivo de recriar o que foi apresentado, mas transformando numa outra coisa, adicionando novas cenas e momentos, foi evidente a transformação e mudança de postura por parte do

grupo. As propostas apresentadas eram mais sólidas, todos arriscavam mais, queriam experimentar e foi assim que se criou o *Lugares da Memória Revisitado*, um projeto mais maduro e consistente.

A cooperação e o trabalho em equipa reforçam as relações, que depois se refletem na prestação dos intérpretes em palco. Em várias ocasiões o público mencionou o respeito e a cumplicidade visível em cena e o quanto isso era comovente.

O processo criativo que parte da partilha de memórias é extremamente enriquecedor, coloca o Teatro como um lugar de desenvolvimento pessoal, coletivo e artístico.

O processo criativo teve como base as memórias dos intérpretes e foi um desafio que potenciou a alteridade de cada elemento do grupo. Foi fundamental cada um ser capaz de se colocar no lugar do outro, quer estivesse a representar uma história que não era sua, ou permanecendo em cena sob a forma de coro ou complementando-a. Os intérpretes eram levados para um lugar, de uma memória sua ou de alguém. Ao longo de todo o processo criativo e durante o trabalho de interpretação transformaram-se e no final, quando voltaram a si, regressaram com uma consciência e repertório pessoal diferentes e mais enriquecidos. Todo o processo se desenvolveu num espaço de partilha e diálogo, promovendo a liberdade de expressão, a criação e a participação ativa. O resgate de memórias, conceitos, preconceitos, rotinas, costumes, a reflexão do que é a cidade de Torres Vedras e o que a torna diferente de outros lugares, foi um exercício extremamente rico.

Pensar coletivamente, respeitando o espaço e a opinião do outro nem sempre se fez de forma pacífica. Inicialmente pouco se ouviam, existiam conflitos de ideias quando faziam propostas, haviam muitos juízos de valor e muitas dúvidas e inseguranças sobre os materiais. Houve sessões em que saí profundamente desanimada e com a ideia que juntos não conseguiríamos criar fosse o que fosse. Existia uma luta de egos e confrontos entre alguns elementos com personalidades muito diferentes que fomentavam um ambiente de caos em que ninguém se ouvia. Com insistência e procurando soluções para conseguir a coesão e confiança no grupo, foi com o trabalho regular, através de dinâmicas, exercícios sensoriais, algo que colocasse a racionalidade em suspenso e os libertasse para apenas estarem uns com os outros e aceitarem as diferenças. As barreiras foram caindo e o coletivo foi-se

apercebendo que havia espaço para cada um, que a presença e contributo de todos era importante e tinham de ser valorizados.

A participação, para alguns elementos, teve de ser profundamente trabalhada, estavam habituados a seguir indicações e quando de repente eram confrontados com a ideia que podem criar, o conceito intérprete pensador, autor e criador foi algo que teve de ser desenvolvido através de indutores criativos.

Acredito que o trabalho do intérprete, aquilo que lhe é natural, mesmo quando se coloca no lugar do outro, é mais rico quando retira coisas de si. Quando são impostas indicações específicas, torna-se em algo menos autêntico e eu valorizo a autenticidade em cena. As propostas partem sempre do intérprete e depois são trabalhadas com a lógica da cena e do espetáculo no seu todo. Por se tratar de um objeto artístico fragmentado, coexistiam vários códigos e linguagens teatrais, foi necessário adaptar constantemente e ligar os diferentes registos. Após o trabalho de reforço à participação e o apelo constante a uma espécie de “mergulhos interiores” foi um desafio conseguir que cada um, no seu tempo, procurasse memórias suas ou de pessoas próximas, porque mesmo as memórias sem valor aparente, quando trabalhadas artisticamente transformam-se, passam a ser aquilo que queremos que elas sejam. É a vantagem da arte e do teatro, pegar em algo real e transforma-o com uma linguagem diferente, num determinado contexto e ambiente, passa a ser outra coisa.

Outro grande desafio que senti neste projeto e que ainda sinto na minha prática, é conseguir olhar para cada uma das pessoas com quem trabalho, lê-los, conhecê-los e tentar encontrar os indutores criativos “certos” para cada um deles. Encontrar a forma de conseguir chegar a cada um, libertando-os, conseguindo a sua confiança e capacidade de partilha dos seus universos interiores. O que funciona com umas pessoas não funciona com outras e essa riqueza e heterogeneidade dos coletivos é desafiante. Não consegui desenvolver esse trabalho com todos, porque nem todos estavam disponíveis, o trabalho baseia-se naquilo que cada um quer dar, quando quer e se quiser.

O grupo era composto por elementos dos catorze aos vinte e quatro anos, com personalidades, maturidades, motivações e disponibilidades diferentes. Encontrar estímulos e forma de motivar o grupo foi um desafio permanente, conseguir fazer

pensar “fora da caixa”, sair do cotidiano, da rotina, do real, criar um universo e ambiente para cada cena foi uma opção nossa e ao fim de algum tempo já partilhávamos códigos e linguagens, desenvolvemos um léxico artístico comum, já conseguíamos comunicar através da mesma linguagem.

A questão estética esteve sempre presente na criação dos diferentes ambientes e cenas. Foi criada uma gramática teatral comum, explorada, experimentada e apropriada por todos. Uma das vantagens de trabalhar a dramaturgia a par da encenação é que o trabalho de interpretação vai amadurecendo e enriquecendo-se simultaneamente.

A dramaturgia foi sendo trabalhada por camadas, por cena, por intérprete, foi a forma que conseguimos desenvolver para ser possível trabalhar com os catorze intérpretes ao mesmo tempo. Cada fragmento da cena ia encontrando o seu lugar. Primeiro foi trabalhado o todo e depois o trabalho foi sendo mais minucioso, dirigido a cada intérprete, apurando o rigor em cena.

Com o *Lugares da Memória* explorei uma possível metodologia de trabalho que parte unicamente dos intérpretes, algo que nunca tinha feito antes. Mesmo quando trabalhei autores como Shakespeare ou Tchekhov, desafiei os intérpretes a apropriarem-se da personagem ou da cena, mas a base era sempre o texto. Trabalhava com o que o intérprete me dava, a sua referência, aquilo que lhe é orgânico e espontâneo e depois seguia um trabalho de parceria, discussão e negociação permanente. Aquilo em que acredito artisticamente, nem sempre vai ao encontro do que o intérprete pretende ou idealiza e como tal é necessário ambos cedermos e encontramos um lugar em que ambos possamos estar confortáveis e realizados.

As minhas referências de práticas, as metodologias que tive acesso, as formações que realizei ecoam em mim, e foram a base do meu universo artístico, assim como as pesquisas que realizo, ou espetáculos que assisto. Sou a soma das minhas experiências e das pessoas que me enriqueceram artisticamente. O meu trabalho e metodologia transforma-se e adapta-se às pessoas que encontro nos vários coletivos, que me desafiam, que me questionam, que trazem novas referências e me incitam a ser melhor profissional e ser humano.

Lugares da Memória estruturou-se sob a forma de obra aberta, fragmentada, pronta a receber mais elementos, mais universos e mais cenas caso fosse necessário. Esta estrutura tem um enorme potencial no trabalho de Teatro e Comunidade, pois permite entradas e saídas de elementos sem comprometer o projeto. Por outro lado a questão do protagonista e das personagens secundárias é abolida, esta questão inquieta-me no trabalho com a comunidade. Manter hierarquias e estereótipos é algo que sou avessa, pois se no ambiente de trabalho pretendo desenvolver um espaço de liberdade, de igualdade, todos deverão ter oportunidade de contribuir e participar da mesma forma e é com base nessas contribuições que cocriamos algo sem dar destaque a determinado elemento ou elementos. Cabe a cada um contribuir com o que entende, a não distribuição de personagens com diferente importância, promove um coletivo mais equilibrado e um ambiente mais saudável e igualitário. Se no trabalho com a comunidade reforço valores como igualdade, não creio que construir um guião com personagens que têm diferentes graus de importância e participação vá em consonância com aquilo em que acredito. Quando trabalho textos com essa estrutura, aplico um código de troca constante de personagem, a mesma personagem é realizada por vários intérpretes, possibilitando que cada elemento do coletivo partilhe os papéis principais e secundários, equilibrando assim a prestação de todos no projeto.

Outra questão que foi levantada durante o processo de *Lugares da Memória* foi a questão do “desapego da autoria”. Desde o início do projeto foi transmitido ao grupo que todos os materiais propostos passavam a ser propriedade do coletivo, faziam parte de um repertório comum. Apesar de ter sido clara a comunicação, surgiram algumas questões com a saída de um dos elementos e mais uma vez a decisão foi tomada em grupo. Uma cena tinha sido proposta por uma pessoa do coletivo, o seu texto foi a base, foi trabalhada dramaturgicamente, a narrativa foi dividida por várias personagens sem rosto, criámos espaço no próprio texto que permitiu que cada intérprete em cena pudesse dizer algo sobre a questão abordada, ou seja, foram integrados e apropriaram-se e contribuíram cenicamente. A cena já não era a mesma, era o resultado da inclusão de uma série de pessoas que contribuíram e do trabalho dramaturgico realizado. Acabámos por manter a cena no espetáculo, apesar da pessoa que escreveu o texto que deu origem à cena ter saído. Deste modo aproveito

a minha experiência, para em caso de alguém ter a intenção de explorar esta metodologia estar atenta e ser bem clara na comunicação com o grupo, se necessário assinar um documento em que todo o grupo se compromete que todo o material reunido é propriedade do coletivo e poderá ser utilizado na criação mesmo com a saída do “autor”, protegendo de futuros constrangimentos que abalam as dinâmicas e as relações no grupo. É importante estabelecer uma espécie de código, regras ou valores em que se baseia o trabalho do coletivo e que estes sejam bem claros para todos.

Lugares da Memória foi um projeto gerador de reflexões, discussões e partilha, quer em todo o processo quer na sua fase final, após apresentações públicas. O trabalho de Teatro e Comunidade não se encerrou na criação e apresentação de um objeto artístico, as conversas informais que o público participou após as apresentações alargou a escala da reflexão, da troca de ideias, de memórias e experiências. O espetáculo tinha a duração de oitenta minutos e os intérpretes conseguiram cumprir sempre com muito rigor. Foi fantástico o *feedback* do público em todas as apresentações. Conseguimos estabelecer diálogo, com conversas de trinta minutos, à exceção do que aconteceu no dia 13 de Dezembro de 2013, após a reposição no Teatro Cine de Torres Vedras, o público continuou à conversa com os intérpretes e comigo cinquenta minutos. É possível ler as transcrições das várias conversas realizadas, que se encontram no Anexo E, ou ver no Anexo F o Registo Videográfico de *Lugares da Memória*.

O público criou empatia com os intérpretes, fez perguntas sobre o processo, sobre a seleção dos temas, questionou opções estéticas, de dramaturgia, partilhou experiências, rebuscou as próprias memórias e ficaram impressionados com a entrega, a espontaneidade, o respeito, o rigor em cena e a energia que passou.

Lugares da Memória foi o meu primeiro projeto que teve como base o trabalho a partir de memórias dos intérpretes, marcou uma viragem no meu trabalho. Desde então tenho continuado a explorar e desenvolver esta metodologia noutros projetos com crianças, adolescentes, adultos e grupos heterogéneos. É algo que pretendo continuar a pesquisar e explorar, por ser um desafio, por podermos cocriar objetos artísticos originais, que dão voz às pessoas que os criam, por serem únicos e serem o resultado do encontro de um grupo específico de pessoas. É uma metodologia que

potencia a reflexão, a participação, a discussão, por serem os grupos a traçarem os seus caminhos, por colocarem a comunidade em cima de um palco e a comunidade que assiste a refletir e dialogar. Por potenciar e fortalecer a identidade individual, coletiva e local. Por serem projetos carregados de empenho, por poder abordar assuntos delicados e atuais, por servir de catarse, por “empoderar” os participantes. Por ter como base o diálogo, o respeito, a relação, a confiança, a cumplicidade, a generosidade e a partilha, por transformar quem faz e quem vê. *Lugares da Memória* criou um lugar que pretendo desenvolver e continuar a crescer profissionalmente e artisticamente.

6. BIBLIOGRAFIA

BEUYS, Joseph, *Cada Homem um Artista*, Porto, 7 nós, 2011, 2ª Edição.

BOAL, Augusto, *Duzentos exercício e Jogos para o actor e não actor com ganas de dizer algo através do TEATRO*, Lisboa, Vozes na Luta, 1978.

BOAL, Augusto, *Teatro do Oprimido: e outras poéticas políticas*, Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2009, 9ª Edição.

BONFITTO, Matteo, *O Ator Compositor*, São Paulo, Perspectiva, 2002.

BROOK, Peter, *O Espaço Vazio*, Lisboa, Orfeu Negro, 2008.

COHEN, Anthony, *The Symbolic Construction of Community*, Londres, Routledge, 2007, 11ª Edição.

COSTA, Isabel Alves, *O Desejo de Teatro*, Santa Maria da Feira, Edições Afrontamento, 2003.

ERVEN, Eugene van, *Community Theatre: Global Perspectives*, Londres, Routledge, 2001.

FREIRE, Paulo, *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro, Afrontamento, 1972.

GALHÓS, Cláudia, *Pina Bausch – Ensaio Biográfico*, Alfragide, D. Quixote, 2010.

GOLEMAN, Daniel, *Inteligência Emocional*, Maia, Circulo de Leitores, 2012, 17ª Edição.

KERSHAW, Baz, *The politics of Performance: Radical Theatre as Social Intervention*, Londres, Routledge, 1992.

KOUDELA, Ingrid Dormien, *Jogos Teatrais*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2002, 4ª Edição.

LAVANDIER, Yves, *A Dramaturgia a arte da narrativa*, Mayenne, Le clown & l'enfant, 2013.

LEMOS, José Valentin; ESPADA, José Eduardo dos Santos; COSTA, Conceição Alves, *Questões de Dramaturgia I*, Amadora, Escola Superior de Teatro e Cinema: Centro de Documentação e Investigação Teatral, 1993.

NOVELLY, Maria C., *Jogos Teatrais – Exercícios para Grupos e Sala de Aula*, Campinas, Papirus Editora, 1994.

- PAIS, Ana, *O Discurso da Cumplicidade*, Lisboa, Edições Colibri, 2004.
- PAVIS, Patrice, *Dicionário de Teatro*, São Paulo, Perspectiva, 2008, 3ª Edição.
- SANTOS, João, *Se não sabe porque é que pergunta? – Conversas com João Sousa Monteiro*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004, 6ª Edição.
- SPOLIN, Viola, *Improvisação para o Teatro*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2003, 4ª Edição.
- SPOLIN, Viola, *O Jogo Teatral no Livro do Diretor*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2001.
- STANISLAVSKI, Konstantin, *A Preparação do Actor*, Lisboa, Arcádia, 1979. 2ª Edição.
- STOBBAERTS, Georges, *O corpo e a expressão teatral*, Lisboa, Hugin Editores, 2002.
- VASQUES, Eugénia, *João Mota, o Pedagogo Teatral – Metodologia e Criação*, Lisboa, Edições Colibri, 2010, 2ª Edição.

7. WEBGRAFIA

Devised Theatre

<http://theatrewashington.org/content/devised-theatre-art-impossible>

Processo Colaborativo

<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/viewFile/57303/60285>

http://www.usp.br/anagrama/Silveira_texto.pdf

<http://www.sesipr.org.br/nucleodedramaturgia/FreeComponent9545content77392.shtml>

http://www.pucsp.br/neamp/artigos/artigo_10.html

Teatro Comunitário

<http://teatrocomunitario.com.ar/que-es-el-teatro-comunitario-2/>

Teatro e Comunidade

<http://revistas.uv.mx/index.php/investigacionteatral/article/view/2291/4077>

<http://portalabrace.org/ivreuniao/GTs/Pedagogia/Tentando%20definir%20o%20Teatro%20na%20Comunidade%20-%20Marcia%20Pompeo%20Nogueira.pdf>

C.M. Torres Vedras

<http://www.cm-tvedras.pt/municipio/concelho/demografia/>

Académico de Torres Vedras

<http://www.atv.pt/>

8. ANEXOS

ANEXO A

[Planeamento / Mapa das Sessões]

OIKOS - UNIVERSOS HABITADOS | LUGARES DA MEMÓRIA | LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO

FASE 0 – Laboratório de teatro – OIKOS – UNIVERSOS HABITADOS					
Nº Sessão	Horas	Dia	Mês	Ordem de Trabalho	Observações
0	19h	10	Dezembro	Sessão de esclarecimento. Apresentação do Projeto	11 Pessoas presentes
1	19:30 22:30	7	Janeiro	Apresentações. Aquecimento. Dinâmicas de grupo	
2	19:30 22:30	14		Aquecimento Noção de presença em cena. Improvisação Quem? Onde? O quê? Texto/subtexto Exercício do Espelho/ reação Entrega de textos p fazer uma apresentação livre individual/ou grupo na próxima sessão. Entrega de textos aleatória.	Grupo: Ana Ferreira Bárbara Fernandes Bruna Gigante Cristiana Pinto Eda Garcês Gabriel ferreira Gonçalo Alves Matilde Cabrita
3	19:30 22:30	21		Aquecimento Dramatização de uma história em cadeia improvisada por cada um dos elementos Apresentação de cenas com base nos textos de Gonçalo M Tavares Discussão sobre projeto final a apresentar. Quais os temas a trabalhar?	
4	19:30 22:30	28		Aquecimento Continuação de trabalho de Subtexto Improvisação a pares sobre o tema MEDO Quem iniciou o movimento O que mudou? Mais objetos. Transforma. O que estou...	
5	19:30 22:30	4	Fevereiro	Aquecimento. Dança Criativa. Individual e em grupo. Creografia final. A importância da Narrativa. Criar gestos para acompanhar a narrativa de um texto. Trabalhar o tema MEDO. Relaxamento	
6	19:30 22:30	25		Aquecimento. Confirmação de datas de estreia 7 e 8 Junho TC Torres Vedras. Articulação e dicção. Leitura encenada do Texto “Infidelidades” Woody Allen	

[Cronograma de Trabalho de *Oikos a Lugares da Memória Revisitado*]

7	19:30 22:30	11	Março	Discussão dos temas a serem apresentados. Brainstorming, temas, cenografia, adereços...	
8	19:30 22:30	13		Aquecimento Construção de personagem. Apresentação das propostas das personagens.	
9	19:30 22:30	18		Aquecimento Continuação da apresentação das personagens em improvisações. Improvisação dirigida. Personagem mais próxima/ mais distante.	Entrada de um novo elemento. Lisa Mara
10	19:30 22:30	25		Leitura de textos escritos pelos intérpretes. 4 Objetos a colocar na mala de “viagem” Análise de cada personagem. Aquecimento Foco da ação. Direccionalidade do olhar. Ponto de Fuga. Improvisações: foco de ação, narrativa; construção de personagem; escuta; noção de cena; movimentação em cena; a importância da pausa; contar uma história Próxima sessão trazer uma música que “pertença” à personagem criada ou o intérprete se identifique.	Após a residência que realizei em Vale de Barris, com O Bando, tentei passar algumas noções que julgo importantes no trabalho do intérprete. Entrada de Laura Vargas para o grupo.
11	18:00 21:00	27		Aquecimento. Noção de grupo. Dinâmicas. A importância da escuta e do estar. Coralidade. Sintonia e cumplicidade. Trabalho com base nas letras das músicas propostas.	Sessão dirigida por Rafael Moraes.
12	19:30 22:30	8		Abril	Balço sobre a sessão dinamizada por Rafael Moraes. Aquecimento. Articulação, dicção, projeção. Consciência e valorização do texto. Continuação do trabalho de consciência do foco em cena. Improvisações em personagem com introdução da narrativa das suas histórias. Apresentação das personagens a partir do questionário.
13	19:30 22:30	15		Aquecimento. Exercício de concentração e escuta, valorização do trabalho em equipa. Coralidade.	

[Cronograma de Trabalho de *Oikos a Lugares da Memória Revisitado*]

				<p>Foco. Improvisação com introdução de narrativa de histórias partilhada pelos intérpretes. Personagem mais próxima/mais distante.</p>	
14	19:30 22:30	29		<p>Aquecimento. Continuação de construção de personagem a partir de objetos selecionados, simbologia. Apresentação de propostas de figurinos (personagem/intérpretes) Noção de meta teatro</p>	
15	19:00 22:30	8	Maio	<p>Aquecimento. Apresentação de algumas cenas e respetiva banda sonora, deslocações... Trabalhar a cena Não me faças mal!</p>	
16	18:00 22:30	13		<p>Aquecimento Apresentação de propostas de cartaz. Criar equipa de produção. Trabalhar cenas: <i>Ingravitto</i>. A partida Zé das Molas Não me faças mal. O pêssego. A história do meu nome. Tempo (criação do texto final)</p>	<p>Equipa de produção: responsável pela recolha de objetos, figurinos e adereços. Fechar cenas, com textos que estavam em falta, o que cada intérprete vai dizer nas cenas coletivas. Cada um propõe o que dizer em determinada cena.</p>
17	18:00 22:30	15		<p>Aquecimento Processo criativo – Construção de cenas</p>	
18	19h30m 22:30	20		<p>Aquecimento Processo criativo – Construção de cenas</p>	
19	11:00 20:00	26		<p>Aquecimento Exercícios de escuta, noção de presença do coletivo. Relaxamento 1º Ensaio corrido Almoço Leitura das notas de encenação e dramaturgia 2º Ensaio corrido. Reforço de noções de coralidade; foco; ponte de fuga; ação/reação Listagem de material em falta Lista de compras a realizar</p>	<p>“mais vivo ≠ marcações” Apropriação da cena Prazer de estar Trabalhar sobre o erro, tornar nova realidade!!</p>
20	18:30 22:30	27		<p>Aquecimento Ensaio Corrido Encenação</p>	<p>+ - 70 minutos de apresentação.</p>

[Cronograma de Trabalho de *Oikos a Lugares da Memória Revisitado*]

21	16:00 22:30	29		Aquecimento Ensaio Corrido Encenação	
22	19:00 22:30	3	Junho	Entrada no Teatro Cine Visita Guiada ao Teatro Cine de Torres Vedras Organização dos camarins e bastidores Montagem Aquecimento Ensaio Geral	
23	16:00 18:00	5		Trabalho: Oralidade, dicção, articulação e projeção.	Nota: Ensaio realizado em minha casa, por não haver local disponível para ensaíarmos
24	14:00 22:00	6		Aquecimento 1º Ensaio Geral (som, luz e vídeo)	Desenho de Luz Programação do desenho de luz Acertos de luz e som
25	17:00 23:00	7		Aquecimento Ensaio Geral Últimas Notas Acertos Técnicos. Aquecimento ESTREIA	“Hoje é a valer! Tudo o que fizemos, hoje ganhará outro sentido. Estejam cá de corpo e alma. Atentos, alerta! Uns para os outros. Somos um. Divirtam- se, façam valer a pena. Independentemente de como correr hoje, foi um prazer e um privilegio realizar este projeto convosco. Obrigada pela partilha, sinceridade e entrega. Este projeto é muito nosso, ÚNICO. Tenho um enorme orgulho em vocês e no nosso trabalho! Preparem-se para os imprevistos, trabalhem o erro como nova realidade, inteligência em cena e DIVIRTAM-SE! MUITA MERDA!”
26	17:00 23:00	8		Aquecimento Ensaio Geral ESTREIA Desmontagem	

[Cronograma de Trabalho de *Oikos a Lugares da Memória Revisitado*]

27	18:00 20:00	10		Balço Lugares da Memória	Visualização do vídeo da apresentação, balanço individual
FASE 2 – Upgrade de Lugares da Memória Criação de Lugares da Memória Revisitado					
1	19:00 22:00	10	Setembro	Apresentação da nova proposta; objetivos Visualização e análise da apresentação de Junho de Lugares da Memória Corte de cenas e melhorias de outras cenas.	Nota: Lugares da Memória Revisitado terá como objetivo a entrada de novos elementos Recomeço em Outubro
2	19:30 22:30	4	Outubro	Aquecimento Noções de foco, ponto de fuga. Improvisações Livres	Entrada de novos elementos: Mariana Pinheiro e Inês Carmo e Filipa Roque
3	19:30 22:30	7		Aquecimento. Dinâmicas de grupo. Improvisações. Quem? O Quê? Onde?	Entrada de novos elementos: Vanessa Matias e Inês Miguel
4	19:30 22:30	11		Aquecimento. Dinâmicas de grupo. O que estás a fazer? Relaxamento. Dramatizações de histórias pessoais. Partilha de textos. Debate de ideias e novos tema a introduzir no espetáculo. Jantar partilhado.	
5	19:30 22:30	18		Aquecimento Dinâmica de grupo. Relaxamento Fogueira – Partilha de histórias	Entrada de Pedro Gomes no grupo.
6	19:30 22:30	25		Leitura de propostas para novas cenas. Discussão e seleção das cenas que vão integrar o espetáculo.	
7	19:30 22:30	4		Aquecimento Ensaio corrido com guiões, marcações, entradas, saídas e movimentações em cena Listagem de material em falta	
8	19:30 22:30	8	Novembro	Aquecimento Continuação do ensaio corrido e respetivas marcações.	
9	17:00 22:00	11		Aquecimento Continuação do Processo Criativo Encenação Ensaio Corrido	
10	19:30 22:30	15		Propostas de figurinos. Aquecimento Trabalhar cenas “novas” Ensaio Corrido. Encenação	

[Cronograma de Trabalho de *Oikos a Lugares da Memória Revisitado*]

11	16:00 19:00	16		Recolha de imagens para a criação do vídeo sobre Torres Vedras	Com: Ana Ferreira e Bruna Gigante
12		25		Aquecimento Ensaio Corrido. Encenação	
13	19:30 22:30	29		Aquecimento Encenação de cenas de grupo. Fecho da cena do Natal. Criação da máquina do Natal.	
14	15:00 18:00	1	Dezembro	Aquecimento Ensaio Corrido.	Apoio de Sylvie Rocha na Oralidade
15	19:30 22:30	2		Aquecimento Ensaio das cenas mais vulneráveis Ensaio Corrido Fecho da cena inicial Improvisação/ crítica teatral	
16	16:00 17:00	5		Gravação da Voz <i>Off</i> da Cena do Natal no Estúdio da Escola Superior de Teatro e Cinema	Apoio do Professor José Pedro Caiado
17	19:30 22:30	6		Trabalho individual. Aquecimento Ensaio Corrido Pequenos acertos.	Último ensaio no ATV
18	11:00 17:00	8		Aquecimento Trabalhar cenas mais vulneráveis. Trabalho individual. Almoço partilhado Últimas filmagens da Cidade. Cena da Estação do Metro da Graça/Casas de banho públicas. Requisição dos Figurinos do Museu Municipal Leonel Trindade Aquecimento Fecho da cena da Cidade de Torres Vedras Ensaio Corrido Notas Finais	
19	19:00 22:30	9		Aquecimento Ensaio Corrido.	
20	19:00 22:00	10		Entrada no Teatro Cine de Torres Vedras Visita guiada ao Teatro Organização de Camarins e Bastidores Aquecimento Ensaio Corrido	
21	17:00 22:00	11		Desenho de Luz. Programação. Aquecimento Ensaio Corrido 1º Ensaio Técnico	

[Cronograma de Trabalho de *Oikos a Lugares da Memória Revisitado*]

22	15:00 24:00	13		Aquecimento Ensaio Geral Notas Finais ESTREIA Conversa com o Público Desmontagem	O espetáculo tem 80 minutos de duração. Após a apresentação, o público esteve à conversa com os intérpretes e com a encenadora cerca de 1h.
23	19:00 22:00	27		Visualização do vídeo do espetáculo. Balanço do processo e apresentação Final.	Grande parte do grupo demonstra vontade em repor o espetáculo em 2014
FASE 3 – Reposição de Lugares da Memória Revisitado					
0	19:30 21:00	22	Janeiro	Reunião com o grupo, apresentação do projeto	Objetivos Retomar processo criativo Alterar algumas cenas Entrada de novos elementos.
1	19:30 21:00	14	Fevereiro	Apresentação do Projeto aos novos elementos.	
2	19:00 22:30	21		Receção dos novos elementos Percurso sensorial. Viagem às Memórias Partilha da Experiencia Apresentação de algumas cenas do espetáculo aos novos elementos. Dinâmica de grupo.	
3	19:30 22:30	7	Março	Aquecimento. Dinâmicas de grupo. Apresentação Improvisação Só perguntas Troca Relaxamento Recolha de material de cena. Entrega dos novos guiões.	
4	19:30 22:30	14		Aquecimento Ensaio corrido integrando os novos elementos. Trabalhar cenas com novos intérpretes.	Com a saída de alguns elementos foi necessário voltar um pouco atrás na encenação, o objectivo é que os novos interpretes se apropriem das cenas, construindo de base e não apenas substituir os elementos anteriores.

[Cronograma de Trabalho de *Oikos a Lugares da Memória Revisitado*]

5	19:30 22:30	28		Aquecimento. Trabalhar cenas “novas”, nova dramaturgia.		
6	19:30 22:30	4	Abril	Aquecimento Ensaio corrido. Acertos de encenação.		
7	19:30 22:30	11		Aquecimento Continuação do ensaio corrido. Acertos de encenação.		
8	17:00 21:30	14		Aquecimento. Ensaio Corrido. Notas Finais.		
9	16:00 18:00	15		Aquecimento. Ensaio Corrido. Notas Finais.		
10	19:00 22:00	21		Aquecimento. Ensaio Corrido. Notas Finais.	Ensaio corrido com figurinos e todos os adereços cénicos.	
11	18:00 22:30	2		Maio	Trabalho individual, cenas mais frágeis. Aquecimento Ensaio corrido	
12	19:00 21:30	12	Aquecimento Ensaio corrido.			
13	19:30 22:00	16	Aquecimento. Ensaio Corrido			
14	17:00 20:00	18	Ensaio Corrido			
15	19:00 21:00	19	Ensaio Corrido			
16	09:00 18:00	20	Viagem até Amadora Visita Guiada ao Grande Auditório da ESTC Organização de camarins e bastidores Desenho de Luz Aquecimento Apresentação na ESTC Conversa com o público Desmontagem Viagem de Regresso a Torres Vedras			
17	19:30 22:30	23	Balanço da experiência da apresentação na ESTC Jantar partilhado			
18	19:30 22:30	30	Aquecimento Ensaio Corrido Notas Finais			
-	-	3	Junho		Reunião com Diretor Técnico do Cine Teatro de Sobral de Monte Agraço	

[Cronograma de Trabalho de *Oikos a Lugares da Memória Revisitado*]

19	18:00 22:00	6		<p>Desenho de Luz Chegada dos Interpretes Visita guiada ao Cine Teatro Organização de Camarins e Bastidores Programação do Desenho de Luz Breve aquecimento Trabalho de projeção adequado ao local.</p>	
20	15:00	7		<p>Organizar Bastidores Ensaio Técnico/corrido com som, luz e vídeo Pausa Jantar Aquecimento Apresentação de LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO Conversa com o Público Desmontagem</p>	
21	19:30 22:30	27		<p>Jantar partilhado Balanço de todo o processo Projeções de projetos futuros Visualização do vídeo da apresentação no Cine Teatro de Sobral de Monte Agraço</p>	

[Cronograma de Trabalho de *Oikos a Lugares da Memória Revisitado*]

ANEXO B
[GUIÃO DE *LUGARES DA MEMÓRIA*]

Lugares da Memória

REVISITADO

[13 Dezembro de 2013 – Teatro Cine de Torres Vedras]

Encenação e Dramaturgia: **Ana Almeida**

Elenco:

Ana Ferreira

Bárbara Fernandes

Bruna Gigante

Cristiana Pinto

Filipa Santos

Gabriel Ferreira

Gonçalo Alves

Inês Carmo

Inês Miguel

Mariana Pinheiro

Matilde Cabrita

Pedro Gomes

Vanessa Matias

Operação e desenho de Luz: **Luís Ferreira**

Operação de som: **Joana Almeida**

Operação de vídeo: **Ana Almeida e Gonçalo Oliveira**

Assistência técnica: **José Manuel Arsénio**

Produção: **Académico de Torres Vedras**

Coprodução: **Teatro Cine de Torres Vedras**

[Guião *Lugares da Memória*]

Cena 1 – *Ingravitto*

“ Com os pés no chão e as mãos levantadas, observar-se por dentro desde fora, e observar de fora para dentro, conectar-se para agir/atuar e desconectar-se para sonhar, ao conjunto destas ações se chama ESTADO INGRAVITTO”

NOTA: A cortina de fogo encontra-se fechada, a luz e som começam e a cortina é aberta.

SOM _ Intro Ingravitto

Luz – Ciclorama c/ filtros amarelos – intérpretes estão por trás do ciclorama (silhuetas)

Sair por trás do ciclorama e passar à frente, vidas cruzadas, encontros, desencontros, estar, passar, existir, rotina quotidiana, viagem, encontro com as memórias.

SOM _ Rain

Luz- geral

No final –Todos olham o ponto de fuga (ampulheta colocada à boca de cena, lado direito)

Blackout. (fica apenas um foco sobre a ampulheta).

Foco na ampulheta mantém-se sempre, Gonçalo roda a ampulheta já em *blackout* e sai.

Cena 2 - *Loving you...*

Cena 3 – Improvisação

SOM
LUZ

[Guião *Lugares da Memória*]

Cena 4 - A CARTA

Gabriel - Já ninguém recebe cartas hoje em dia... só contas por pagar... só publicidade... Não me lembro da última vez que recebi uma carta de alguém...

(são atirados envelopes de várias cores) entram x pessoas e apanham as cartas...

Começam a apanhar as cartas a abrir e ler o que está lá dentro (notícias boas, notícias más...)

Gabriel - Esperem... esta é muito boa... Lê lá...

FILIPA - *“Meu querido Bastião,*

Sou eu qui te estar a escrever.

Eu num querer ti dizer tua pai morreu, por aqui meu pessoa num querer dar desgosto, mas morreu mesmo pavra do onra.

No nossa terá estar passando coisa esquisita, carcura qui pessoa qui nunca ter morido estar morendo agora.”

Mariana - Hã???(Rouba a carta e começa a ler).

“Muier di ti Paurino já pariu, mas ti Paurino estar sconfiado num ser dele porqui ti Paurino ter uma perna de pau e minino ter nascido com duas perna verdadeiro.

Tunico querer casar com Mariquita mas pai num deixar porqui eres afinar pirimo com pirima, e pirimo com pirima num pode, sair firio anarfabeto. “

Pedro - Estás a brincar... (volta a roubar a carta e continua a ler).

“Firio de João ter engolido sete e quinhento, já cagou cinco escudo. Farta meia cinco.

Os branco esta agora construindo rua nova. Ter passeio de um rado, passeio do outro rado e estrada passar mesmo no meio. Branco ter esperto da cabeça.

Escurpa a carigrafia mas eu estar bem rouco e os paravra num sair bem.

Escurpa num mandar vinte escudo mas carta já fechou.

Teu pirimo,
DJONGO”

Saem todos e fica o Gabriel.

Gabriel - Ei! E sou eu que vou limpar isto sozinho?

Bruna – Sabes!!! Eu ajudo o menino!!! *(entra com uma mopa e começa a varrer as cartas para fora de cena.)*

[Guião Lugares da Memória]

Cena 5 - A PARTIDA

Música – The splice

Luz – Geral.

Bárbara coloca-se ao fundo. Laura traz-lhe o casaco. Bá veste o casco, Laura sai e entra a Cris e entrega a mochila à Bá. Laura volta com os pacotes de leite. Colocam os pacotes na mochila. Bá despede-se da Laura e da Cris.

Laura e Cris dão o foco à Bá. Bá avança até à boca de cena. Para, olha o público e sorri...

Bá - As malas no carro. As lágrimas nos olhos. Uma sandes na mão, para me obrigar a comer. Uma vontade inabalável de partir. O coração a implorar-me para ficar. A mão da minha mãe na minha. Chegada ao aeroporto deparo-me com o carro dos meus melhores amigos no estacionamento. Não estranhei. Esperava que viessem. Eram cinco e meia da madrugada. Já no interior do aeroporto, e com as malas a cargo dos homens (pai e mano), ligo-lhes para perguntar onde estão. Aparecem-me por trás. Os meus amigos, os amigos menos próximos e uma família inteira. Crianças incluídas. Como se de um 'flashmob' se tratasse, cantaram, em coro [alto e em bom som], uma das músicas que tinha feito as delícias das noites de diversão. Claro está, um aeroporto inteiro parado a olhar-nos. Hora das **despedidas*** e eu só queria que o chão me engolisse naquele preciso momento. É inexplicável a sensação de 'falta de chão' que me assolou. Entro no check-in e esqueço-me dos [tão meus] pacotes de leite com chocolate na mochila. A máquina buzina desenfreada e pedem-me para tirar tudo e passar de novo. Claro está que começo a viagem a rir de mim própria. Bebo um pacote de leite 'de penalty' (são muito meus para desperdiçar) e apresso-me a ir para a porta de embarque. Vinte minutos de caminho para o avião e a vontade de voltar para trás a aumentar a cada passo. Enxugo as lágrimas nas mangas do casaco (que foram desenhadas, obviamente para isso!) e ligo à minha mãe para anunciar que ia embarcar. Aprecio a descolagem como um 'puto' de 5 anos (hábito que, de resto, nunca muda) e durmo um pouco acordando mesmo a tempo de disfrutar da aterragem.

Será que para ter um futuro, tenho que deixar para trás quem amo e sair do meu país?

*(*Laura e Cris saem de cena)*

Música – Elevador Beat

Luz – Geral mais intensa.

Foco na ampulheta mantém-se sempre.

Música. A pouco e pouco as personagens atravessam a cena como se partissem, algumas despedem-se com abraços demorados e sem vontade de se separarem. Alguém traz a mala da Bá e coloca-a com o "cartaz" virado para dentro do palco. Um pouco antes do final as personagens deambulantes vão parando e virando os cartazes para o público.

Bá – ESPERANÇA

Inês Miguel – FAMÍLIA

Ana – SAUDADE

Cristiana – VOLTAR

Bruna – FUTURO

Laura – OPORTUNIDADES

Matilde – DISTÂNCIA

[Guião Lugares da Memória]

Vanessa – AMIGOS

Gabriel – TRABALHO

Gonçalo – PARTIDA

Filipa – DESPEDIDAS

Inês Carmo – RECEIO

Pedro – RECOMEÇO

Mariana - DESCONHECIDO

Luz - Blackout.

Saem todos de cena.

Bá vai junto da ampulheta, olha para o público e gira a ampulheta.

Cena 6 - ZÉ DAS MOLAS

Música – Faixa 1 Pascal Comelade

Luz – Luz geral que se vai intensificando.

Música começa e a pouco e pouco os Zés das molas vão entrando, com meias coloridas e mantas na cabeça... Brincadeiras e jogos de apanhada e escondidas entre os Zés...

A Bruna fica ao centro e criam uma manta de retalhos com as mantas no chão e ouvem a história da Bruna.

Bruna - Era pequena e como muitos não era grande menina para comer, era um sacrifício para comer.

Então houve um dia que alguém teve a “feliz” ideia de criar a personagem zé das molas, uma personagem que metia muito medo e me fazia comer tudo sem dar tempo para me queixar.

Foi num dia muito igual aos outros, na casa dos meus avós, lá estava a minha avó com o sacrifício enorme de me dar de comer, quando aparece um senhor cheio de mantas em cima e cheio de molas da roupa que me assustou tanto que me fez comer tudo.

Isto era feito há já um tempo com todas as minhas primas, mas nunca ninguém percebia que sempre que esse zé das molas aparecia o meu avô se ausentava da mesa.

Um dia essa personagem foi descoberta e apercebemo-nos que o horrível zé das molas era simplesmente o meu avô cheio de cobertores e molas da roupa.

Ainda hoje essa personagem é “viva” mas já não aparece com tanta frequência.

São pequenas coisas que só os avós sabem criar.

[Guião Lugares da Memória]

Gonçalo – Quando eu era pequeno, costumava embirrar com pequenas coisas.”

Música - 04 O Filho Que Eu Quero Ter

Vídeo c/ Fotografias de Infância

Luz baixa um pouco, quando a Cristiana sai de cena Blackout. Luz na ampulheta.

O vídeo está a terminar quando aparece a frase: “Conservar algo que possa recordar, seria admitir que eu pudesse esquecer...”

William Shakespeare

NOTA: Ana, Bá, Cris e Matilde saem de cena enquanto visualizamos as fotografias de infância.

Quando terminar saem todos, levam as mantas, exceto o Gabriel que leva a manta da Matilde, dobra-a e deixa-a junto à ampulheta.

NOTA: Gabriel roda a Ampulheta.

Som - Ranta

Luz – geral muito fraca/quase blackout. 4 mulheres entram em cena c/ velas acesas. Luz na ampulheta.

Cena 7 - Não me faças mal!...

Música “Ranta”, palco vazio, alguns segundos da música, quatro mulheres entram com velas acesas, luz muito ténue. As mulheres avançam lentamente até à boca de cena.

Ana - Já te repeti estas expressões imensas vezes, tantas quantas as vezes que fugi para um lugar seguro, tantas as vezes quantas me fechei no quarto a chorar, a desejar que não desses conta que ali estava, e que não te lembrasses de me vir assombrar só mais uma vez.

Cristiana - Fico apavorada a olhar para ti, à espera de mais um devaneio, de mais uma cena tua, de mais um exagero teu, onde só tu importas. E partes os pratos, e os copos, e a mesa... e insistes em beber mais um pedaço. –“**Estás doente!**” – Grito eu, numa esperança remota que me ouças. Mas tu não me ouves, nunca me ouviste, tu não me ouves...

Ana Maria – Tu não me ouves...

Bá – Tu não me ouves...

Matilde – Tu não me ouves...

[Guião Lugares da Memória]

Bá - Perdes o controlo. Tudo é uma ameaça para ti. Havia de saber que a única ameaça és tu. Começas a aproximar-te, como se te aguentasses em pé, mas já nem o teu corpo te responde. Faça-te frente de novo e grito : -“ **Desaparece! Afasta-te de mim!**”

Matilde - Bebes mais um copo, sentes-te embaraçado. Os teus olhos estão vermelhos de raiva, e vejo aquela tua veia no pescoço a pulsar. Investes contra mim. Faça-te frente de novo, não paras.

Já não estás em ti, eu também já não estou em mim. Só te imploro, uma última vez...

Ana, Cristiana, Bá e Matilde - “**Não me faças mal...**”

Música – The rooms (*alguns segundos de música e a pouco e pouco cada uma apaga a sua vela*)
Ciclorama com luz, mulheres em silhueta. Lisa, Laura, Eda e Bruna entram e juntam-se ao grupo de mulheres. A música baixa.)

Luz – Ciclorama e frente muito fraca.

Luz na ampulheta.

Ana Maria – Tenho medo do abismo, de cair no escuro e não saber quanto tempo tenho até bater no fundo.

Matilde – Tenho medo de deixar de existir... deixar de ser...

Bruna – Tenho medo de perder quem amo.

Vanessa – Tenho medo da incerteza.

Bá – Tenho medo de um dia deixar de acreditar.

Laura – Tenho medo do silêncio, das palavras que ficam por dizer.

Inês Carmo – Tenho medo da solidão.

Mariana – Tenho medo de não voltar a sorrir.

Filipa – Tenho medo de não poder confiar.

Inês Miguel – Tenho medo de não ter coragem para continuar.

Cristiana – Tenho medo de não viver.

Música aumenta. *Alguns segundos saem uma a uma, fica só a Cristiana.*

Luz na ampulheta.

NOTA : A Laura coloca o vestido junto à ampulheta. Ampulheta é rodada.

Cena 8 – BAILARIN@S

[Guião Lugares da Memória]

SOM 15. John Lanchbery - Tales Of Beatrix Potter- The Mouse Waltz
(a música só baixa quando a Matilde sai de cena)

Luz geral.

Cena 9 - O PÊSSEGO

Luz – Geral que vai aumentando de intensidade.

A pouco e pouco vão entrando brinquedos.

Ana entra e senta-se no cavalo de madeira na boca de cena e começa a descascar calmamente um pêsego.

Ana - Quando era criança e vivia bem longe daqui, comia todos os dias depois da refeição uma peça de fruta.

A história que vou contar é sobre o dia em que comi um pêsego sozinha. Tudo começou depois do jantar quando a minha mãe me descascou um pêsego. Lembro-me que estava com aquela carinha de gulosa...

O meu pai tinha ido tomar banho, ouvia-se a água a correr e a minha mãe deu-me o pêsego para as mãos e avisou-me: "tem cuidado com o caroço". Lembro-me tão bem...

Eu juro que tive cuidado mas o pêsego escorregou e foi boca a baixo. Fiquei sufocada durante alguns segundos até ter engolido tudo a seco. A minha cara estava tão vermelha e quente que nem tive coragem para contar aos meus pais. Mas o meu problema nem foi bem esse, eu fiquei preocupada com o caroço e como ele iria sair da minha barriga.

Acho que durante alguns dias eu estava à espera que me crescesse um pessegueiro dentro de mim.

Música - Teresa

Música e aparece um menino/a pessegueiro.

Quando a música baixa a Matilde levanta-se e começa a narrar. (próxima cena – a história do meu nome).

Cena 10 - A HISTÓRIA DO MEU NOME

Matilde - Escolher o nome de um filho é o ritual mais engraçado de sempre, dizem os nossos pais. Se for menino fica com o nome do Avô, para que se faça uma homenagem; se for menina fica com um dos nomes femininos que passa de geração em geração, algo como "Maria" ou "Ana". Até aqui tudo bem. A par disso, eu sou da opinião que tem que haver um segundo nome, aquele nome vergonhoso que os nossos pais nos chamam quando fazemos asneiras – algo como Cátia Vanessa – (como se Cátia não fosse mau o suficiente).

[Guião Lugares da Memória]

Eu se fosse rapaz, ia chamar-me Daniel, porque a minha irmã assim o queria. Até me parecia bem. Mas eu não nasci rapaz para minha infelicidade.

Quando os meus pais se depararam com essa realidade, que tinham uma menina, e não um menino, logo se lembraram da parte cor-de-rosa da lista dos nomes. O primeiro era “Lourena”, porque o meu pai se chama Lourenço, e então seria o feminino do nome dele.

Podem não acreditar, mas até esse não me parece mau. O que aconteceu, foi que quando ambos foram ao registo, as senhoras não aceitavam “Lourena”; apenas “Laurinda”, “Lucinda”; e os meus pais não gostaram de nenhum. O dilema surgiu quando se viraram para a senhora, e a minha mãe disse: “Eu gosto de Cristiana” e o meu pai depois disse: “Eu gosto de Rafaela”.

Sabem o final não é? Não se decidiram por nenhum, e claramente que pensaram que um segundo nome mais sonante que o primeiro, em caso de sarilhos, iria soar muito bem. Algo como: “Estás de castigo, *(pausa)* Cristiana Rafaela!”

Quando a Matilde disser “Estás de castigo”, todos reagem, quando ela disser “Cristiana Rafaela” saem todos menos a Cristiana.

Cristiana avança e conta a sua história.

Luz altera-se, um pouco mais intensa.

Cena 11 - A HISTÓRIA DO AUTOCARRO

Laura - Quando era pequena, entenda-se criança pequena; há muito tempo, daquelas que acreditam que se comermos cenoura ficamos com os olhos mais bonitos, e que se comesse a sopa de feijão toda (que eu detestava) no fim ela iria saber a chocolate só porque era castanha. Era destemida e acreditava incondicionalmente nas pessoas, e na boa vontade delas, acreditava... Tinha uma sede imensa de novos lugares, e uma paixão ainda maior de ver e estar perto do mar. Quando chegava a altura do sol brilhar forte, os meus pais trabalhavam imenso e sempre me deixavam por casa sozinha. Eu gostava de estar sozinha, mas gostava ainda mais do mar. Para minha grande alegria, a minha mãe sempre me ensinou que “quem tem boca vai a Roma”, e sempre fui muitíssimo engraçada. Ora com sol, sozinha em casa, e com uma sede imensa do mar, uma lata gigante, um à vontade com as palavras e uma **paragem de autocarros** *1 perto de casa. E lá ia eu, para a paragem. Mal via um autocarro a chegar-se perto, estendia o braço, o motorista parava. Entravam as pessoas mais velhas, as que já lá estavam h mais tempo que eu, e eu no fim.

- “A menina vai para onde mesmo?”

- “Boa tarde... Senhor Motorista eu tenho que ir para Santa Cruz, mas não tenho dinheiro comigo. A minha tia está muito doente, e eu estou preocupada... Acha que me podia deixar entrar? Eu não tenho mesmo como pagar... só desta vez? Por favor.”

- “Não tem dinheiro? Eu não devia... (Eu começava a choramingar e virava costas, as pessoas começavam a comentar sensibilizadas comigo). Vá menina entre lá, mas se o pica entrar eu não tenho responsabilidade...”

- “Mas é só hoje Senhor Motorista, muito obrigada. Do fundo do meu coração.”
O que vale é que existem muitos motoristas, e muitos autocarros.

[Guião Lugares da Memória]

**1 Entram todos e formam uma fila de autocarro. Quando a Cristiana termina a narração ouve-se a música The girl from Ipanema, começam a montar a cena da praia.*

Música – The girl from Ipanema.

LUZ de praia. Geral, ciclorama e frentes.

Cena é feita apenas com movimentos e interações entre os vários intérpretes, é interrompido com a deixa – QUENTES E BOAS!!! Saem todos como se de um flashmob se tratasse.

Deixam um chapéu junto da ampulheta e viram-na.

Cena 12 - A notícia que ninguém está à espera...

Som 1-01 Chopin_ Nocturne #1 In B Flat M

Luz dois focos a picar de cima, luz de frente.

Gonçalo - Cheguei a casa e ao abrir a porta deparo-me com uma situação estranha, os meus pais estavam os dois na cozinha, o meu pai disse que precisavam falar comigo. A minha mãe com cara de choro diz-me que vai ficar tudo bem e que a medicina está muito avançada.

Bá – Foi num dia normal, numa consulta de rotina... um TAC ao tórax indicou a existência de nódulos na minha mama esquerda... Quando a médica falou comigo fiquei dormente e presa ao chão.

Gonçalo - Ao aperceber-me do que se tratava, as lágrimas começaram a correr pelo rosto e em simultâneo deixei cair os livros que trazia nas mãos.

Bá – A médica disse que podia não ser nada de grave, que tinha que fazer mais exames para averiguar do que se tratava, mas algo em mim dizia – é grave! Estou doente... Não quero acreditar... isto não pode estar a acontecer... porquê eu? O que fiz de errado?... Fiz os exames...

Gonçalo – Pensei “A minha mãe tem cancro da mama, eu não a posso perder!” Esta afirmação sustentou-me durante meses a fio ...

Ninguém espera um dia chegar a casa e receber uma notícia destas e ver alguém que tanto amamos, luta, e lutou sempre por nós ficar assim tão frágil e vulnerável.

Bá – Os resultados confirmaram o pior dos cenários... CANCRO uma palavra familiar mas que agora ganhou corpo... o meu corpo... transporto neste corpo a morte... no mesmo corpo que um dia já transportou vida... tenho medo... tenho muito medo...

Gonçalo - Os cabelos começaram a cair, as sessões de quimioterapia ficaram mais fortes. Eu não estava preparado para encontrar a pessoa que me deu à luz. Que carregou comigo durante 9 longos meses dentro da sua barriga usar um lenço na cabeça.

Bá – Comecei os tratamentos... tento manter-me positiva, tento manter no rosto um sorriso como símbolo de esperança para mim e sobretudo para os outros... para os outros que arrasto comigo... será que se sorrir isto não vai passar de um pesadelo e vou acordar bem?

[Guião *Lugares da Memória*]

Gonçalo - Um dia acordei, a minha mãe estava aos gritos a dizer que não sentia os ossos e a chorar compulsivamente. Tinha os braços queimados daquele maldito tratamento, a cara inchada e um olhar sem brilho. A minha mãe chorava muito e a minha avó chorava também abraçada à própria filha.

Bá – Depois dos tratamentos... chegou o dia da operação.

Gonçalo – Recordo-me de abraça-la e dizer-lhe que ia correr tudo bem e que ela ia ficar boa. Sempre com aquela sensação ... “E se não ficar...”

O foco da Bá apaga-se. *Bá tira o lenço e deixa-o cair no chão, fica neutra.*

Gonçalo - Hoje está tudo bem, ela venceu o maldito cancro e está mais viva do que nunca, mais humana e também mais refilona. Mas eu gosto muito dela assim... *(sorri)*

Gonçalo pega no lenço e leva-o até à ilha das memórias. **O foco do Gonçalo apaga-se.**

Música 1-02 Chopin_ Nocturne #2 In E Flat

Cena 13 - FRAGMENTOS DA MEMÓRIA

Luz – muda, luz de frente mais intensa, cena à boca de cena.

Música - 13 toti al soler

(música começa e a pouco e pouco vão entrando em cena colocando cadeiras numa linha na boca de cena, sentam-se e começam a contar as suas histórias à vez, na tentativa de cativar o público, ações do quotidiano, narrador, narrativa)

Ana Maria – Tinha cerca de três anos, quando tive o meu primeiro momento criativo.

Inês Miguel – Quando eu era pequena não gostava da noite, a noite significava que eu tinha que ir dormir, então pedia à minha mãe para fechar os estores e assim, como não via a noite, achava que havia de demorar a chegar.

Gabriel – Uma sessão de espiritismo. Costumam dizer que quando se está a fazer o jogo do copo, não se pode virar ao contrário, ou algo de mal acontece.

Matilde – O meu sétimo ano de escola, foi um ano mau, um dia cheguei a casa a chorar e desabafei com a minha mãe “a minha turma é horrível”...

Bá – Tinha dois anos, era uma tarde solarenga de verão, estava numa esplanada com a minha mãe, dei conta da presença de alguém como nunca vira antes...

Laura – Eles amavam-se como ninguém se tinha amado antes. A princesa sorriu e disse que sim, o príncipe sorriu e disse que sim... sim que a queria para sua mulher.

Inês Miguel – Claro que não me safava de ir para a cama por isso a minha mãe vestia-me o pijama e contava-me uma história. Eu, que era mais dada às brincadeiras do que a dormir, pedia outra história à minha mãe e ela contava-me, e depois ainda pedia mais outra.

[Guião *Lugares da Memória*]

Vanessa - A minha mãe quando era pequena adorava desatar o avental à minha avó.

Ana Maria – Estava na creche e pediram-me para fazer um desenho livre, eu peguei no marcador castanho e fiz uma espiral que preencheu a folha toda...

Matilde – A minha mãe sabia que não era uma miúda muito sociável, contei que as minhas colegas tinham dito que já não gostavam mais de mim. A minha mãe chegou-se ao pé de mim e contou-me um pequeno segredo.

Gabriel – Houve alguém que se lembrou de virar o copo...

Laura – O Príncipe chegou o véu da princesa para o lado e deu-lhe um beijinho tímido mas apaixonado...

Inês Miguel - Toda a gente sabe aquelas histórias que os pais e os avós inventam para enganar as crianças e levá-las a fazer o que os adultos querem, pois a história que a minha mãe inventou foi esta:

- Inês, eu não te posso contar outra história, é que o senhor da luz deve estar mesmo a apagar a luz!

Bá – E gritei à minha mãe “Mãe, olha um senhor de chocolate!”

Vanessa – A minha mãe quando era pequena abria as nozes ao meio, tirava o miolo e calçava os gatos com as cascas.

Ana Maria – Depois peguei no marcador preto e fiz de novo uma espiral, para dar a sensação de profundidade... No final peguei no marcador vermelho e fiz uma pequena pinta algures na espiral.

Inês Miguel – Eu nunca tinha ouvido falar em tal pessoa por isso perguntei quem era. A minha mãe explicou-me que o senhor da luz era um senhor que chegava uma certa hora, apagava as luzes da cidade inteira para os meninos puderem dormir. Então dito isto, a minha mãe apagava a luz com muita discrição para eu não perceber que tinha sido ela.

Matilde – A minha mãe disse-me que quando ela era pequena tinha uma solução, para cada vez que alguém lhe fizesse mal, imaginava uma pequena caixa onde punha todas as pessoas que não gostava, e que lhe tinham feito mal”.

Gabriel - Nesse mesmo momento, um copo que estava arrumado na cozinha rebentou, sem que ninguém estivesse lá ao pé. Apanharam um valente susto.

Laura – Ambos sabiam que nada daquilo era mentira... foi então que me apercebi que a minha mãe estava ali ao lado, baixei os olhos envergonhada e apressei-me a tirar o guardanapo, ou melhor o véu de cima do garfo e guardei a faca ao lado do prato.

Bá – A minha mãe que me conhecia muito bem disse – “Sim filha já sei...” Mas eu ao ver a sua falta de interesse, agarrei-me a ela e gritei “Mãe, é um senhor TODO TODO de chocolate!!! O desfecho é obvio, a minha mãe a corar de vergonha, deu de caras com um senhor preto que sorria perante a minha ingenuidade.

Inês Miguel – Um dia, fui dormir a casa da minha tia, e como já era habitual, tive direito a uma história (que eu considereei longa demais) e decidi interromper:

- Bem tia acho que já está na hora do senhor da luz...

- Quem é esse senhor da luz?

- Olha é um senhor que... é um senhor!

- Mas quem é?

[Guião *Lugares da Memória*]

Já farta de perguntas, levantei-me, dirigi-me até ao interruptor (*Inês apaga a luz do candeeiro que levou para cena*).

- Pronto já chega! Chegou o senhor da luz!

Cristiana – É nesta cena que eu tenho que contar uma história com a minha mãe não é? Quando eu era pequena a minha mãe contava-me uma história “era uma vez um ursinho castanho com uns calções azuis e um coelhinho branco com olhos vermelhos e com o pelo fofinho que foram passear para a floresta. E ficaram amigos para sempre.”

Ana Maria – Ninguém percebeu o meu desenho, mas eu tinha o meu discurso preparado, por isso apressei-me a explicar do que se tratava: “Eu desenhei um buraco e esta pinta vermelha é uma pessoa a cair.”

Bá - A minha mãe pediu desculpa educadamente e depois explicou-me que o senhor não era feito de chocolate, mas que apenas tinha a pele mais escura que a nossa.

Matilde - Hoje também tenho uma pequena caixa... bem escondida...

Matilde coloca a caixa na ilha das memórias, vira a ampulheta, volta à cadeira.

Som: 13 - Nancy Wilson - Welcome To Your Face

Cena 14 – DISCUSSÃO/ SUICIDIO

Filipa - Ri-te mais um pouco. Atinge-me com mais uma palavra de ódio. Vê-me caída no chão mas não penses em ajudar-me a levantar.

Inês Carmo - Deixo que me batas de novo. Os colegas passam, olham, mas não vêem. Apenas riem.

Mariana - Deixo que me chames mais nomes e tu sentes a minha fraqueza.

Pedro - A história não muda e os dias também não.

Laura - Sabe bem deitar o teu ódio cá para fora e deixar outra pessoa sofrer com ele?

Ana - Baixo a cabeça à tua passagem e cerro os dentes num impulso de nervosismo. Respiro de alívio por daquela vez não teres reparado que ali estava.

Vanessa - Dizem que sou invisível. Mas quem me dera a mim ser realmente invisível...

Filipa – Em casa estão a discutir.

Estão sempre a discutir.

Nem dão conta que aqui estou. Devo ser invisível. Quase como se tivesse *off-line*.

Gonçalo - Podia desaparecer que não iam notar. Nunca notaram.

Hora de jantar. Não tenho fome. Não vou.

Também não me chamam. Nem se devem lembrar do meu nome.

Laura - Eu lembro-me deles. Lembro-me de andar às cavalitas do meu pai, e sobre os ombros dele, abrir os braços e sentir que podia voar; lembro-me dos cozinhados da minha mãe que eu sempre dizia que tinham pó de pirlimpimpim. Lembro-me de me sentir feliz.

[Guião *Lugares da Memória*]

Cristiana - Vou pôr uma fotografia do *Peter Pan* no *facebook*. Oxalá eu fosse uma criança para sempre. E já agora que pudesse voar também.
"Pensamentos felizes, fazem-nos voar"... Que raio de comentário.
Eu nem se quer estou feliz...

Inês Miguel - Gritam um com o outro de novo. Que mania esta que os pais têm de gritar um com o outro. Como se isso resolvesse alguma coisa.

Mariana - Gritem comigo também. Pelo menos notem que aqui estou. Não notam. Nunca notaram. E se eu me fizer notar hoje? Será que pelo menos estas discussões horríveis terminavam?

Matilde - Já não aguento, não sei quem sou e o que estou aqui a fazer, não gosto de mim, não consigo estar comigo, não consigo estar com os outros... quero acabar com isto...

Bruna - Moro no 13º andar. Abro a janela.

Cristiana - "Pensamentos felizes, fazem-nos voar..."

Bá - Estou a lembrar-me da sensação que tinha quando abria os braços nas cavalitas do meu pai. Subo à beira da janela. Abro os braços.

Gabriel - "Quero ir para a Terra do Nunca", fecho os olhos...

Matilde - Hoje lembrar-se-ão de mim. Vou voar...

Cristiana – Vou voar...

Som - 01 - Untitled 1

Contornam as cadeiras, pegam nos panos, sobem as cadeiras, enrolam os panos na cabeça, baixam os braços.

Luz diminui lentamente até ao blackout completo, luz de ciclorama com pouca intensidade. Para poderem sair com as cadeiras.

*Descem das cadeiras e saem durante a música vira a ampulheta.
Palco vazio. **Foco na ampulheta.***

Cena 15 - NATAL

*Palco vazio, música de natal. **Paul McCartney & Wings - Wonderful Christmastime.** Entram a pouco e pouco com embrulhos em cena, quando constroem a "máquina do Natal" **é introduzido o som de máquina com a faixa anterior.** Coreografia de troca de presentes, até se ouvir **SOM vidro a partir.***

Blackout. *Após som de vidros a partir.*

SOM – Voz off texto de natal.

LUZ Manter blackout enquanto se ouve a voz off.

[Guião Lugares da Memória]

SOM: VOZ OFF

"No tempo em que dormíamos tranquilos com a porta aberta (sim, não era destrancada, era aberta). No tempo em que vivíamos pobremente e em que nunca nos faltava nada, pois colhíamos da terra o que precisávamos para comer. No tempo em que trocávamos hortaliças por pão (pois o 'acionamento' assim o exigia). O menino Jesus era generoso o suficiente para todos os Natais, de todos os anos, nos oferecer três nozes e uma laranja. Nunca o Natal foi tão mágico. Ajudávamos, com gosto, a mãe, a fazer a ceia. Depois dos manos homens e o pai matarem o peru e apanharem as hortaliças, cozinhávamos tudo (um tudo que dava uma pequena porção a cada um). Jantávamos juntos e em silêncio, pois as regras da casa assim o exigiam. Entusiasmados, arrumávamos a casa e a cozinha, mesmo a tempo de nos aperaltarmos para a peregrinação à igreja. Demonstrávamos a nossa fé juntamente com os restantes habitantes da aldeia e partilhávamos com as restantes crianças a ansiedade pela manhã seguinte. Tentávamos, depois, a custo, dormir. E, apesar de todos sabermos que eram os pais quem fazia a magia acontecer, nos nossos sonhos conseguíamos ver esse menino chamado Jesus a entrar pela casa em pezinhos de lã e a deixar nas meias que tínhamos feito, com todo o carinho e sabedoria que a tenra idade nos permitiam, três nozes e uma laranja. Acordávamos juntamente com o Sol e corríamos para a sala. E a surpresa era sempre enorme.

Não sei bem quando foi que esse menino chamado Jesus se reformou, para dar lugar a um senhor vestido de vermelho que se faz representar com um sorriso amistoso que antecede a quantidade de consumismo que trouxe. Passou a trazer playstations, personagens violentos dos desenhos animados e um sem número de 'coisas' das quais nem se percebe bem a diferença. E a magia dos miúdos dura cada vez menos anos, que o "senhor das barbas brancas" desde cedo se faz notar pouco real, como forma de acompanhar o esforço tremendo dos pais de tantas crianças em gastar os poucos tostões em objectos absolutamente, inúteis.

Eu, tenho saudades. Saudades do tempo em que a felicidade era feita com os joelhos cobertos de terra e dos voos de todas as vezes que "a corda" batia no chão. Tenho saudades de acordar ansiosa, na manhã do dia 25, arrastar a minha boneca de trapos, feita com retalhos da costura da mãe, e ajudar as manas mais novas a acompanhar o nosso ritmo até à sala. E nas meias penduradas, encontrar toda a magia por que tanto esperávamos: três nozes e uma laranja."

São deixadas duas nozes e uma laranja.

Cena 16 - O HOMEM QUE OLHOU PARA CIMA

(Pessoa 1 atravessa o palco em diversos momentos, há um mistério nela. Outros elementos vão entrando em cena e "perseguem" essa pessoa. Em determinado momento para e olha para cima. Os outros param e olham para ele e para cima. Fixa o olhar em cima. As pessoas, em torno, olham também e param curiosas. Não conversam com ele)

PESSOA 1

O que estás a ver?

HOMEM

Psst!

PESSOA 2

(para PESSOA 1) Ele está a ver alguma coisa? O quê?

HOMEM

Psst!

[Guião Lugares da Memória]

PESSOA 1

(para PESSOA 2) É o que eu vou tentar descobrir. *(para HOMEM)* Olha...

HOMEM

Psst.

PESSOA 1

O que é que estás a ver?

HOMEM

Deixa-me em paz!

PESSOA 2

Não percebes que ele não quer ser interrompido?

PESSOA 1

Mas interrompido a fazer o quê? E afinal está a olhar para onde? Estás a ver alguma coisa?

PESSOA 2

Eu não.

HOMEM

(sem tirar os olhos de para onde está a olhar) Será possível que uma pessoa não possa olhar, simplesmente?

PESSOA 1

Poder, pode, mas olhar para o quê?

PESSOA 2

(para PESSOA 1) Não percebes que ele não quer dizer? Vamos embora!

PESSOA 1

(para PESSOA 2) Embora para onde? Tem calma! Ele não disse mas vai dizer!

PESSOA 2

Não estás a ver? Ele está obcecado!

HOMEM

Eu não estou obcecado. Estou só a ver.

PESSOA 2

Estás ... estás a ver.... Mas estás a ver o quê afinal?

HOMEM

O que vocês simplesmente não são capazes.

(PESSOA 1 e PESSOA 2 olham para cima, procuram, curiosos)

Há uma beleza lá em cima que vocês não são capazes de ver porque estão ocupados com os vossos umbigos.

O que vocês simplesmente não conseguem ver, porque estão cegos, surdos e desprovidos de qualquer sensibilidade. É tudo o que eu estou a ver. Com olhos de criança. Como se fosse a primeira vez.

[Guião *Lugares da Memória*]

PESSOA 1

(para PESSOA 2) Estás a ver alguma coisa lá em cima? Estás a ver alguma coisa?

PESSOA 2

Eu não, mas quem sabe ele nos der alguma pista! Tem calma!

PESSOA 1

Eu nem te conheço! Por que é que hei de ter calma? E porque é que vou ter calma com ele também? Ele não quer dizer, que se lixe! Eu vou ficar a olhar para cima para quê? Para ver um pombo cagar na minha cara? Entrar merda de pombo nos meus olhos? Deves pensar que eu tenho tempo para perder com isso? Ele não quer dizer? Ótimo! Eu também não quero saber.

Olha eu tenho mais que fazer, está bem? Isso aqui é uma cidade e na cidade não se pode parar sequer um instante! Tempo é dinheiro! Já ouviste falar nisto?

HOMEM

(sorri) “Tempo é dinheiro”. Eu tinha certeza de que mais hora, menos hora, essa frase ia sair da boca de alguém.

PESSOA 1

Saiu da minha!

HOMEM

Tão previsível.

PESSOA 1

E depois? *(furioso)* Porque não olhas para nós enquanto falas? O que tem de tão anormal, de tão bizarro lá em cima que não podes tirar os olhos de lá?

HOMEM

És tão previsível.

As pessoas não olham. Nem para elas mesmas.

PESSOA 1

Ai ai ai ai.....

HOMEM

(calmamente olha para os dois) Vocês os dois querem mesmo saber o que eu estou a olhar?

PESSOA 2 e PESSOA 1

(juntos)

PESSOA 1 - NÃO!

PESSOA 2 – SIM!

HOMEM

(volta calmamente a olhar para cima) O homem moderno é exatamente como vocês. Cheio de indecisões.

PESSOA 1

Estás a fazer de mim parvo!

PESSOA 2

Ele não estava a falar de ti!

HOMEM

[Guião *Lugares da Memória*]

Por isso a humanidade está a desumanizar-se!

PESSOA 1

Mas tu pensas que és o quê? Eu conheço-te de algum lado?

HOMEM

O homem já não tem consciência da sua existência. Já não se vê.

PESSOA 2

(para PESSOA 1) Tu apanhas o mesmo autocarro que eu. Fazes o mesmo trajeto de segunda a sexta-feira, exatamente às vinte e quarenta e cinco. Religiosamente.

HOMEM

E não olhas para cima.

PESSOA 2

Não.

PESSOA 1

Já me estou a passar com vocês os dois.

PESSOA 2

Tem calma. Ele estava quase a dizer o que estava a olhar.

PESSOA 1

Olha isso já nem me interessa!

HOMEM

O interesse morreu.

(para os dois, enfático e em voz alta) EU ESTAVA... *(PESSOA 1 e PESSOA 2 param e olham para o HOMEM)*... SIMPLEMENTE...A OLHAR...A CIDADE. *(torna a olhar para cima calmamente)*

Os prédios antigos, estes prédios estão aí há décadas. Viram passar milhões de pessoas por este mesmo bocado de chão que estamos a pisar. *(olha para PESSOA 1 e PESSOA 2)*
E no entanto, ninguém mais lhes presta a atenção. Ninguém. Estão todos cegos. E nesta cegueira, a cidade perde-se porque as pessoas perdem-se na imensidão de seus bolsos. O bolso - a fronteira final. O fim e o começo de tudo. O começo da vida. A razão das coisas. *(ao mesmo tempo em que HOMEM fala, PESSOA 1 e PESSOA 2 vão lentamente olhando para cima)* O porquê de tudo acontecer nesta vida. É para onde a civilização caminha. Para o bolso. Milhões de pessoas dentro de um bolso. Enfiadas. Costuradas umas às outras. Atadas pela insensibilidade. Todos juntos na mesma nave-bolso em direção a um mesmo universo-moeda. Nada mais interessa além disso. As pessoas não se veem e não se tocam. Elas simplesmente desconfiam. Não confiar em ninguém!!!. Essa é a frase do mundo atual. Não confiar em ninguém. E se confiases cegamente no outro, serás o próximo pobre coitado. O próximo idiota. Serás o próximo mendigo a ser tostado em álcool em praça pública enquanto dorme. E todos passarão na manhã seguinte por aquele pedaço de carne assada em plena madrugada e não vão ver ali outra coisa senão um monte de comida de cão. Por isso eu olho para cima. Para pedir a bênção. Estes prédios olham por nós todos há décadas. *(vai saindo, olhando para cima)* Eles são os únicos que dizem assim..."Estamos aqui...Estamos aqui...Estamos aqui..." *(sai)* "Estamos aqui..."

[Guião Lugares da Memória]

Cena 17 - TORRES VEDRAS

Som – *Garage Beat*.

Projeção do vídeo da cidade de Torres Vedras, enquanto se visualiza o vídeo 3 personagens entram... Quando o vídeo termina começam a falar.

Matilde -Sou de uma cidade pequena. Ou de uma aldeia grande. Sou de uma cidade com verde, e azul, e muito preto.

Bá -Gostaria que alguém visse como eu vejo a minha cidade tão cheia de vida, de histórias, de pessoas e memórias.

Ana Maria - Pudessem alguém saber que a minha cidade marcou a História, e que daqui a muitos anos alguém ainda conseguisse contar o porquê daquelas Linhas... e daquele Castelo em ruínas.

Bárbara - Mas os anos passam e as pessoas mudam... a cidade muda...

Matilde - Se alguém da minha cidade me ouvir, facilmente reconhecerá o Benjamim da 9 de Abril, e o João dos caixotes do lixo.

Bá -Se alguém conhecer a minha cidade como eu, entenderá que somos nós que fazemos deste lugar o que quisermos

Matilde - mesmo que para isso tenhamos que pagar um galão ao João, ou ir à 9 de Abril sorrir ao Benjamim.

Ana Maria - São as pequenas coisas, e as grandes pessoas da minha cidade, que fazem dela um lugar tão bom para ser.

Bá- Para vos mostrar isso, posso contar-vos da tradição do mercado - que mesmo que falem apenas do Garrafão da Joana, não há nada que vença aquelas bifanas do rei ;

Matilde - Posso descrever o verde da Várzea, os torrienses saberão que aquele lugar antes de ser verde, era castanho e de terra batida) ;

Anne –E o doce dos pastéis de feijão que adoçam a boca a quem quiser ;

Bá -Os feitos dos grandes Atletas, dos corredores, ciclistas, ginastas, jogadores de hóquei, jogadores de futebol, jogadores de basquete...

Matilde -Vejam bem que a minha cidade até já foi considerada uma das cinco melhores cidades para se viver!

Anne – E até temos umas bicicletas bem porreiras agora, em homenagem a um ciclista da terra, chamam-se Agos... Como é?

Lá atrás gritam - “Agostinhas!”

Anne- Isso.

Bá - Quem não for da minha cidade, por muito que eu me esforce em descrever o melhor que ela tem, não entenderá...

[Guião *Lugares da Memória*]

Anne -Os habitantes da minha cidade são conhecidos como os aborrecidos... há até aquela expressão –

Todas - Se estás aborrecido vai para Torres...

Matilde -Mas para os aborrecidos e para os foliões temos o Carnaval, e é esse fenómeno que move multidões à minha cidade e mesmo que por apenas por alguns dias e algumas noites...São Felizes!

Luz baixa até blackout.

Som 10 - Dead Can Dance - Sambatiki

Vídeo do Carnaval.

(Música + vídeo do Carnaval de torres. Todos dançam com as imagens projetadas... os intérpretes descem do palco e levam algum público a dançar, voltam a descer com o público)

O último personagem a sair de cena, coloca umas plumas na ilha das memórias, e gira a ampulheta.

Tempo / Memórias

SOM - Ouve-se apenas o som de um relógio. Tic tac....

Luz Blackout mantem-se

A pouco e pouco vão entrando com lanternas a apontar para a cara e vão dizendo o texto.

Quando estiverem todos e todos tiverem acendido as lanternas, baixar o som do relógio lentamente...

TEMPO....

Ana - Preciso de tempo...

Matilde - Preciso de tempo para respirar...

Laura - para sorrir...

Bá - para matar saudades de quem gosto...

Gabriel - para estar em silêncio...

Gonçalo - para pensar...

Cristiana - Preciso de tempo para sentir...

Filipa - para tomar decisões...

Bruna - para estar comigo...

Matilde - para estar com os outros...

Mariana - para me conhecer...

[Guião Lugares da Memória]

Inês Miguel - para simplesmente estar no aqui e agora... no presente...

Bá – para acreditar.

Laura – para crescer.

Filipa – para recordar...

Pedro – para esquecer...

Inês Carmo – para voltar a ser feliz.

Cristiana - Para onde vai o meu tempo?...

Ana - Para onde vão as nossas memórias com a passagem do tempo??

Todos - E tu que memórias guardas?

Som - 06 Samskeyti

*Lanternas apontadas para a cara dos intérpretes, quando entra o piano na música baixam as lanternas, apontam para o chão, e descem do palco, escolhem uma fila que deverão passar e cumprimentar as pessoas que lá estão. Quando chegarem ao outro lado da fila apontam as lanternas para as filas, voltam a apontar para o chão sobem ao palco, apontam as lanternas para as suas caras e a pouco e pouco vão apagando, quando todas as lanternas estiverem apagadas **Vídeo da contagem decrescente.***

Música do fim, com as lanternas descem do palco e vão ao encontro do público apontando-lhes as lanternas e dizendo algumas das seguintes frases:

- Agora fazes parte da minha memória e eu da tua...
- Gosto de te ter aqui!
- Foi boa a viagem?
- Encontrei-te!
- Que bom que pode vir!
- Olá eu sou!
- Obrigada!
- Prazer em conhecer-te, eu sou o/a
- Sente o meu coração. *(colocam a mão da pessoa sobre o coração)*
- Eu estou aqui.
- Ainda bem que pudeste vir!

...

[Guião Lugares da Memória]

Podem segredar ao ouvido à medida que vão atravessando as filas.

Quando terminarem ficam nos corredores laterais a apontar para as suas filas.

É projetado uma contagem decrescente. 10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

Voltam ao palco e agradecem.

FIM

[Guião *Lugares da Memória*]

ANEXO C
[MATERIAIS PROMOCIONAIS]

LUGARES DA MEMÓRIA



ENCENAÇÃO E DRAMATURGIA
ANA ALMEIDA

“O que é real? O que é teatro?”

7 e 8 de junho . 21h30

TEATRO-CINE DE TORRES VEDRAS

INTÉRPRETES Ana Ferreira / Bárbara Fernandes / Bruna Gigante / Cristiana Pinto / Eda Garcês / Gabriel Ferreira / Gonçalo Alves / Laura Varges / Lisa Mara / Matilde Cabrita **PRODUÇÃO** ATV **CO-PRODUÇÃO** Teatro-Cine T. Vedras

BILHETE 5 € (público em geral)
BILHETE 3 € (sócios)

ATV - ACADÉMICO DE T. VEDRA / S
T. 261 322 991 / 919 859 106 / 962 372 916 / geral@atv.pt / www.atv.pt

PARA MAIS INFORMAÇÕES

PARCERIO INSTITUCIONAL



Torres Vedras
Câmara Municipal

MECENAS

CHAGAS

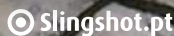
PARCERIOS



Valanálises
Laboratório de Análises de
Educação, Saúde e Bem-Estar



FARMÁCIA
Santa Cruz, Lda.



[Cartaz Junho 2013]



LUGARES DA MEMÓRIA
 ENCENAÇÃO E DRAMATURGIA // ANA ALMEIDA

7 e 8 de junho / sexta-feira e sábado / 21h30
 Teatro-Cine de Torres Vedras

Partindo de memórias pessoais e algumas universais, articuladas com factos da atualidade, surge a vontade de "contar uma história". Verdade e ficção. O que é real? O que é teatro?

INTERPRETES/Ana Ferreira / Bárbara Fernandes / Bruna Gigante / Cristiana Pinto / Eda Garcês / Gabriel Ferreira / Gonçalo Alves / Laura Varges / Lisa Mara / Matilde Cabrita
 PRODUÇÃO/ATV - CO-PRODUÇÃO/Teatro-Cine T. Vedras

BILHETES//5€ (público em geral) 6€ (sócios ATV)
 PÚBLICO ALVO/maiores de 10 anos DURAÇÃO/ aprox. 70 minutos

atv
 VIVE O MELHOR DE TI

Torres Vedras Câmara Municipal
 CHAGAS
 ATV - ACADEMICO DE T. VEDRAS
 T: 261 322 991 / 919 859 106 / 962 372 916
 geral@atvpt / www.atvpt

PARCEIRO INSTITUCIONAL MECENAS MAIS INFORMAÇÕES

Slingshot.pt
 BARRIOS VALOURO S.A.
 A33
 H5
 Alanálises
 FARMACIA Santa Cruz, Lda.
 FARMOZ

[Flyer Junho 2013]



LUGARES DA MEMÓRIA
 ENCENAÇÃO E DRAMATURGIA // ANA ALMEIDA

PRODUÇÃO/ATV - CO-PRODUÇÃO/Teatro-Cine T. Vedras M/10

FICHA TÉCNICA/
 Encenação e dramaturgia ANA ALMEIDA
 Figurinos e Adereços COLETIVO OIKOS
 Sonoplastia ANA ALMEIDA
 Operação de Som JOANA ALMEIDA
 Operação de Vídeo GONÇALO OLIVEIRA
 Desenho de Luz TEATRO-CINE DE T. VEDRAS
 Duração aprox. 70 minutos

SINOPSE/
 Lugares da Memória surge como resultado do laboratório de teatro - OIKOS - universos habitados, que teve início em Janeiro de 2013. É fruto do que experienciamos, do que partilhámos e sobretudo da vontade de contar alguma coisa que nos vai na alma, histórias pessoais, de família, coletivas...
 Tivemos como ponto de partida a exploração do jogo teatral. O que é real? O que é teatro?
 Lugares da Memória nasce da partilha de histórias e inquietações nossas, num tempo em que não há tempo, em que temos saudades do silêncio e precisamos sentir para provar que ainda estamos vivos...
 E tu, que memórias guardas?
 Ana Almeida

INTÉRPRETES/
 ANA FERREIRA / BÁRBARA FERNANDES / BRUNA GIGANTE / CRISTIANA PINTO / EDA GARCÊS / GABRIEL FERREIRA / GONÇALO ALVES / LAURA VARGES / LISA MARA / MATILDE CABRITA

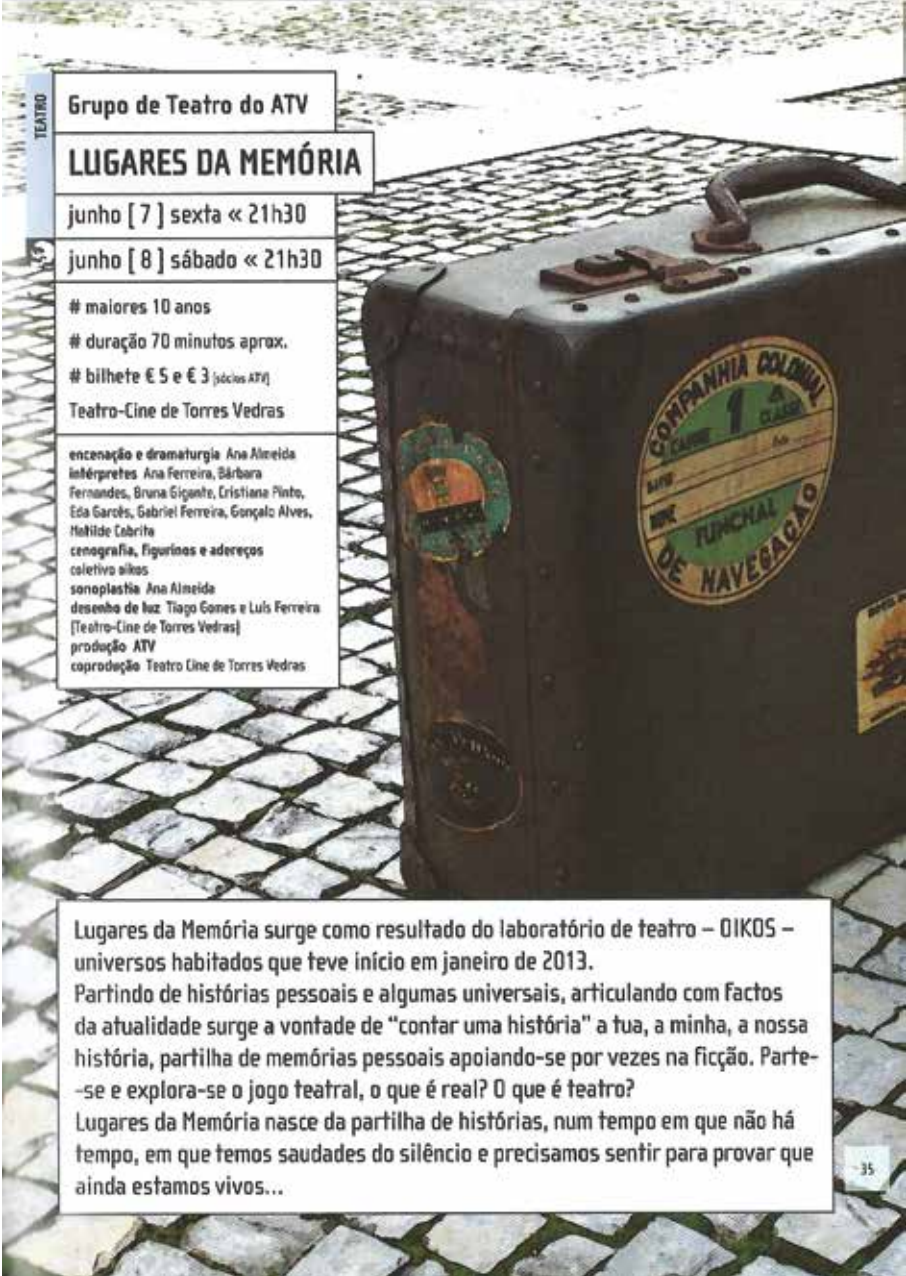
AGRADECIMENTOS/
 André Silva, Carlos Almeida, Carolina Cabrita, Coletivo meia dúzia de oito, equipa do Teatro Cine de Torres Vedras, Esmeralda Almeida, Fátima Garcês, Gonçalo Ferreira, Isabel Germano, Joana Almeida, José Luis Gigante, Madalena Esteves, Michael Costa, Rafael Morais, Rita Agostinho, Rita Wengorovius e Sara Meuro, As famílias: Almeida, Alves, Cabrita, Fernandes, Ferreira, Garcês, Gigante, Lourenço, Neves, Varges (pais, irmãos, tios, avós e primos).

atv
 VIVE O MELHOR DE TI

Torres Vedras Câmara Municipal
 CHAGAS
 Slingshot.pt
 BARRIOS VALOURO S.A.
 A33
 H5
 Alanálises
 FARMACIA Santa Cruz, Lda.
 FARMOZ

PARCEIRO INSTITUCIONAL MECENAS MAIS INFORMAÇÕES

[Folha de sala Junho 2013]



TEATRO

Grupo de Teatro do ATV

LUGARES DA MEMÓRIA

junho [7] sexta « 21h30

junho [8] sábado « 21h30

maiores 10 anos

duração 70 minutos aprox.

bilhete € 5 e € 3 (sócios ATV)

Teatro-Cine de Torres Vedras

encenação e dramaturgia Ana Almeida
 intérpretes Ana Ferreira, Bárbara Fernandes, Bruna Gígonha, Cristiana Pinto, Eda Garós, Gabriel Ferreira, Gonçalo Alves, Hildebranda
 cenografia, figurinos e adereços coletivo oikos
 sonoplastia Ana Almeida
 desenho de luz Tiago Gomes e Luís Ferreira [Teatro-Cine de Torres Vedras]
 produção ATV
 coprodução Teatro Cine de Torres Vedras

Lugares da Memória surge como resultado do laboratório de teatro – OIKOS – universos habitados que teve início em janeiro de 2013. Partindo de histórias pessoais e algumas universais, articulando com factos da atualidade surge a vontade de “contar uma história” a tua, a minha, a nossa história, partilha de memórias pessoais apoiando-se por vezes na ficção. Parte-se e explora-se o jogo teatral, o que é real? O que é teatro? Lugares da Memória nasce da partilha de histórias, num tempo em que não há tempo, em que temos saudades do silêncio e precisamos sentir para provar que ainda estamos vivos...

35

[Agenda do Teatro Cine de Torres Vedras]

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO



ENCENAÇÃO E DRAMATURGIA
ANA ALMEIDA

“O que é real? O que é teatro?”

13 de dezembro . 21h30

TEATRO-CINE DE TORRES VEDRAS

INTÉRPRETES . Ana Ferreira / Bárbara Fernandes / Bruna Gigante / Cristiana Pinto / Filipa Santos / Gabriel Ferreira / Gonçalo Alves / Inês Carmo / Inês Miguel / Laura Varges / Mariana Pinheiro / Matilde Cabrita / Pedro Gomes / Vanessa Matias . **PRODUÇÃO** ATV **COPRODUÇÃO** Teatro-Cine T. Vedras

ATV - ACADÉMICO DE T. VEDRAS
T. 261 322 991 / 919 859 106 / 962 372 916 / geral@atv.pt / www.atv.pt

PARA MAIS INFORMAÇÕES

M/10



[Cartaz Dezembro 2013]

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO

ENCENAÇÃO E DRAMATURGIA
ANA ALMEIDA



"O que é real? O que é teatro?"

13 de dezembro . 21h30

TEATRO-CINE DE TORRES VEDRAS

[Flyer Dezembro 2013]

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO

ENCENAÇÃO E DRAMATURGIA . ANA ALMEIDA

13 DEZ . 6^a Feira . 21h30 . Teatro-Cine Torres Vedras

“Lugares da Memória Revisitado nasce da partilha de histórias pessoais e inquietações nossas, articulado com factos da atualidade. Surge num tempo em que não há tempo, em que temos saudades do silêncio e precisamos sentir alguma coisa para provar que ainda estamos vivos... Criou-se um jogo. O que é real? O que é teatro?”

INTÉRPRETES Ana Ferreira + Bárbara Fernandes + Bruna Gigante + Cristiana Pinto + Filipa Santos + Gabriel Ferreira + Gonçalo Alves + Inês Carmo + Inês Miguel + Mariana Pinheiro + Matilde Cabrita + Pedro Gomes + Vanessa Matias

BILHETE 5 € | PÚBLICO GERAL • BILHETE 3 € | SÓCIOS ATV

MAIORES DE 10 ANOS • DURAÇÃO APROX. 80 MINUTOS



ATV - ACADÉMICO DE T. VEDRAS
T. 261 322 991 / 919 859 106 / 962 372 916
geral@atv.pt / www.atv.pt

PRODUÇÃO

PARCEIRO INSTITUCIONAL

MECENAS

MAIS INFORMAÇÕES

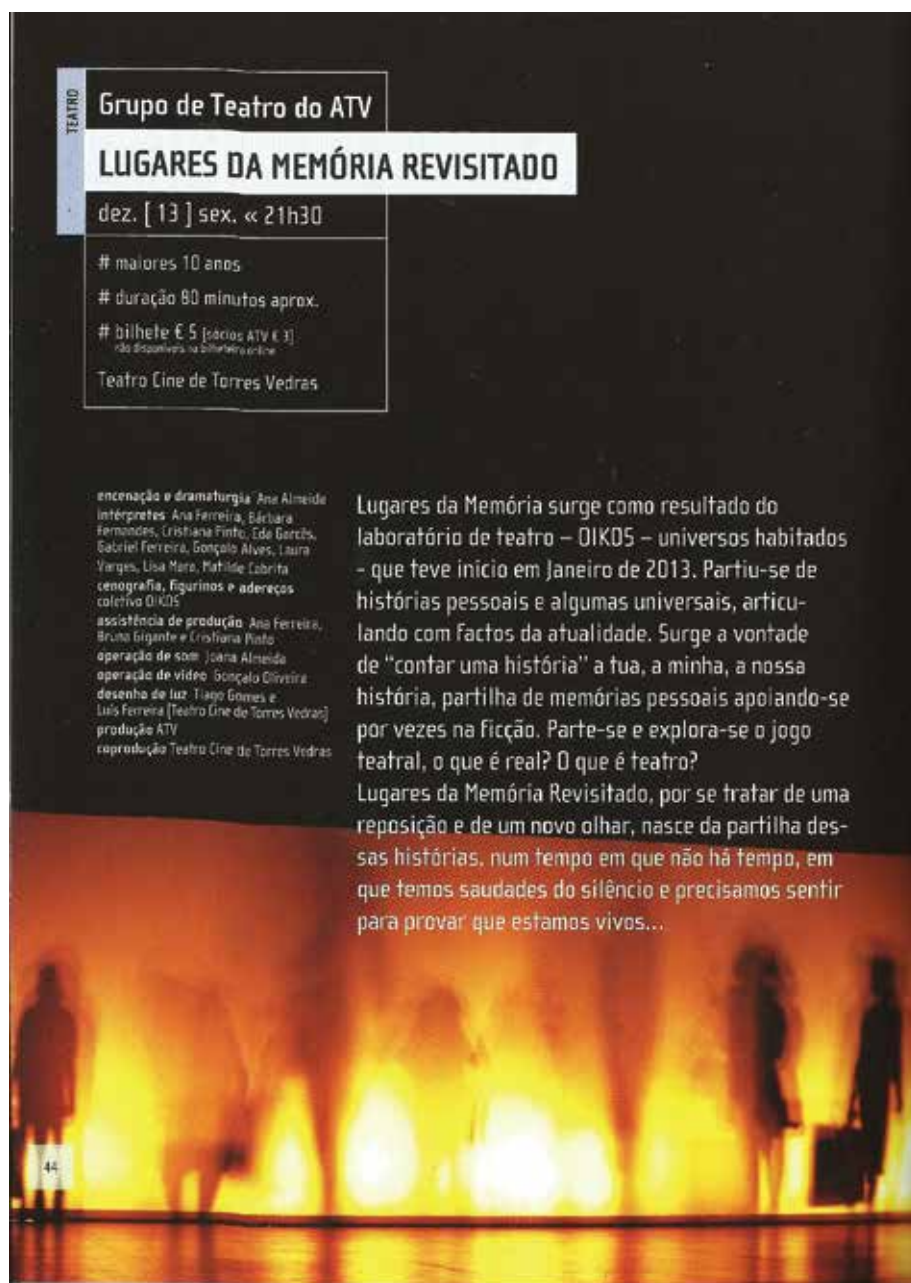


COPRODUÇÃO

PARCEIROS



[Flyer Dezembro 2013]



TEATRO Grupo de Teatro do ATV

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO

dez. [13] sex. « 21h30

maiores 10 anos
duração 80 minutos aprox.
bilhete € 5 (sócios ATV € 3)
vão disponíveis na bilheteria on-line

Teatro Cine de Torres Vedras

encenação e dramaturgia: Ana Almeida
intérpretes: Ana Ferreira, Bárbara Fernandes, Cristiana Pinto, Edo Garcia, Gabriel Ferreira, Gonçalo Alves, Laura Vargas, Lisa Maro, Matilde, Sábria
cenografia, figurinos e adereços: coletivo D.K.D5
assistência de produção: Ana Ferreira, Bruna Gigante e Cristiana Pinto
operação de som: Joana Almeida
operação de vídeo: Gonçalo Oliveira
desenho de luz: Tiago Gomes e Luís Ferreira [Teatro Cine de Torres Vedras]
produção: ATV
reprodução: Teatro Cine de Torres Vedras

Lugares da Memória surge como resultado do laboratório de teatro – D.K.D5 – universos habitados – que teve início em Janeiro de 2013. Partiu-se de histórias pessoais e algumas universais, articulando com factos da atualidade. Surge a vontade de “contar uma história” a tua, a minha, a nossa história, partilha de memórias pessoais apoiando-se por vezes na ficção. Parte-se e explora-se o jogo teatral, o que é real? O que é teatro?

Lugares da Memória Revisitado, por se tratar de uma reposição e de um novo olhar, nasce da partilha dessas histórias, num tempo em que não há tempo, em que temos saudades do silêncio e precisamos sentir para provar que estamos vivos...

[Agenda do Teatro Cine de Torres Vedras]



[Banner]



[Bilhete]

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO



ENCENAÇÃO E DRAMATURGIA
ANA ALMEIDA

"O que é real? O que é teatro?"

20 de maio . 14h00

Grande Auditório da Escola Superior
de Teatro e Cinema

ELENCO . Ana Ferreira / Bruna Gigante / Cláudia Santos / Filipa Santos / Gabriel Ferreira / Gonçalo Alves /
Inês Miguel / Mariana Pinheiro / Matilde Cabrita / Vanessa Matias

PRODUÇÃO . ATV **COPRODUÇÃO** . Teatro-Cine T. Vedras

ATV - ACADÉMICO DE T. VEDRAS
T. 261 322 991 / 919 859 106 / 962 372 916 / geral@atv.pt / www.atv.pt

PARA MAIS INFORMAÇÕES

M/10



CHAGAS

slingshot.pt



VALOURO S.A.



ÓTICAS-OCT



[Cartaz Maio 2014]

[PRESS RELEASE LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO]

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO

atv
VIVE O MELHOR DE TI

ENCENAÇÃO E DRAMATURGIA
ANA ALMEIDA

“O que é real? O que é teatro?”

7 de junho . 21h30

Cine Teatro de Sobral de Monte Agraço

ELENCO . Ana Ferreira / Bruna Gigante / Cláudia Santos / Filipa Santos / Gabriel Ferreira / Gonçalo Alves / Inês Miguel / Mariana Pinheiro / Matilde Cabrita / Vanessa Matias
PRODUÇÃO . ATV **COPRODUÇÃO** . Teatro-Cine Torres Vedras

Reservas . Bilheteira do Cine-Teatro ou telefone 261 948 321
5ª, 6ª e Sábados com espetáculo: 16h às 19h

M/6

Associação Municipal de Torres Vedras
Torres Vedras Câmara Municipal
Sobral de Monte Agraço Município

ATV - ACADEMICO DE TORRES VEDRAS
T. 261 322 991 / 919 859 106 / 962 372 916 / GERAL@ATV.PT / WWW.ATV.PT

PARA MAIS INFORMAÇÃO

Teatro Cine Torres Vedras
CINE TEATRO
CHAGAS
Slingshot.pt
rodioes7e978
VAL OURO S.A.
LIGA 2000
A3
ÓTICAS-OCT
Entidade Santa Cruz, Lda.
HRS
alanálises



LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO | [BREVE HISTORIAL]

A viagem ao Lugares da Memória teve início em Janeiro de 2013, começou com um Laboratório de Teatro intitulado OIKOS – Universos Habitados, pretendia partir do universo pessoal, da narrativa de memórias dos participantes e pesquisar diferentes códigos de comunicação.

Foram introduzidos diferentes indutores criativos com o objetivo de explorar o universo de cada um, aquilo que transporta em si, aquilo em que acredita, as suas histórias, as suas inquietações, as suas memórias, aquilo que o torna único e original.

Construiu-se um Lugar, Lugares da Memória foi apresentado a 7 e 8 de Junho de 2013 no Teatro Cine de Torres Vedras.

No dia 13 de Dezembro de 2013 também no Teatro Cine de Torres Vedras levámos a palco Lugares da Memória Revisitado, mais uma viagem ao nosso/vosso Lugar que construímos, uma espécie de Revisita, com um novo olhar e com novos universos a serem partilhados.

Lugares da Memória Revisitado termina agora numa terceira temporada, com algumas memórias novas, novos elementos e uma nova visão, que ano e meio permitiu realizar. Uma nova consciência do objeto artístico em si e com a mesma vontade de partilhar.

Depois de ter sido apresentado na Escola Superior de Teatro e Cinema é a vez de partilhar no Cine Teatro do Sobral de Monte Agraço, que sempre nos acolheu muito bem. Fechamos um ciclo, precisamente um ano depois de estrearmos. Mais de vinte pessoas passaram pelo projecto como intérpretes, deixando a sua marca no processo. Depois de ano e meio de viagem resta perguntar - E tu que memórias guardas?

Ana Almeida

SINOPSE

Lugares da Memória Revisitado nasce da partilha de histórias pessoais e inquietações, articulado com factos da atualidade.

Surge num tempo em que não há tempo, em que temos saudades do silêncio e precisamos sentir alguma coisa para provar que ainda estamos vivos...

Criou-se um jogo. O que é real? O que é teatro?

E tu, que memórias guardas?



FICHA TÉCNICA

Encenação e dramaturgia
Ana Almeida

Elenco
Ana Ferreira
Bruna Gigante
Cláudia Santos
Filipa Santos
Gabriel Ferreira
Gonçalo Alves
Inês Miguel
Mariana Pinheiro
Matilde Cabrita
Vanessa Matias

[Press Release *Lugares da Memória Revisitado*]

2

Textos

Colectivo OIKOS

Figurinos e adereços

Colectivo OIKOS

Vídeos

Ana Almeida e Colectivo OIKOS

Operação de vídeo

Ana Almeida e Gonçalo Oliveira

Sonoplastia

Ana Almeida

Operação de som

Joana Almeida

Desenho e operação de Luz

Cine Teatro de Sobral de Monte Agraço

Assistência de produção

Ana Ferreira, Bruna Gigante, Cristiana Santos, Marisa Miranda e Gonçalo Oliveira

Registos fotográficos_ **Ana Almeida, Ana Rita Rosa, Bruna Gigante, Carolina Cabrita, Rafael Moraes, Ricardo Rodrigues, Rui Ribeiro**

Produção **ATV (www.atv.pt)**

Coprodução **Teatro Cine de Torres Vedras e Cine Teatro de Sobral de Monte Agraço**

Duração

Aprox. 80 minutos

M/6

VÍDEOS PROMOCIONAIS

<http://www.youtube.com/watch?v=nYhvhC2Xx0Y>

<https://www.youtube.com/watch?v=mVLwk7WhdNA>

Página Facebook Lugares da Memória - Revisitado

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO

7 de Junho . 21h 30m . Cine Teatro de Sobral de Monte Agraço

Largo Gago Coutinho e Sacadura Cabral, n.º 5

Sobral de Monte Agraço

Reserva de bilhetes para o 261 948 322/355 ou cineteatro@cm-sobral.pt

[Press Release *Lugares da Memória Revisitado*]

3

FOTOGRAFIAS DE CENA



[DOSSIER DE APRESENTAÇÃO
LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO]

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO



ENCENAÇÃO E DRAMATURGIA
ANA ALMEIDA

“O que é real? O que é teatro?”

UMA PRODUÇÃO ATV - WWW.ATV.PT



ÍNDICE

Apresentação do Projeto	P.3
Sinopse	P.4
Galeria de imagens	P.5
Ficha Técnica	P.9
Vídeos promocionais	P.11
Condições Técnicas	P.12
Contactos	P.14

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO . UMA PRODUÇÃO ATV

[DOSSIER DE APRESENTAÇÃO
LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO]

03



APRESENTAÇÃO DO PROJETO

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO . UMA PRODUÇÃO ATV

A viagem ao *Lugares da Memória* teve início em janeiro de 2013, com um Laboratório de Teatro intitulado OIKOS – Universos Habitados, que teve como ponto de partida o universo pessoal, a narrativa de memórias dos participantes e a pesquisa de diferentes códigos teatrais.

Foram introduzidos diferentes indutores criativos com o objetivo de explorar o universo de cada um, aquilo que transporta em si, aquilo em que acredita, as suas histórias, suas memórias, aquilo que o torna único e original.

Construiu-se um Lugar que foi apresentado a 7 e 8 de junho de 2013 no Teatro-Cine de Torres Vedras.

A 13 de dezembro de 2013, também no Teatro-Cine de Torres Vedras, foi apresentado *Lugares da Memória Revisitado*, onde se propôs mais uma viagem ao nosso/voosso Lugar, com um novo olhar e novos universos a serem partilhados.

[DOSSIER DE APRESENTAÇÃO
LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO]

04



SINOPSE

Lugares da Memória Revisitado nasce da partilha de histórias pessoais e inquietações, articulada com factos da atualidade.

Surge num tempo em que não há tempo, em que temos saudades do silêncio e precisamos sentir alguma coisa para provar que ainda estamos vivos...

Criou-se um jogo. O que é real? O que é teatro?

E tu, que memórias guardas?

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO . UMA PRODUÇÃO ATV



[DOSSIER DE APRESENTAÇÃO
LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO]

05

GALERIA DE IMAGENS

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO . UMA PRODUÇÃO ATV



[DOSSIER DE APRESENTAÇÃO
LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO]

06



[DOSSIER DE APRESENTAÇÃO
LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO]

07



[DOSSIER DE APRESENTAÇÃO
LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO]

08



[DOSSIER DE APRESENTAÇÃO
LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO] 09

FICHA TÉCNICA

Encenação e dramaturgia

Ana Almeida

Elenco

Ana Ferreira

Bárbara Fernandes

Bruna Gigante

Cristiana Pinto

Filipa Santos

Gabriel Ferreira

Gonçalo Alves

Inês Carmo

Inês Miguel

Laura Varges

Mariana Pinheiro

Matilde Cabrita

Pedro Gomes

Vanessa Matias

Textos

Colectivo OIKOS

Figurinos e adereços

Colectivo OIKOS

Museu Municipal Leonel Trindade

Vídeos

Ana Almeida, Ana Ferreira, Bruna Gigante

Operação de Vídeo

Ana Almeida e Gonçalo Oliveira

Sonoplastia

Ana Almeida



[DOSSIER DE APRESENTAÇÃO
LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO] 10

FICHA TÉCNICA

Operação de Som
Joana Almeida

Desenho de Luz
Teatro-Cine de T. Vedras

Assistência de produção
Ana Ferreira
Bruna Gigante
Cristiana Pinto
Cristiana Santos
Marisa Miranda
Gonçalo Oliveira

Registos fotográficos
Ana Almeida
Ana Rita Rosa
Bruna Gigante
Carolina Cabrita
Rafael Moraes

Produção
ATV

Coprodução
Teatro-Cine de Torres Vedras

Duração
Aprox. 80 minutos

M/10



[DOSSIER DE APRESENTAÇÃO
LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO]

11



VÍDEOS PROMOCIONAIS

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO . UMA PRODUÇÃO ATV

www.youtube.com/watch?v=nYhvhC2Xx0Y

www.youtube.com/watch?v=mVLwk7WhdNA



[DOSSIER DE APRESENTAÇÃO
LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO]

12



CONDIÇÕES TÉCNICAS

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO . UMA PRODUÇÃO ATV

Área de atuação: 10m X 10m

(sendo possível adaptar o espetáculo ao espaço, dependendo das suas características)

Pernas em palco (adaptável)

Ciclorama / Tela de projeção

Projetor de Vídeo

Teia, ou dispositivo que permita pendurar um vestido no espaço cénico

Sistema de som c/ 2 Decks p/ cd

Desenho de luz / luz geral (diferentes ambientes; ciclorama e 2 projetores c/ recorte)

[DOSSIER DE APRESENTAÇÃO
LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO]

13



CONDIÇÕES TÉCNICAS

O **desenho de luz** deverá ser realizado com a encenadora e pessoal técnico da instituição que acolhe o espetáculo. O desenho de luz deverá ser adaptado de acordo com o material disponível

30 cadeiras sem braços

Tempo de montagem/desmontagem
do dispositivo cénico – 1h

NOTA: As condições técnicas poderão ser adaptadas de acordo com os recursos do local que acolhe o espetáculo.

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO . UMA PRODUÇÃO ATV

[DOSSIER DE APRESENTAÇÃO
LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO]

14



CONTACTOS

ATV . Académico de Torres Vedras

Largo Frei Eugénio Trigueiros, nºs 19/21 Torres Vedras

Apartado 125 / 2564-910 Torres Vedras

Tel/Fax: 261 322 991 / Tlm: 919 859 106 / 962 372 916

Email: geral@atv.pt / www.atv.pt

Parceiros .

CHAGAS

Slingshot.pt

radioeste97.8 fm
A sua música. A sua voz.

**LOJA
DOS
SEGUROS**

A:3
www.a3.com

Radio Europa
www.radioeuropa.pt

**RAÇÕES
VALOURO S.A.**

ÓTICAS-OCT
www.opticas-oct.pt

Analíses
www.analises.com
Dra. Ana Maria Simão Vicente

**FARMÁCIA
Santa Cruz, Lda.**

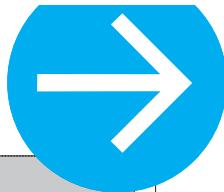
HPS
Centro Hospitalar
Hospital Pombal de S. João

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO . UMA PRODUÇÃO ATV

[DOSSIER DE APRESENTAÇÃO
LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO]



UMA PRODUÇÃO ATV - WWW.ATV.PT



TEATRO por Gabriela Lourenço



SOMOS AMIGOS?

De Warme Winkel e a crise do velho continente

Quando uma das companhias de teatro do momento se propõe a refletir sobre a crise na Europa, não podemos ficar indiferentes. Os holandeses De Warme Winkel, olhados como um dos grupos mais originais na cena teatral atual, pela sua busca constante de novas formas de fazer teatro, responderam ao repeto da rede House on Fire, composta por teatros de Praga, Bruxelas, Toulouse, Berlim, Amesterdão e Lisboa (o Teatro Maria Matos), com esta peça. «Não sabemos qual o país que mais merece a nossa empatia (e rating AAA). Vamos mostrar a nossa solidariedade e testar a vossa, tentando descobrir o prazo de validade da Europa que conhecemos», dizem. Partindo do particular para o universal e da ideia de solidariedade (ou

falta dela) na Europa, fazem um jogo de «diferentes estilos e formas, com clichés e com o público e as suas expetativas», descrevem. «Testamos até onde podemos levar este sentimento de mal-estar e levamo-lo a extremos. É sobre pessoas que já não conseguem ver a diferença entre boas intenções e realmente fazer algo de bom, algo verdadeiramente característico do nosso tempo», explicaram numa entrevista. Um espetáculo em inglês com legendas em português, a provar que a reflexão deve ser universal. ©

WE ARE YOUR FRIENDS

De Marien Jongewaard Teatro Municipal Maria Matos, Av. Frei Miguel Contreiras, 52, Lisboa T.21 843 8800. 13-15 Dez, Sex-Sáb 21h30, Dom 18h30. €5 a €14

ESTREIAS

LISBOA A MULHER DE PORTO PIM

De Antonio Tabucchi. Enc: Fabrizio Montecchi Teatro Nacional D. Maria II, Pç. D. Pedro IV, Rossio T.21 325 0800. 18-19 Dez, Qua 19h15, Qui 21h15. €1 a €12

TORRES VEDRAS

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO Criação Coletiva. Enc: Ana Almeida Teatro-Cine de Torres Vedras, Av. Tenente

Valadim, 19 T.261 338 131. 13 Dez, Sex 21h30.

CONTINUAM

LISBOA 4 AD HOC De Eugène Labiche. Enc: Luís Miguel Cintra Teatro do Bairro Alto, R. Tenente Raúl Cascais, 1A T.21 396 1515. Até 15 Dez, Ter-Sáb 21h, Dom 16h. €7,50, €15

A GRANDE ESTREIA

De Danielle Navarro e Patrick Haudecoeur. Enc: António Pires Tivoli BBVA Av. Liberdade, 182-188 T.21

357 2025, Qui-Sáb 21h30, Dom 16h30. €10 a €18

A MAIS TERNA ILUSÃO

De Fernando Pessoa. Enc: Ricardo Boléo Teatro Turim, Estr. Benfica, 723A T.21 760 6666. Até 19 Dez, Qua-Dom 21h30

A NOITE

De José Saramago. Enc: José Carlos Garcia Teatro da Trindade, Lg. da Trindade, 7A T.21 342 3200. Até 29 Dez, Qui-Sáb 21h30, Dom 18h. €8 a €15

ACTOR IMPERFEITO

De Luísa Costa Gomes. Enc: António Pires Teatro do Bairro, R. Luz Soriano, 63 T.21 347 3358/9. Até 22 Dez, Qui-Sáb 21h, Dom 17h. €7,50, €12,50

AS ONDAS

A partir de Virginia Woolf. Enc: Sara Carinhas Ribeira, R. da Ribeira Nova, 44 T.91 534 1974. Até 15 Dez, Qui-Sáb 21h, Dom 17h e 21h. €8

CASA - O CULTIVO DE FLORES DE PLÁSTICO

De Afonso Cruz. Enc: Rute Rocha Teatro da Trindade, Lg. da Trindade, 7A T.21 342 3200. Até 22 Dez, Qua-Sáb 21h45, Dom 17h.

GALGAR COM TUDO POR CIMA DE TUDO

De Fernando Pessoa. Enc: João Rosa Teatro da Comunidade, Pç. de Espanha T.21 722 1770. Até 14 Dez, Sex-Sáb 21h30.

LAR, DOCE LAR A

partir de Luísa Costa Gomes. Enc: António Pires Casinó Lisboa, Pq. das Nações, Al. dos Oceanos T.21 892 9000. Até 30 Dez, Dom 16h30, Seg-Qua 21h30. €10 a €18

MARY POPPINS - A MULHER QUE SALVOU O MUNDO

De Ricardo Neves-Neves Teatro da Politécnica, R. da Escola Politécnica, 56 T.96 196 0281. Até 14 Dez, Ter-Qua 19h, Qui-Sex 21h, Sáb 16h e 21h.

MORTE SÚBITA

De Ricardo Cabaça Teatro Cinearte, Lg. de Santos, 2 T.21 396 5360/275. Até 15 Dez, Sex-Sáb 21h, Dom 17h. €7,50

OS IDIOTAS

De Andrew Spiers, Elliott Tiney, Benjamin Wilson e James Wrighton. Enc: Sónia Aragão Casinó Lisboa, Pq. Nações, Al. dos Oceanos T.21 892 9000. Qui-Sáb 21h30, Dom 16h30. €10 (Qui), €15, €20

DANÇA

LISBOA A POWER BALLAD Coreog: Mariana Tengner Barros Inspirada em Tempest Storm, bailarina de burlesco que continua a dançar aos 83 anos, Mariana Tengner Barros trabalha sobre «figuras excêntricas e decadentes, que lidam com o vazio de um pós-fama num corpo envelhecido que já não corresponde ao "ideal"». CCB, Pç. do Império T.21 361 2400. 13-14 Dez, Sex 21h, Sáb 19h. €6,50

PELE Coreog: Miguel Moreira O Útero num espetáculo entre a dança e o teatro, sobre essa parte do corpo «que transporta todas as emoções», «o abrigo emocional daquilo que somos». Teatro Municipal São Luiz, R. António Maria Cardoso, 38 T.21 325 7640. 18-22 Dez, Qua-Sáb 21h, Dom 17h30. €5 a €15

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO

Cinderela De Peter Tchaikovski Coreog: Michael Corder Teatro Camões, Pq. das Nações, Passeio do Neptuno T.21 892 3470. Até 15 Dez, Qui-Sáb 21h, Dom 16h. €5 a €25

OS JURAMENTOS INDISCRETOS

De Marivaux. Enc: José Peixoto Teatro Nacional D. Maria II, Pç. D. Pedro IV, Rossio T.21 325 0800. Até 15 Dez, Qua 19h, Qui-Sáb 21h, Dom 16h. €1 a €17

TEATRO RÁPIDO

R. Serpa Pinto, 14 T.21 347 9138, 91 028 8377. €3 Jantar de Família

De Nádia Santos e José Carlos Garcia. Enc: José Carlos Garcia Até 29 Dez, Qui-Seg 18h, 18h30, 19h, 19h30, 20h 15 Minutos De Catarina Mago e Sofia Ramos Até 29 Dez, Qui-Seg 18h05, 18h35, 19h05, 19h35, 20h05 Vícios Para Uma Família Feliz De Tiago R. Santos Até 29 Dez, Qui-Seg 18h15, 18h45, 19h15, 19h45, 20h15 É esta Aliança que quero! De Miguel Simões e Suzana Branco Até 29 Dez, Qui-Seg 18h20, 18h50, 19h20, 19h50, 20h25

A DAMA DO INTENDEnte

A partir de Marcelo Pedreira. Enc: António Terra Teatro Municipal Armélia Rey Colaço, R. Eduardo Augusto Pedroso, Al. G. T.21 411 3670. Até 14 Dez, Sex-Sáb 21h30. €8, €10

PALMELA QUARTETO

De Heiner Müller. Enc: Alexandre Pieroni Calado Quinta do Bando, Vale dos Barris, Palmela T.21 233 6850. 14-15 Dez, Sáb 21h, Dom 17h

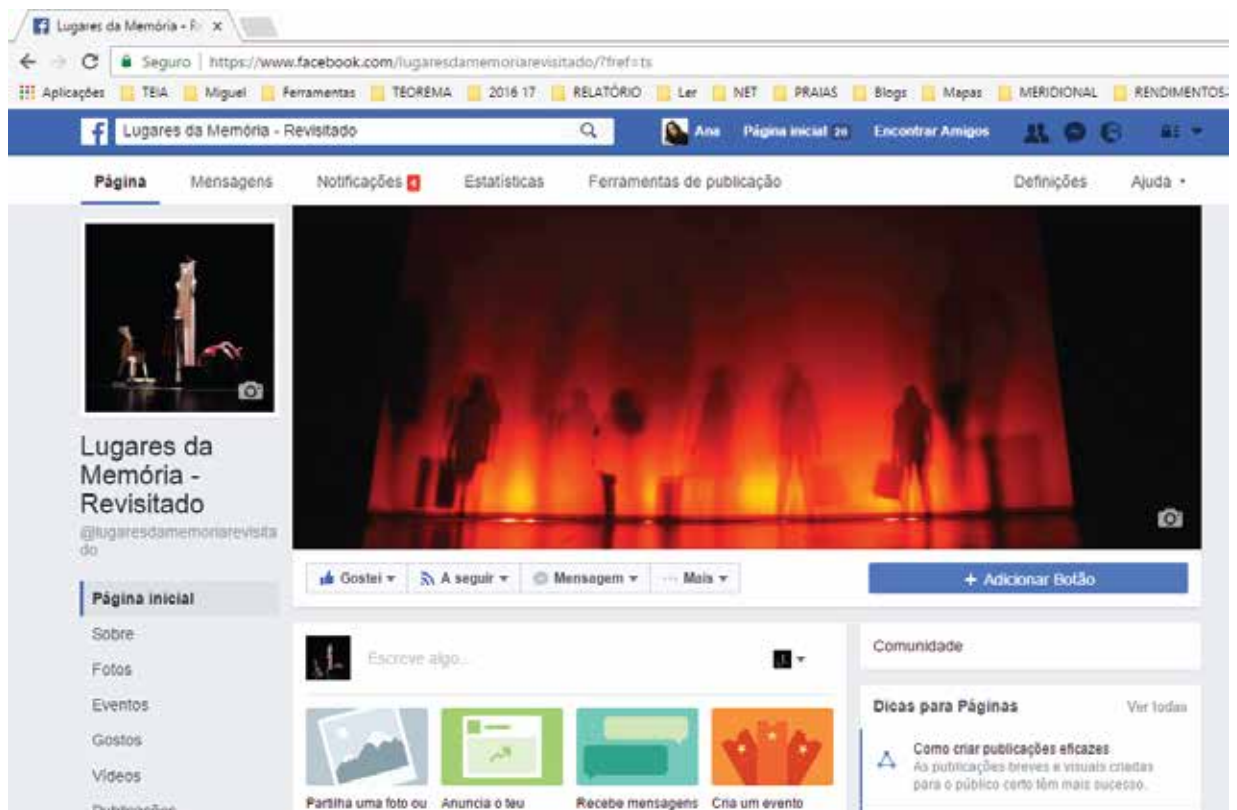
21h30, Dom 16h. €5, €7,50

CASCAIS OS SALTIMBANCOS

De Chico Buarque. Enc: Carlos Avilez T. Mun. Mirita Casimiro, Av. Fausto Figueiredo T.21 467 0320/21 486 7933. Até 29 Dez, Qui-Sáb 21h30, Sáb-Dom 16h. €7,50, €10

OEIRAS A CASA DO FIM DA LINHA

De Celso Cleto Auditório Municipal Eunice Muñoz, R. Mestre de Aviz T.21 446 2550/21 440 8411. Qui-Sáb 21h30, Dom 16h.



[Página de Facebook de *Lugares da Memória*]

Cine-Teatro

Sobral de Monte Agraço

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO

atv
VIVE O MELHOR DE TI

ENCENAÇÃO E DRAMATURGIA
ANA ALMEIDA

“O que é real? O que é teatro?”

7 de Junho . 21h30 . M6

Elenco. Ana Ferreira | Bruna Gigante | Cláudia Santos | Filipa Santos
Gabriel Ferreira | Gonçalo Alves | Inês Miguel | Mariana Pinheiro
Matilde Cabrita | Vanessa Matias

Produção. ATV **Coprodução.** Teatro-Cine Torres Vedras

Reservas

Bilheteira do Cine-Teatro ou Tel. 261 948 321
5°F, 6°F e Sáb. com Espetáculo: 16h00 às 19h00

2014



[Mupi]



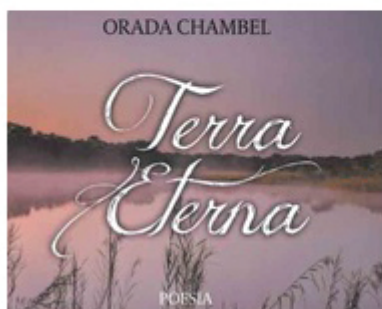
[Banner]

SOBRAL de MONTE AGRAÇO
município

Newsletter n.º 394

04 de junho de 2014

<http://www.cm-sobral.pt/>



Lançamento do Livro "Terra Eterna"

ORADA CHAMBEL
07 JUNHO | SÁBADO | 16h00 | Auditório Municipal

A Editora Lua de Marfim e a autora Orada Chambel realizam o lançamento do livro de poesia "Terra Eterna", integrado na XI Feira do Livro, em Sobral de Monte Agraço

Todo o Público | Entrada Livre



Teatro| Cine-Teatro

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO
Encenação e Dramaturgia: Ana Almeida
07 JUNHO | SÁBADO | 21h30

Nasce da partilha de histórias pessoais e inquietações, articulada com factos da atualidade.

Criou-se um jogo. O que é real? O que é teatro? E tu que memórias guardas?

M6 | 5 €* | [Informações/Bilheteira](#)

*Promoções: Bilhete-Família | Bilhete Sénior

[Newsletter Município de Sobral de Monte Agraço]

FICHA TÉCNICA

Encenação e dramaturgia

Ana Almeida

Elenco

Ana Ferreira

Bruna Gigante

Cláudia Santos

Filipa Santos

Gabriel Ferreira

Gonçalo Alves

Inês Miguel

Mariana Pinheiro

Matilde Cabrita

Vanessa Matias

Textos

Colectivo OIKOS

Figurinos e adereços

Colectivo OIKOS

Vídeos

Ana Almeida e Colectivo OIKOS

Operação de vídeo

Ana Almeida e Gonçalo Oliveira

Sonoplastia

Ana Almeida

Operação de som

Joana Almeida

Desenho e operação de Luz

Cine Teatro de Sobral de Monte Agraço

Assistência de produção

Ana Ferreira, Bruna Gigante, Cristiana Santos, Marisa Miranda e Gonçalo Oliveira

Registos fotográficos

Ana Almeida, Ana Rita Rosa, Bruna Gigante, Carolina Cabrita, Rafael Moraes,

Ricardo Rodrigues, Rui Ribeiro

Produção ATV (www.atv.pt)

Coprodução Teatro Cine de Torres Vedras e Cine-Teatro de Sobral de Monte Agraço



[Folha de Sala]

LUGARES DA MEMÓRIA REVISITADO

SINOPSE

Lugares da Memória Revisitado nasce da partilha de histórias pessoais e inquietações, articulado com factos da atualidade. Surge num tempo em que não há tempo, em que temos saudades do silêncio e precisamos sentir alguma coisa para provar que ainda estamos vivos...
Criou-se um jogo. O que é real? O que é teatro?
E tu, que memórias guardas?

BREVE HISTORIAL

A viagem ao Lugares da Memória teve início em Janeiro de 2013, começou com um Laboratório de Teatro intitulado OIKOS – Universos Habitados, pretendia partir do universo pessoal, da narrativa de memórias dos participantes e pesquisar diferentes códigos de comunicação.

Foram introduzidos diferentes indutores criativos com o objetivo de explorar o universo de cada um, aquilo que transporta em si, aquilo em que acredita, as suas histórias, as suas inquietações, as suas memórias, aquilo que o torna único e original.

Construiu-se um Lugar, Lugares da Memória foi apresentado a 7 e 8 de Junho de 2013 no Teatro Cine de Torres Vedras.

No dia 13 de Dezembro de 2013 também no Teatro Cine de Torres Vedras levámos a palco Lugares da Memória Revisitado, mais uma viagem ao nosso/vosso Lugar que construímos, uma espécie de Revisita, com um novo olhar e com novos universos a serem partilhados.

Lugares da Memória Revisitado termina agora numa terceira temporada, com algumas memórias novas, novos elementos e uma nova visão, que ano e meio permitiu realizar. Uma nova consciência do objeto artístico em si e com a mesma vontade de partilhar.

Depois de ter sido apresentado na Escola Superior de Teatro e Cinema é a vez de partilhar no Cine-Teatro de Sobral de Monte Agraço, que sempre nos acolheu muito bem.

Fechamos um ciclo, precisamente um ano depois de estrearmos. Mais de vinte pessoas passaram pelo projecto como intérpretes, deixando a sua marca no processo. Depois de ano e meio de viagem resta perguntar :

- E tu que memórias guardas?

Ana Almeida

Lugares da Memória Revisitado

Cine-Teatro de Sobral de Monte Agraço | 07 de Junho 2014 | 21h30

Folha de Sala

ANEXO D
[Registos Fotográficos]



[Laboratório de Teatro Oikos - Universos Habitados]



[Laboratório de Teatro Oikos - Universos Habitados]



[Momentos antes de entrar em cena, espírito de grupo, confiança e cumplicidade]



[Making Of: ensaios, aquecimento, produção]



[Making Of: ensaios, aquecimento, produção]



[Alguns objetos de *Lugares da Memória*]

Fotografias de cena de
Lugares da Memória





[Fotografias de Cena de *Lugares da Memória*]



[Fotografias de Cena de *Lugares da Memória*]



[Fotografias de Cena de *Lugares da Memória*]



[Fotografias de Cena de *Lugares da Memória*]



[Fotografias de Cena de *Lugares da Memória*]



[Fotografias de Cena de *Lugares da Memória*]



[Fotografias de Cena de *Lugares da Memória*]



[Fotografias de Cena de *Lugares da Memória*]



[Fotografias de Cena de *Lugares da Memória*]



[Fotografias de Cena de *Lugares da Memória*]



[Fotografias de Cena de *Lugares da Memória*]



[Fotografias de Cena de *Lugares da Memória*]



[Fotografias de Cena de *Lugares da Memória*]



[Fotografias de Cena de *Lugares da Memória*]



[Registo fotográfico do momento de diálogo com o público no final das apresentações]

ANEXO E

[Conversas com o público após
apresentação de Lugares da Memória]

Registos de conversas realizadas após espetáculos, transcritas através de registo videográfico.

13 DEZEMBRO DE 2013 | TEATRO CINE DE TORRES VEDRAS

[51 minutos à conversa com o público após espetáculo]

“Quem fez a escolha dos textos? Como escolheram os temas?” Público

“Vocês são todos muito expressivos, parabéns! É um grupo muito homogéneo” Já vi grandes espetáculos, grandes monólogos com atores profissionais e não gostei tanto, amei o vosso teatro.” Público

“Eu reparei que sempre que colocavam ali um objeto viravam a ampulheta, qual era a ideia que queriam transmitir?” Público

Resposta Ana Almeida: *“a ideia é marcar a passagem do tempo e a mudança da memória”*

“Por ser um grupo tão novo, tão jovem, são capazes de o fazer, tal como há pouco mostraram nas questões que apresentaram, gostaria se pudessem, assim de rajada sem pensar, o que sentem quando terminam uma peça? Só numa palavra.”

Respostas dos intérpretes: *“Rápido, alívio, saudade, já acabou, cheia de calor, uau!, orgulho, até correu bem, nostalgia, realização, é só?, felicidade, chocolate, agradecimento, nervos... agora é que estou nervosa.”*

“Não tenho uma pergunta para fazer, tenho algo para vos dizer, a todos, aquilo que vos trouxe até aqui, a essência, a energia, façam isso na vossa vida, em tudo o que fizerem, naquilo com que sonharem.” Público

“Antes de mais parabéns pelo vosso espetáculo, foi excelente. Tendo em conta que estas memórias foram rebuscadas em alguns baús, que fazem notar alguma sensibilidade, e algumas histórias muito delicadas, como foi gerir esses sentimentos durante os ensaios?” Público

Resposta Ana Almeida – *“Esta metodologia de trabalho acaba por ser muito gratificante e une muito as pessoas. Devo dizer que houve alturas que fiquei com o nó na garganta e às vezes a lágrima fica ali quase a sair, houve ensaios mais difíceis, outros mais fáceis, mas a partilha foi muito boa. Depois temos a arte, para fazer levantar qualquer coisa, daquela memória, para torna-la arte e transformá-la noutra coisa, sobretudo isso, uma espécie de catarse, passou a ser outra coisa, eu acredito que sim. Não foi fácil, nunca é, porque tem de se gerir catorze predisposições para além da minha, catorze crises às vezes. Acabo por ter que gerir, algumas emoções e por vezes eles fazem uma certa resistência, por insegurança, mas depois deixam-se ir, e é maravilhoso ver isso. Não é fácil, mas é extremamente gratificante e foi isso que vocês viram aqui, essa entrega essa generosidade da parte deles é qualquer coisa que nos enche.”*

“Gostava de dar os parabéns ao elenco e à Ana pelo excelente trabalho, gostei. Achei muito interessante o trabalho, e achei que o que fizeram com as vossas memórias, foi um trabalho com muita simplicidade e trataram de coisas que quase todos nós sentimos e acho que isso foi muito bem realizado. Eu identifiquei-me muito com a parte dos medos.” Público

“Eu confesso que gostava muito de ter uma pergunta, mas de momento não me ocorre nenhuma, de qualquer forma não queria deixar passar a oportunidade de dar um grande parabéns e um agradecimento muito especial, porque de facto não deve ser fácil, nem para vocês estar aí desse lado confrontados com esta gente toda, nem para a Ana que sente de certeza essa responsabilidade toda, não só da tua parte, mas da parte de todos os outros, mas de facto valeu a pena e obrigado por terem corrido todo esse risco. No fundo sei que todos vocês cresceram muito e isso também é a parte interessante. Nós, também acho que crescemos todos um bocadinho e de facto foi fantástico, obrigada e parabéns!”

Matilde Rebelo [Presidente da Direção do Académico de Torres Vedras]

“Só uma pergunta... projetos para o futuro? Este grupo vai continuar? Vai continuar a fazer este espetáculo? Existe essa vontade? Foram muitos meses de trabalho, só para um espetáculo.” Público

“Como é que funciona? São de várias escolas? São de uma escola? Os ensaios são com que periodicidade? Quando abrem as inscrições?” Público

“Vocês enquanto grupo, ou mesmo a nível individual, têm preferência por algum tipo de teatro?” Público

Resposta da intérprete Laura Vargas – “Antes de vir para cá, o meu tipo de teatro favorito era o teatro de revista, porque basicamente era o único que eu alguma vez tinha visto na minha vida. Não é que hoje em dia seja muito habitual as pessoas irem ao teatro, é mais habitual ir ao cinema. Mas agora digo que estou aberta a novas abordagens. Descobri que não há só teatro de revista, há muita coisa que se pode colocar em cima de um palco.”

Resposta da intérprete Ana Maria Ferreira - “Eu acho que quando nós experimentamos um género, seja ele qual for, nós queremos fazer mais e descobrir mais e explorar novos caminhos. Eu comecei há cerca de 3, 4 anos com a Ana e agora estou a tirar uma Licenciatura em Teatro, eu quero descobrir mais. Eu sinto uma grande necessidade de experimentar, acho que nós queremos sempre explorar coisas novas.”

“Continuando um pouco com algumas perguntas que já foram feitas, na vossa opinião, eu já percebi que vocês são novatos, alguns começaram há pouco tempo nisto e acredito que será talvez o primeiro tipo de registo, ou primeira experiência em palco. A pergunta é dirigida a todos vocês, acham que será mais fácil interpretar um papel como interpretaram agora, baseado nas vossas memórias, vivências, nas histórias que foram sendo partilhadas entre vocês no grupo, ou se fizerem uma coisa mais desafiante, uma coisa mais aprofundada, criar uma personagem, interiorizar uma personagem acham que vão se sentir mais às aranhas ou se sentem mais à vontade neste tipo de registo.” Público

Resposta da intérprete Matilde Cabrita – *“Já tivemos uma experiência no projeto anterior no Lugares da Memória, em que nós tínhamos de criar as nossas personagens e basicamente criámos na nossa mente, o perfil da personagem, o tipo de roupa, psicologicamente, fisicamente e depois trabalhámo-la com improvisações, fizemos um questionário, como se fosse quase um B.I. da personagem.”*

Resposta da intérprete Laura Varges – *“Eu vejo duas coisas. Quando nós só temos uma personagem para desenvolver, é essa personagem, somos a personagem e a personagem somos nós. Aqui, tudo bem não tínhamos um trabalho muito profundo de cada personagem de cada cena, mas muitas vezes era uma personagem diferente em cada cena, havia cenas em que tínhamos uma personagem que era uma criança, mais marota, outras tínhamos que vestir a personagem daquela memória que estava a ser dita, bastante mais dura. Há um choque quando não somos sempre a mesma coisa, temos de passar por diferentes personagens e estados de espírito.”*

Resposta da intérprete Matilde Cabrita – *“Na minha opinião eu acho que ambos têm o mesmo peso. Eu, a Ana Maria e a Cristiana já trabalhámos uma peça em que tínhamos de fazer várias personagens e que outros também faziam.”*

“Então queria vos pedir que olhassem para a direita, aqueles que consideram o mais importante, o que vos marcou mais foi o processo e para o lado esquerdo aqueles que acham que foi o dia de hoje que teve maior peso para vocês.” Público

NOTA: A maioria do grupo olhou para o lado direito.

“Boa noite! O meu nome é Mafalda, gostava de vos dizer que eu tenho 35 anos e que quase tudo o que vocês representaram, eu já vivi e foi muito interessante e muito rico, eu gostava de vos dizer isso, sou um bocadinho mais velha do que vocês, mas de facto há memórias que são de todos. Gostava de vos dizer que talvez aquelas coisas que vocês achavam mais tolas e que não se encaixavam

tão bem, para mim encaixaram-se na perfeição, foi quase a maioria, quase na totalidade. Muitos parabéns!” Público

“Muito boa noite! Queria dar-vos os parabéns pelo espetáculo e a segunda pedir a autorização, não sei se já existem fotos ou não, desta parte aqui do cenário que achei bastante interessante e queria pedir autorização se posso utilizar para um trabalho.” Público

“Quero dar-vos os parabéns a todos, pelo vosso espetáculo. Queria dizer a todos que o trabalho de entrega, não há trabalhos menores em teatro, não é maior fazer um personagem, não é menor ser intérprete, não é mais importante falar de si, pela vossa voz, ou falar de si pelo Ibsen ou por Shakespeare. Portanto agradeço muito o que vocês fizeram aqui e vimos também o impacto que teve no público, a entrega que tiveram, o trabalho enorme que a Ana teve convosco de escuta de dramaturgia, há aqui muito trabalho de encaixe, a música. A música também fala muito neste espetáculo, os objetos e também a forma como vocês estavam em cena, a ocupação do espaço foi muito bonita, o respeito que vocês tiveram uns pelos outros. Outra coisa que estiveram fantásticos e é muito difícil na vossa idade e na nossa, estamos sempre a aprender na vida foi a contenção em cena. Vocês conseguiram conter-se, tiveram muita energia, mas conseguiram conter a energia, isso para nós passava muito e é muito bonito ver isso na vossa idade, mas sobretudo a entrega e a autenticidade que vocês tiveram. Gostava de colocar uma pergunta ao grupo que é, o que é que foi? Não têm de responder todos, três ou quatro, mas peço para partilhar connosco aqui o que foi para vocês viver este processo? O que é isto do Teatro? Que Teatro foi este para vocês, o que é que vocês aprenderam, o que é que vos deu? Se tivessem que dizer em três ou quatro frases, quem quiser, só para partilharem aqui um pouco connosco.”

Professora Rita Wengorovius [ESTC – Teatro e Comunidade]

Resposta da intérprete Laura Varges – *“Foi um processo de crescimento, para além de entrar e adaptar-me a um grupo que eu não conhecia, foi um processo de crescimento enorme. Eu no início e estou a falar a sério, eu no início era muito*

mais desconcentrada, quase que imatura. Eu estive no primeiro Lugares da Memória e desse Lugares da Memória para este ui... Neste eu não me esqueci de nada, no outro nem vos digo nem vos conto, neste estava tudo ali.”

Resposta da intérprete Matilde Cabrita – *“Quando temos dias mais difíceis, por exemplo na escola, que aquilo já começa a ser uma seca, é tudo muito monótono, ou recebemos uma nota má e de repente chegamos ao ensaio de teatro e sentimo-nos dentro de uma família e expulsamos tudo cá para fora e sentimos bem e saímos bem, dormimos bem e no outro dia as coisas correm melhor.”*

Resposta do intérprete Gonçalo Alves – *“Eu acho que durante todo este processo, foi muito cativante e de certa forma fez-nos crescer a todos mesmo, os que entraram em Janeiro, os que entraram a meio, os que entraram em Setembro e há ainda quem tenha entrado há um mês e meio, acho que nos fez crescer todos. Houve desafios e houve partilhas de histórias complicadas, houve partilhas de histórias quando nós eramos crianças e partilhámos convosco algumas memórias que todos já vivemos. E fazer lembrar uma memória comum a toda a gente é bom e faz-nos sentir sempre alguma nostalgia.”*

Resposta da intérprete Bruna Gigante – *“Eu na minha opinião, acho que depois deste processo dei um bocadinho de mim. Um dia mau, chegamos ao teatro e temos uma Ana Almeida a colocar-nos para cima, acho que é muito bom, é muito bom o processo, é muito melhor do que estar aqui só no palco.”*

Resposta da intérprete Cristiana Pinto – *“Eu discordo, eu acho que o processo é agridoce, a seleção do que é que vai para palco é perturbadora, o desafio é aqui em cima e sentir que vale a pena ou que não vale a pena ou será que é bom, será que é suficiente. Será que vão gostar, isso é que é assustador, agora o processo todo é o descobrir, e é muito isso que eu gosto no teatro, é a capacidade de nos encontrarmos, de nos descobrirmos, como pessoas, como intérpretes, como personagens.”*

Resposta do intérprete Pedro Gomes – *“Eu entrei há um mês e meio, enganei-me na porta e fui lá dar, a primeira vez que eu fui a uma sessão, foi um dia estranho. O que aconteceu foi que estávamos essencialmente a revelar histórias, fechámo-nos numa sala às escuras e foi estranho porque foi com um grupo de pessoas em que eu não conhecia quase ninguém consegui sentir-me incluído. Esse sentimento de inclusão manteve-se desde esse momento até agora e acho isso foi uma coisa espetacular. Como a Cris falou a questão do fator agridoce no teatro, é um bocado, nós estamos exaustos com três horas de teatro e ficamos ainda mais cansados e no dia a seguir temos um teste de físico química e isso às vezes é um bocado difícil. Mas depois há aqueles momentos, em que houve partes do teatro que foram criadas em sessões, nós estávamos a parvar uns com os outros e a Ana chegou lá e disse - É pá isso tem piada, bora meter isso. Ou quando nós nos enganávamos e a Ana dizia vamos manter isso e depois aqui no palco também é engraçado, porque ao longo da peça houve momentos em que fomos aos extremos entre cenas engraçadas e cenas profundas. Para o pessoal mais jovem, todo o adolescente teve uma noite em que olha para o telemóvel e vê que horas são e está com os amigos e tem dezasseis chamadas não atendidas da mãe e a vida para ali. Nós apanhamos um cagaço e estamos à espera de entrar na porta de casa e está a mãe com a caçadeira, ainda bem que nós não temos caçadeira em casa. Algumas cenas são espetaculares de presenciar, de fazer parte e foi tudo isto, estou aqui há um mês e meio.”*

“Ao Pedro do mês e meio é para dizer que te enganaste na porta certa, parabéns por isso.” Público

“Como em qualquer situação em que estejamos na nossa sociedade e nos tempos que correm isso é necessário, só pergunto, vocês sentem-se felizes?”

João Lemos [Pai da intérprete Ana Maria Ferreira]

Intérpretes – *“Sim!”*

“Como dizia o Raul Solnado “sejam felizes””.

João Lemos [Pai da intérprete Ana Maria Ferreira]

“Vou falar na qualidade de mãe, vou acompanhando o processo, porque gosto de acompanhar, embora não saiba o que é que vai acontecer, mas a Matilde sai de casa e sei para onde vai. Quero falar o quanto isto é positivo, quando todos eles têm um processo, alguns dele que eu acompanho e o quanto a minha filha tem crescido e queria agradecer à Ana que tem um enorme peso para que tudo isto possa acontecer, desta união e mesmo quem chega há um mês e meio sentir-se tão bem já. Quero agradecer a todos e a si.”

Dulce Silvério [Mãe da intérprete Matilde Cabrita]

“É só para dizer que o pessoal do Júlio de Matos gostou muito.” Público

Resposta de Ana Almeida – *“Deixem-me só explicar, o pessoal do Júlio de Matos é o pessoal das quintas-feiras. É um projeto que foi abraçado pelo Colectivo Meia Dúzia de Oito, do qual faço parte. Foi criado e proposto pelo Ricardo Rodrigues. Daqui a uma semana vão estar também em cena, na Escola Superior de Educação às 21h, é um projeto muito semelhante a este, no sentido em que parte de memórias e há um cruzamento com o universo do Doutor João dos Santos e há aqui uma semelhança apesar do resultado ser um objeto artístico diferente. O grupo é composto por educadores, pessoas ligadas à área de saúde, terapeutas, psicólogos, enfermeiros, designers é um grupo maior que este, em número e maior na idade, com uma experiência de vida diferente.”*

“Antes de mais os meus sinceros parabéns a vocês atores e à vossa encenadora e diretora. Trabalho há muitos anos com jovens da vossa idade e hoje chorei, chorei mesmo. Eu emocionei-me várias vezes ao longo do espetáculo. Precisamente porque aqui joga-se com as memórias, com a identidade. Que são memórias universais, a infância principalmente e estiveram fantásticos e eu subscrevo o que a professora Rita disse, na forma de contenção e de maturidade. Em momentos diferentes surpreendem muito mesmo pela positiva. Mas eu gostei muito, foi quando vocês vieram aqui com as lanternas, foi muito bonito mesmo. Mas eu chorei não foi por me apontarem a lanterna aos olhos, foi um culminar de uma série de emoções deste espetáculo, tocou em mim por vários aspetos. Eu

também estou a estudar Teatro e Comunidade e a minha pergunta é sobre Teatro e Comunidade. Depois, porque trabalho há muitos anos como vos disse com jovens da vossa idade e sinto que é muito difícil e depois porque sou mãe. E há muitos momentos em que nos questionamos o que é que nós vos vamos ensinar, que legado é que vos deixamos, que esperança. Quando por vezes nós próprios balançamos e não sabemos que caminhos seguir e aí a Ana foi absolutamente fantástica e não perder o foco e conseguir move-los é fundamental, é lindo, é maravilhoso e foi muito bem conseguido, muitos parabéns. A minha pergunta é vocês estão a fazer Teatro e Comunidade ou sabem o que é Teatro e Comunidade? É uma pergunta que pode ser respondida por vocês ou pela Ana.”

Público

Intérpretes – *“A Ana responde... A Ana e que está a tirar o mestrado.”*

Resposta de Ana Almeida – “Teatro e Comunidade. Se isto é Teatro e Comunidade? Essa questão acompanha-me durante cerca de ano e meio e em que ponto é que eu consigo definir se isto foi Teatro e Comunidade. É uma comunidade de interesse. A forma como consigo diferenciar entre o Teatro e Comunidade e o Teatro Amador prende-se com a forma e a metodologia empregue. Eu não coloquei palavras nas bocas deles, foram eles que se expressaram, é o teatro que dá voz. O que se passa dentro daqueles universos, o Laboratório que iniciou o projeto chamava-se OIKOS – Universos Habitados e eu acredito que cada um de nós transporta em si um universo que é composto por memórias, por pessoas que passam pela nossa vida, são experiências. A minha função foi tentar retirar esses universos através da arte, através do teatro. Se é Teatro e Comunidade? Para mim é, mas eu não gosto de me agarrar a conceitos eu gosto de me agarrar à prática e aquilo em que eu acredito. Aquilo que eu acredito foi isto que vocês acabaram de ver. São estes catorze jovens, foi o que aconteceu em palco, é aquilo que acontece nos ensaios, nas sessões. Para mim é Teatro, o resultado, o processo em si foi extremamente enriquecedor, houve cenas que por muito que tentássemos não vamos conseguir reproduzi-las, porque foram tão especiais e bonitas. É Teatro e Comunidade aquilo que vos oferecemos nesta hora e vinte

minutos, é o resultado desse esforço, desse caminho, desse percurso que foi feito por nós. É Teatro Comunidade, é Teatro Amador é Teatro com amor, isso é de certeza.”

“Eu gostava de vos ouvir, no sentido de perceber, porque todos nós percebemos que Torres Vedras está aqui, eu quero saber onde se compram os pastéis de feijão, e isso é intencional e o que eu queria perceber era em que medida é que eles se dão conta disso.” Público

Resposta de Ana Almeida – *“Eles dão-se conta porque nós normalmente discutimos bastante. Eu sugiro e às vezes tenho de sugerir várias vezes até alguém aparecer com um texto. E sim eu pensei vamos alargar a nossa escala à cidade. O que é a cidade? Para além de dar a voz e analisar o que caracteriza a cidade, tentamos valorizar a nossa cidade, aquilo que é nosso e aquilo que é partilhado com todos nós. É intencional é, nada do que aqui está aconteceu por acaso. Muita discussão muita conversa, às vezes depois do ensaio, há uma partilha muito grande, nada foi imposto.”*

“Têm é de fazer mais vezes.” Público

Resposta de Ana Almeida – *“Espero que sim eu queria, eles gostavam... vamos ver...”*

“Nós fazemos o convite em nome da Escola Superior de Teatro e Cinema.”

Professora Rita Wengorovius [ESTC – Teatro e Comunidade]

20 MAIO 2014 - GRANDE AUDITÓRIO DA ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

[30 minutos à conversa com o público após espetáculo]

“Como é que é para vocês pegarem em coisas íntimas, vossas, como é exporem-se assim, é bom para vocês, se é uma boa forma de estar, como é darem-nos a nós, tendo em conta que vocês não nos conhecem?” Público

Resposta da intérprete Matilde Cabrita – *“É bom, porque às vezes há pessoas que partilham as mesmas questões que as nossas, eu por exemplo tenho uma cena em que conto a história da caixa, haverá alguma pessoa que assiste que se vai lembrar de algo parecido que a mãe lhe disse e de certa forma sentem-se ligadas a nós. Não somos só nós que viajamos no tempo e nas nossas memórias mas o público também.”*

Resposta da intérprete Ana Maria Ferreira - *“Não nos custa assim tanto, porque acabamos por não sermos nós, até porque há algumas histórias que não são nossas e é mais fácil porque não levamos tanto de nós para a cena e acabamos por ser outra coisa, que também não é uma personagem.”*

Resposta da intérprete Bruna Gigante – *“Ao início é uma coisa um pouco desconfortável, mas depois torna-se em algo bom, partilhar com as pessoas algo que elas mesmas tenham vivenciado ou algo semelhante. A minha história, a que eu contei, deve ser igual a de muita gente, pode ser um Zé das Molas, pode ser o Senhor do Saco.”*

“O que é que a levou a trabalhar com adolescentes dos 14 aos 24? Porque não foi com mais novos nem com mais velhos?” Público

“Vocês trabalharam com memórias para este espetáculo, a questão que gostava de vos colocar é que memórias é que ficam do espetáculo que apresentaram agora? Numa palavra.” Público

Resposta da intérprete Ana Maria Ferreira - *“Pânico.”*

Resposta da intérprete Matilde Cabrita – *“Uma palavra só não chega... felicidade por ter cumprido mais uma peça, depois quando acaba fico um bocado triste, porque já acabou.”*

Resposta da intérprete Filipa Santos – *“Stress, alívio, mas sabe bem receber a reação do público.”*

Resposta da intérprete Bruna Gigante – *“Foi curto, foram algumas horas de espera, alguns ensaios e no entanto já está.”*

Resposta da intérprete Inês Miguel – *“Eu estava nervosa, mais nervosa que eles todos, e depois quando terminámos senti um alívio enorme.”*

Resposta da intérprete Cláudia Santos – *“Eu estava nervosa, era a minha estreia, mas foi bom sentir a reação do público, tentei fazer o meu melhor e acho que correu bem.”*

Resposta do intérprete Gabriel Ferreira – *“Antes de começar fico sempre um pouco nervoso, fico sempre com um bocado de receio, mas quando acaba sinto-me realizado.”*

Resposta do intérprete Gonçalo Alves - *“No início é sempre muito assustador, mas depois chegamos ao fim e sentimo-nos realizados e sentimos que queremos fazer mais e melhor e sentimo-nos sobretudo felizes e é por essa felicidade que continuamos e estamos aqui.”*

Resposta da intérprete Mariana Pinheiro - *“Durante o espetáculo é uma correria, temos de ver o que falta, qual a cena a seguir, eu acho que só depois quando acaba é que nós sentimo-nos realizados e um alívio enorme.”*

“Eu tive o privilégio de assistir a todas as outras apresentações e a memória que eu levo comigo, é um misto de sensações, porque apesar de ser a quarta apresentação que vocês fazem. Eu rio e choro em todas e há cenas que são repetidas e eu já sei o que vai acontecer, e vocês têm esse dom, de me fazer chorar e rir durante uma hora e meia, e eu acho isso fabuloso. Especialmente por tratarem de memórias transversais, atuais e que de uma forma ou outra batem-

nos à porta ou vivem ao lado. Quero dar-vos os parabéns e agradecer por isso, pelas sensações que me têm feito sentir ao longo dos vossos espetáculos.”

Cláudia de Carvalho [Mãe do intérprete Gabriel Ferreira]

“Eu fui ao Teatro no Sábado, ao São Luís e foi aqui que me senti mais tocada profundamente, porque acho que chega até nós, vocês conseguem passar mensagem.” Público

“Parabéns a todos, quero felicitar-vos pelo excelente trabalho que apresentaram. Há duas questões que gostava de realçar, que eu acho que são questões do teatro, que quando é feito com uma determinada atitude nos ensina inclusive para a vida. Eu acho que aqui vocês conseguiram atingir esse nível. A primeira, é que o facto de olharmos para cena e perceber que durante todo o espetáculo há um coletivo, um grupo de pessoas que trabalham com um grande respeito pelo teatro, com um grande respeito pelo outro e quando digo o outro, digo o colega com quem contracena e o público e isso é realmente muito feliz. Porque tal como na vida o teatro, só é possível quando o coletivo trabalha mediante o mesmo propósito, com um grande respeito mutuo, com uma grande vontade de construir junto e por isso é tão forte. Muitas vezes vamos ver espetáculos profissionais, com atores fantásticos, com textos fantásticos, com cenografias fantásticas, com desenhos de luz fantásticos, mas aquilo não funciona, mas porquê? Por uma razão simples, porque as pessoas estão a ver a arte neles e não a verem-se na arte e isso é um problema. Por isso dou-vos os parabéns, é esse o espírito certo. Nós como público, nós de uma forma às vezes inconsciente aprendemos e levamos para casa. Por outro lado queria também felicitar-vos por uma coisa que é o rigor. Muitas vezes, e foi uma conversa que eu que também fui aluno da professora Rita Wengorovius e nós falámos muito sobre isso, é que este tipo de projetos, mais de índole comunitária, muitas vezes o rigor da direção de atores fica um bocadinho aquém. E mediante o contexto, porque temos de saber contextualizar, acho que há um cuidado muito grande quer da parte de quem dirige quer da parte de quem faz, em que seja um trabalho feliz, limpo e no meu entender é claro, esse objetivo também foi bastante alcançado. É um espetáculo com um grande rigor técnico,

quer ao nível da encenação, da direção, quer ao nível da interpretação parabéns também por isso. E depois queria lançar-vos uma pergunta, porque a memória é um músculo, que nós exercitamos também, e o interessante, independentemente da questão emocional, é que ao ver o vosso espetáculo eu voltei a recordar histórias minhas que já estavam apagadas. O que é engraçado, eu estava a ver o vosso espetáculo e o meu cérebro começou a ir para acontecimentos da minha infância, que eu acho que já não me lembrava. A nossa identidade cultural é aquilo que nós vimos aqui, mais do que a história cronológica. Os momentos de cultura, quando falamos de cultura é algo muito abrangente, é a nossa verdadeira identidade, é aquilo que nos constitui enquanto pessoas. Ao contrário do que hoje em dia dizem as pessoas que nos governam, que acham que são as finanças, são os mercados. Não, é a nossa identidade em Portugal que nos faz realmente enquanto pessoas, como um coletivo, enquanto pessoas enquanto gente, a comunidade que existe. Eu gostaria de vos perguntar se com este trabalho, ao exercitarem esse músculo, que é a memória, se vos surgiram histórias que vocês já não se lembravam e se isso foi importante para a vossa identidade? Para a vossa existência, para a vossa personalidade? “Público

Vários intérpretes – *“Eu acho que sim.”*

Resposta da intérprete Ana Maria – *“Nós na primeira fase, cada um ia contando uma história e era através dessa história que nós também nos íamos lembrando da nossa história. Lá está ao ouvir outras histórias fez-nos relembrar as nossas histórias, não foi imediato.”*

“Eu sou a mãe de um deles e a recolha das memórias também foi dirigida à família, a Matilde fazia o trabalho de casa, chegou a pedir histórias aos pais, portanto todos nós também fizemos esse exercício, todos nós fomos rebuscar as nossas memórias, e as histórias que eles contam. Houve todo esse exercício de memória não só deles, mas também para as famílias. As fotografias que apareceram deles também ilustraram memórias que lembrámos.”

Dulce Silvério [Mãe da intérprete Matilde Cabrita]

“É um gosto e um orgulho muito grande ver-vos no palco e perceber que por detrás desse trabalho que mostram, há uma dedicação muito grande, uma evolução muito grande, com memórias diferentes, porque todas as sessões são diferentes, estão cada vez mais ricas. É bom perceber essa evolução, é um orgulho muito grande.”

Matilde Rebelo [Presidente da direção do Académico de Torres Vedras]

7 JUNHO 2014 - CINE TEATRO SOBRAL DE MONTE AGRAÇO

[25 minutos à conversa com o público após espetáculo]

“Houve vários momentos altos neste trabalho, como foi encaixar as diversas cenas? Porque o espetáculo flui.” Público

“Como foi o processo de criação das cenas?” Público

“O que é que vocês estão a sentir neste preciso momento?” Público

Respostas dos intérpretes - *“Alívio; concretização; saudade; já acabou... agora não há mais... é dececionante ser o último, porque deixa sempre saudade.”*

Resposta do intérprete Gonçalo Alves - *“Eu acho que por ser o último... tudo bem que todos os finais são sempre um iniciou de outra coisa, mas foi um ano e meio, há um ano e meio atrás a minha vida era bastante diferente do que é hoje. Eu estava desempregado, tinha montes de tempo e agora as coisas não são assim e ainda bem, vamos combater a crise. Eu acho que todo este processo fez-nos crescer quer a nível do teatro, quer a nível pessoal, acho que todos nós aqui tornámo-nos pessoas melhores.”*

“O que é que vocês sentiam antes de abraçar este projeto e como se sentem agora no fim? Contribuiu de algum modo para vocês crescerem, como? Acharam que valeu a pena?” Público

Resposta da intérprete Ana Maria Ferreira - “Para começar já não estou tão nervosa, já não fico nervosa antes do espetáculo, já começo a ouvir o público a entrar a tentar reconhecer as vozes, agora já me sinto muito mais preparada.”

“Sentem alguma coisa diferente na vossa vida, sentem-se mais à vontade não só no palco mas na vida em geral? Se conseguem libertar-se mais, comunicar melhor?” Público

Resposta da intérprete Filipa Roque - “Sim. Eu quando entrei, eu tenho a mania de falar muito rápido, quando sei o que quero dizer e apesar de continuar um pouco assim, já melhorei um bocadinho. E agora dá-me mais prazer ouvir a história das pessoas, acho que sou uma melhor ouvinte. Cresci, cresci bastante, tenho outra mentalidade e acho que este projeto fez bem a todos.”

Resposta da intérprete Ana Maria Ferreira - “O que eu acho que ganhámos mais foi consciência, ouvir o outro, prestar atenção, estar mais atento em tudo, aqui e lá fora.”

Resposta da intérprete Matilde Cabrita - “No início do projeto, nós fazíamos exercícios, por exemplo que era para entrarmos todos ao mesmo tempo, ao mesmo passo e a Ana dizia-nos “oiçam-se uns aos outros” e nós pensávamos, mas como é que nos ouvimos uns aos outros? E agora no final já percebemos, pelo menos eu já percebo o que é que a Ana queria dizer.”

“Eu assisti às cinco apresentações, e em todas elas vocês conseguiram transportar para cá, uma energia muito grande, a energia quando é para rir e achamos imensa piada, logo na cena seguinte chorar, porque eu chorei as vezes todas. E de nos fazer recordar memórias que todos nós temos e estou desejava para ver o próximo trabalho Ana, porque este de facto foi brilhantes e todos vocês

estiveram extraordinários, muito obrigada por todos estes momentos, porque me senti uma espectadora privilegiada.”

Cláudia de Carvalho [Mãe do Intérprete Gabriel Ferreira]

“Eu não estive nas cinco apresentações, mas assisti o número suficiente para perceber a evolução ao longo de todo o processo. Para perceber o excelente acolhimento que vocês dão aos elementos novos, que acabamos por saber quem são porque a Ana nos diz, porque se não, não nos apercebíamos. Quero em nome do ATV agradecer a vossa entrega, o vosso trabalho, a vossa dedicação, a vossa arte e continuamos ansiosos pelo próximo trabalho e é um gosto ter-vos connosco.”

Matilde Rebelo [Presidente da direção do Académico de Torres Vedras]

ANEXO F

[Registo Vidiográfico de Lugares da Memória - 2 DVDs em anexo]